

OGE estará
no Parlamento
a 7 de Dezembro

Rebello de Sousa na mira da Oposição

O diploma do Orçamento Geral de Estado será entregue no Parlamento no dia 7 de Dezembro, segundo anunciou o Governo na reunião dos líderes dos Grupos Parlamentares. Esperado com expectativa, o OGE será a «prova» de fogo para o II Governo de Pinto Balsemão. A aprovação do Plano e Orçamento está prevista para a próxima reunião do Conselho de Ministros, que se efectua amanhã.

Numa reunião de deputados da Maioria AD, o ministro das Finanças, João Salgueiro, informou os deputados das principais directrizes do OGE: restrições e mais restrições, aumentos de cargas fiscais. Um panorama difícil para uma AD que começa a estar em dificuldades. Prevê-se que, no debate do OGE, um dos homens a «massacrar» pela Oposição será precisamente o secretário de Estado Marcelo Rebello de Sousa, o «criador de factos políticos». Isso mesmo já foi evidente, na última intervenção no Parlamento, de Octávio Teixeira (PCP). A criação de «factos políticos» servirá como «mote» a grande parte da argumentação de Oposição que irá denunciar os «factos políticos» como subterfúgio para a ausência de «actos» governamentais.

Continua na pág. 24

Revisão constitucional em causa

Há um acordo formal entre o PS e a AD

— acusa Vital Moreira

Assiste-se, na Comissão de Revisão Constitucional, a uma encenação bem preparada acusa o deputado comunista, Vital Moreira, em declaração pessoal, sobre o acordo a que terá chegado o PS e a AD para a revisão do texto constitucional.

A primeira expressão desse acordo — diz Vital Moreira, foi o entendimento acerca da designação das chefias militares. Subitamente — prossegue Vital Moreira — a AD começou a abandonar, sem justificação, algumas propostas suas, para aderir a propostas do PS de sentido oposto. Ao

mesmo tempo, o PS manifesta uma extrema compreensão pelas propostas ou contrapropostas da AD.

Os protagonistas desse entendimento, na Comissão de Revisão Constitucional são Almeida Santos (PS), Luís Beirão (CDS) e Sousa Tavares (PSD). Mas, conclui Vital Moreira, é já agora evidente, que eles são porta-vozes de um acordo formal, não tácito, mas sim expresso, em que tiveram intervenção conjunta, Mário Soares, Freitas do Amaral e Pinto Balsemão.

Os contornos da existência desse acordo foram evidentes

a partir da discussão das nomeações das chefias militares. Até essa altura, havia uma prática na comissão, que consistia em adiar para mais tarde a discussão daquelas matérias que provocassem grande controvérsia. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a Reforma Agrária.

A partir da questão das chefias militares, verifica-se que as questões polémicas estão a ser ultrapassadas na própria comissão. A AD, por exemplo, mostra-se inclinada a aceitar o Conselho Superior de Defesa

Continua na pág. 24



Arafat viaja pelas capitais árabes

Dirigente da OLP aceita o plano de paz saudita

Páginas centrais

Subiu 1,2 por cento, informa o INE

Desemprego atingiu 386 mil pessoas no primeiro semestre

O desemprego aumentou este ano em Portugal, atingindo no primeiro semestre uma taxa de 8,8 por cento e afectando em especial a população activa feminina, anunciou ontem o Instituto Nacional de Estatística (INE). O inquérito ao emprego feito pelo Instituto mostra que no primeiro semestre deste ano o desemprego atingiu cerca de 386 mil pessoas (8,8 por cento), quando no semestre idêntico de 1980 esse número era de 320 mil (7,6 por cento). O INE acrescenta que o desemprego «atinge fundamentalmente as mulheres, cujo número ascende a 276 mil desempregados» (71,9 por cento do desemprego). A actual taxa de desemprego em Portugal é superior à taxa global da Comunidade Económica Europeia (de 7,5 por cento no fim do primeiro semestre deste ano), mas fica abaixo dos índices registados na Bélgica (10,7 por cento), Grã-Bretanha (10,3) e Irlanda (10,1).

Central nuclear procura terreno

— revela relatório da EDP

Pág. 7



António Oliveira foi (ao lado de Meszaros) figura exponencial do duelo em Aivalade: milhares constataram o que o seleccionador desconhece

Porto e Sporting salvam a honra da “selecção”

Págs. 16, 17 e 18

Hoje há “Ler/ Escrever”

O nosso suplemento literário «DL ler/escrever», além de vários textos e noticiário diverso, insere uma entrevista com Luandino Vieira, evoca Céline, ocupa-se de Leiris, de Miró. Colaboraram Pedro Alvim, Jacqueline Platier, Júlia Maciel e, com um poema inédito, José Emilio-Nelson.



Luandino Vieira

Serviço Exclusivo

Le Monde

Diário de Lisboa

Para uma grande linha nacional de robots

O domínio da linha robótica contém todas as condições duma escolha industrial prioritária, quer seja em nome do seu papel produtivo, da sua capacidade de controlo de grandes circuitos de produção e de distribuição dos produtos, da existência de mercados-cativos consideráveis, internos e estrangeiros, e até a título da sua independência sobre a estrutura dos empregos.

Por linha robótica entende-se o conjunto das actividades (pesquisa, produção, difusão, utilização-formação) e da sua ligação cujo desenvolvimento se articula em torno dos novos meios de produção automatizada.

Num sentido lato, significa a constituição de sistemas de máquinas (máquina-ferramenta de comando numérico, robots dispositivo de carga - descarga, dispositivo de gestão e controlo dos maquinismos, dispositivo de controlo de qualidades dos produtos), cada elemento integrando funções confiadas à informática. O conjunto é gerido de forma centralizada por um sistema de comandos em tempo real. Esta linha compreende ainda as máquinas que concebem os produtos fabricados por estes sistemas (concepção por computador, desenho assistido pelo computador, programas de máquinas - ferramenta, etc.).

O robot industrial - instrumento necessário mas não suficiente na fabricação assistida por computador - vem formar o núcleo do desenvolvimento à volta do qual gira uma grande parte do futuro da produção automatizada e a partir do qual é possível conceber um novo ramo de produção.

A escolha industrial da «linha robótica» impõe quatro objectivos:

1) Construir a autonomia tecnológica e produtiva

Para enfrentar a concorrência das empresas multinacionais,

sobretudo das americanas (tais como Unimation, Cincinnati-Milacron) e japonesas (Kawasaki, Fanuc Fujitsu) parece que são sobretudo as empresas despojado do suporte dum grupo industrial poderoso que estão aptas a resistir ao cerco asfianante produzido pelo exterior.

É a situação da Renault. Para este grupo o desenvolvimento da sua actividade robótica baseia-se na articulação de uma quadrupla actividade de pesquisa - produção e comercialização - utilização - formação, apoiada num suporte financeiro simultaneamente externo e interno que não sofre limitações de rentabilidade a curto prazo. Esta modalidade tem valor de exemplo num momento em que a produção de automóveis está em vias de robotização; o seu controlo comporta uma dupla aposta: a estratégia de uma autonomia produtiva - que consiste em dominar na própria empresa a evolução dos processos de produção - e a estratégia de integrar, através do controlo de certos segmentos - chave dos novos sistemas de produção denominados «flexíveis».

São estratégias a longo prazo para as quais a autonomia tecnológica passa por uma importante pesquisa - desenvolvimento orientado para o controlo de sistemas em permanente evolução. Em contrapartida, as dificuldades encontradas pelos construtores de robots de tamanho médio - os fabricantes de robots de soldadura - podem ser de molde a favorecer a entrada de concorrentes estrangeiros, como o provam as tentativas de infiltração do grupo Mitsubishi.

Assim, entre os factores que concorrem para o arranque e manutenção de uma produção de robots industriais, a dimensão da empresa tem um papel preponderante: o orçamento e a capacidade de investigação, a capacidade de produção e de res-

Joel Le Quement
Michel Parent

posta ao mercado, dependem de.

Para já, a nível global, muitas bases do desenvolvimento de linha poderiam ser reforçadas:

- Fazer das estruturas de investigação o principal impulsor da inovação tecnológica. A grade força da «robótica» nacional é formada por uma rede de actividades de pesquisa densa e rica - cf. os polos regionais de pesquisa de Toulouse, Montpellier, Grenoble e Besançon.

- Reforçar o nível de coerência global das realizações «robóticas», «hard» e «soft». Deste modo, parece urgente reduzir o desequilíbrio que existe entre as numerosas actividades de gestão e de organização dos novos sistemas de produção por um lado, e por outro as realizações tecnológicas propriamente ditas, em número insuficiente.

Deste ponto de vista as estratégias estrangeiras concorrentes revelam uma evolução mais «sistemizada» para a realização de conjuntos multiaxiais flexíveis. Parece então necessário apoiar e organizar a aproximação dos fabricantes de máquinas, necessariamente complementares, em França e no interior da CEE.

- Controlar os processos de difusão e financiamento dos investimentos robóticos em todos os níveis da actividade industrial.

A gestão desta nova cadeia tecnológica passa via estatal. E, além disso, pressupõe um domínio mais completo do mercado.

2) Conquistar o mercado interno e as Praças fortes da exportação

Globalmente, a organização do mercado robótico é uma combinação hierarquizada de vários factores: R. e D., grau de extensão da gama, capacidade

de produção, preço de venda e preço operacional, rede de fabrico e de instalação, manutenção de postos automatizados e formação de clientes. A expansão da actividade robótica está portanto condicionada por uma combinação destes diferentes factores.

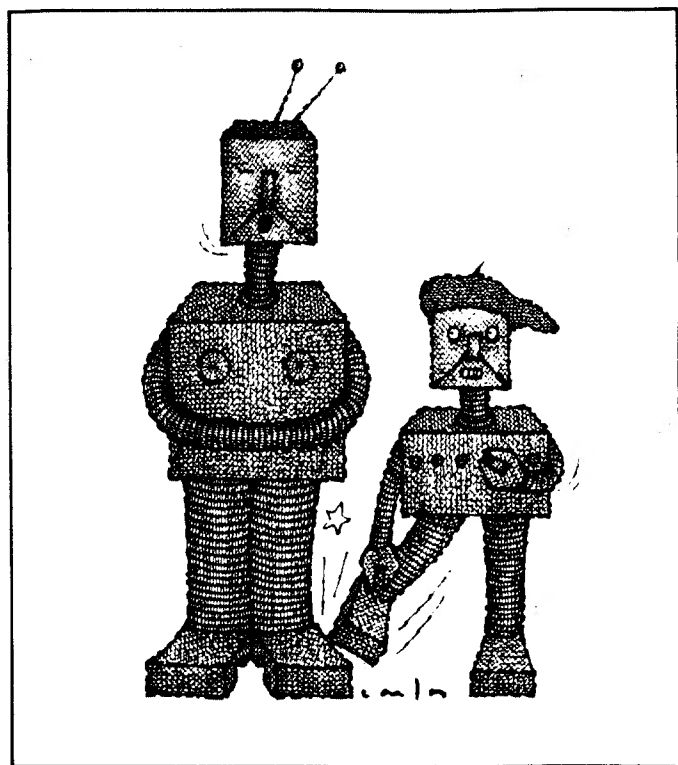
A recuperação, pelo menos parcial, do atraso no campo da produção e da comercialização precisa, no mínimo, de uma redução do preço dos robots, dum desenvolvimento da actividade comercial e um reagrupamento dos vectores de investigação, de concepção e de produção, e da sua integração em grupos industriais de grande envergadura.

Para já, ao nível das trocas internacionais, uma divergência marcada entre os preços internos e o preço das máquinas estrangeiras, arrasta um desequilíbrio muito forte da balança comercial deste equipamento.

Por isso é importante conhecer as capacidades de acção dos grandes construtores estrangeiros, avaliando de maneira sistemática os seus pontos fortes e os seus pontos fracos sob os ângulos do produto, do preço e dos mercados já conquistados ou em vias de o virem a ser. Convinha estabelecer um observatório das estratégias industriais seguidas pelos principais construtores mundiais de maquinaria.

3) Constituir uma alavanca específica no campo da criação de empregos

Ao desenvolvimento da «robótica», corresponde uma cadeia completa de novos empregos, principalmente de qualificação elevada - cientista, engenheiros - e média - técnicos,



operários especializados. Deve ser utilizada uma coordenação de movimentos a todos os níveis, principalmente para harmonizar políticas simultâneas de formação de trabalhadores e de distribuição de equipamentos.

Várias acções de cuja coordenação planeada resulta a certeza de emprego numa época em que os efeitos da desqualificação dos empregos repetitivos se torna problemática.

4) Conduzir à regularização social dos efeitos do progresso tecnológico

A robotização, produzindo um movimento paralelo de desqualificação e criação de empregos, faz ir pelos ares a estrutura tradicional do trabalho repetitivo e instaura uma estrutura de trabalho completamente nova.

A sua natureza conflituosa manifesta-se no movimento de derivação dos empregos, que leva a transformar a qualificação profissional do empregado - o trabalhador não especializado será ainda o ocupante do novo posto de trabalho. A organização

da regularização social necessita da neutralização dos efeitos da rejeição dos operários. Baseadas na medida e transferência de lucros, os termos e o conteúdo da regularização poderiam integrar a negociação de novas formas de protecção individual e colectiva dos trabalhadores não qualificados, quer no campo social - formação profissional, certificado de classificação - quer económico.

Aumentando o tempo de trabalho das máquinas, a robotização torna possível a compensação salarial, a diminuição do tempo de intervenção dos trabalhadores e assim a divisão dos empregos.

No entanto, é necessário reagir contra a monopolização deste poder tecnológico, por um número reduzido de países e de empresas multinacionais. Para a economia nacional é uma aposta à medida das suas possibilidades. Não há dúvidas de que a robotização tem aspectos de uma grande prioridade nacional.

* Autor de «Les Robots: enjeux économiques et sociaux».
* Universidade Paris-Sud estudos de informática.

Olh'ó Robot!

A Europa tem sido palco de acções espectaculares, desencadeadas por grupos políticos de pressão ou desespero, global, e genericamente considerados terroristas. Os Estados lançam mãos de leis de excepção, as polícias actualizam os ficheiros, experimentam novas técnicas, modernizam-se. Largos estratos de uma população afectada pela crise económica, preocupada em poupar tostões enfeudada à simplicidade informativa dos meios de comunicação oficiais ou oficiosos, temem pela sua segurança. Da crise económica à crise de confiança, numa sociedade baseada em pressupostos de rendimento, consumo e acumulação de mais valias, é um pequeno (e por vezes dramático) passo. O irracionalismo, de que são acusados os que perpetraram os ataques, é o mesmo que, do holocausto nuclear, dos abrigos que se vendem a

prestações, do medo à bomba, campeia pelas mentes dos cidadãos inseguros.

Na confusão dos espíritos, na dramatização da vida, vão-se esquecendo os motivos reais dos factos, políticos ou não, enveredando-se pela cumplicidade da delação, da vigilância, converte-se um pacato cidadão, em homem com medo, para depois o eleger a polícia, dele da sua família, de todos nós.

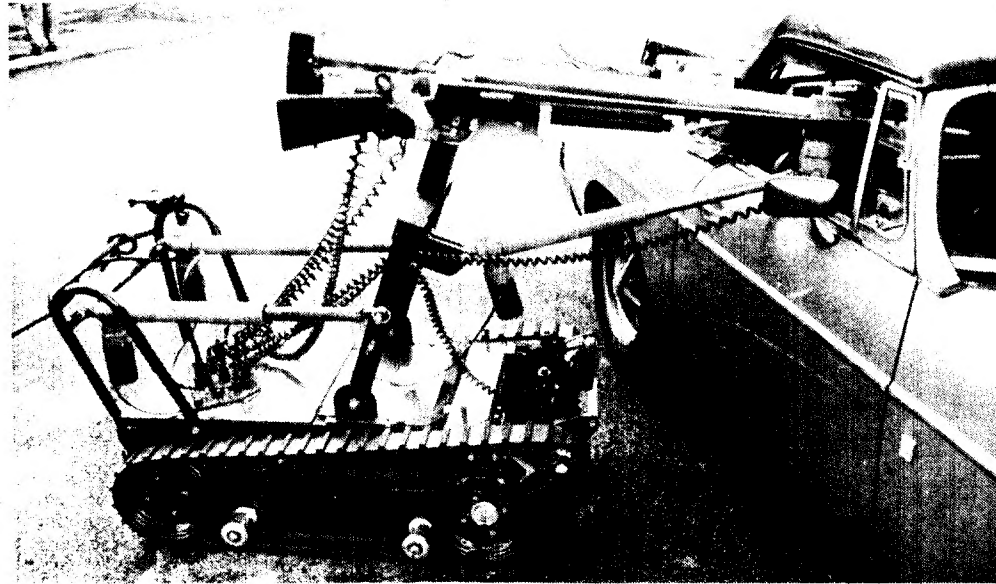
Terrorismo e liberdade, a primeira dicotomia defendida por quem não se preocupa com as minorias étnicas, sociais, económicas políticas ou quaisquer outras, cedo se converte na realidade cinzenta, na falta de liberdade. O terrorismo, mais do que um acto de vingança, é um acto de desespero, de múltiplas causas, que nunca deve ser exclusivamente combatido pelas leis de excepção, pelo terrorismo de Estado.

Enquanto estas questões, são apenas debatidas por grupos intelectuais ou parlamentares, nos «foruns» da convivência democrática, tantas vezes de ecos bem distantes do pulsar do cidadão comum, os meios tecnológicos, os recursos financeiros, são utilizados para o «grande combate».

Disso nos dão conta as fotografias que hoje publicamos. Roupas especiais, robots de detecção, visores, a mais moderna técnica são utilizados na defesa social. Milhares e milhares de notas vão enriquecendo os bolsos dos técnicos e fabricantes do material sofisticado, desviadas do principal combate: as causas. Os males sociais, as desigualdades económicas, as frustrações das esperanças, regionalistas ou nacionais, tudo isso fica para resolver. Mais uma vez, cede-se à facilidade, primeiro passo para o terrorismo.



Um elemento da brigada «antibomba» envergando um fato especial e tendo à sua volta todo o equipamento de que dispõe para operações de pesquisa e desactivação de explosivos



Um robot antibomba manipulado por controlo remoto e equipado entre outros dispositivos com uma espingarda, ela própria também accionada à distância

política de A a Z

Palavras que o vento não leva

Não deixa de ser altamente significativo que a reunião dos deputados da «maioria», convocada para ouvir uma exposição do ministro João Salgueiro sobre a situação económica e financeira, tenha tido tão fraca assistência. Do déficit falou o ministro; da dívida pública e dos seus altos juros falou o ministro. E falou, também, da necessidade de uma austeridade rigorosa, de uma «política de verdade».

Menos de metade dos deputados da «maioria» se deram ao incómodo de ouvir o ministro João Salgueiro. Têm os outros mais que fazer, nos largos voos da intriga política ou a tratar da vidinha andam os senhores deputados da «maioria». Não importa, ou pouco importa que o Governo não governe ou governe mal. O que importa é ser deputado, querer ser ministro. Porque, como disse Vasco Lourenço, chegou-se a uma situação em que basta a obstinada vontade de fazer carreira para que se conquiste o espaço adequado à satisfação das pequenas vaidades e grandes ambições.

Vai mal a «maioria parlamentar», ciosa da sua «legitimidade», mas consciente já de que no «país da realidade» perdeu audiência e apoios. As eleições em Miragaia, em Loures, em Belém, têm uma leitura que não permite à «Aliança Democrática» encarar o seu futuro político sem profundas preocupações. A «abstenção», também, deverá ser contada a desfavor da «Aliança Democrática». Que prova a «abstenção»?

Que os cidadãos se desinteressam do acto eleitoral? Sem dúvida. Mas esse desinteresse deriva não só do pouco crédito do Governo, e dos partidos que o constituem, como da convicção de que o Governo poderá, eventualmente, bloquear as actividades de administrações autárquicas constituídas por elementos das oposições. No fundo, o desinteresse pela vida pública, testemunha o descrédito do Governo e a não credibilidade do seu «projecto».

O Governo é «legítimo», mas já não é representativo de uma «maioria coerente», nem oferece credibilidade como gestor da res publica.

O Governo tem perdido imagem e autoridade. Não é o discurso duro do Primeiro-Ministro, ou as recuperações por via de muros na mesa ou outras aparências de firmeza, que lhe restituirão crédito público. A guerrilha institucional é desgastante para as instituições democráticas. As relações com as Forças Armadas degeneraram no mais ridículo dos quichotismos civis.

Com uma «classe política» (civil) que, descobriu, alvo-

roçada e grotescamente, as seduções urbanas, dividida, fragmentada, em conflito permanente, contrasta uma «sociedade castrense» que, com uma serenidade disciplinada, vai vencendo ou absorvendo as suas próprias contradições, e suporta com dignidade os ataques, as intrigas, as calúnias, as injúrias.

Disse, aos novos alunos do Instituto de Altos Estudos Militares (IAEM) e a quantos assistiram à cerimónia solene, o chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), general Amadeu Garcia dos Santos que «a inserção da instituição militar e do Exército na comunidade nacional apresenta uma exigência básica de confiança e de credibilidade na capacidade de cumprirmos as missões que nos cabem na defesa da Nação e dos seus interesses». E acrescentou: «As Forças Armadas têm demonstrado e vão continuar a demonstrar que são merecedoras dessa confiança. Não se aceitam dúvidas neste campo, e se elas se manifestarem, não produzirão efeitos porque não vencem o peso da nossa razão. E esta impõe-se não através de palavras — que essas leva-as o vento —, mas de actos praticados no silêncio e na humildade de quem, acima de tudo, serve a sua Pátria. Não reivindicamos a exclusividade deste privilégio, mas reivindicamos, isso sim, a pureza das nossas intenções e não podemos aceitar que delas duvidem ou nos lancem acusações levianas e injustificadas.»

Para bom entendedor, o general Garcia dos Santos, discorrendo sobre questões que «não sendo especificamente militares, interferem com a área militar», dizia ao Governo, à sua «maioria parlamentar», a alguns deputados de palavra fácil e aos imaginosos criadores de «factos políticos», que o general Ramalho Eanes e o general Melo Egídio não estavam sós, que os «relatórios» e as «revelações» não impressionavam a «sociedade castrense», que um Vasco Lourenço não exprimira apenas, isolado e voluntarista, a decepção de um Capitão de Abril.

No seu discreto estilo, e nas condições da cerimónia, o general Garcia dos Santos não podia ser mais claro: «A posição de sentido, no estrito entendimento castrense, significa respeito, mas não submissão. E esta nada tem a ver com subordinação.»

A frase deverá ser entendida como um aviso, mas não como uma ameaça. Conscientes do «peso da sua razão» as Forças Armadas deixam passar as palavras que o vento leva — os ataques, as intrigas, as calúnias, as injúrias — mas não estarão dispostas a deixar passar qualquer tentativa de reposição do regime político (e da mentira nacional) que elas varreram na histórica madrugada de 25 de Abril.

O general Garcia dos Santos retomou, num momento político particularmente agitado e em circunstâncias particularmente significativas, o discurso Melo Egídio-Vasco Lourenço.

ponto a ponto



● Uma delegação da Secretaria de Estado do Turismo, chefiada pelo adjunto do secretário de Estado e integrada por dois representantes da Direcção-Geral de Turismo, encontra-se em Moçambique, onde permanecerá até ao próximo dia 14. Esta visita tem como objectivo avaliar as possibilidades de cooperação técnica entre Portugal e Moçambique na área do turismo.

● O general Ramires de Oliveira, director dos Altos Estudos Militares, parafraseou ontem Camões durante a sessão solene de abertura das aulas ao referir que não houve forte capitão que não fosse também douto e ciente.

A abertura do ano lectivo no Instituto de Altos Estudos Militares foi presidida pelo chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas, Melo Egídio, em representação do Presidente da República, tendo estado também presente o vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa Freitas do Amaral, membros do Conselho da Revolução, o presidente do Supremo-Militar e os reitores de algumas Universidades de Lisboa.

● O primeiro secretário da mesa da Assembleia Municipal do Porto, Olímpio Magalhães, auto-suspendeu-se ontem destas funções.

Na abertura da sessão da Assembleia e antes da ordem do dia, Olímpio Magalhães (PSD) informou ter recebido uma nota de despedimento da empresa em que trabalha, Companhia de Seguros Bonança.

O processo de despedimento de Olímpio Magalhães teve origem numa informação que prestou, na qualidade de membro da Assembleia Municipal, a Sá Carneiro, então primeiro-ministro, sobre a situação na empresa em que era empregado com funções de director de serviços.



● Os embaixadores de países africanos acreditados em Lisboa congratularam-se com as posições recentemente assumidas pelas autoridades portuguesas ao condenarem a invasão da República Popular de Angola pela África do Sul. Num comunicado distribuído no final de uma das suas reuniões regulares, aqueles diplomatas reiteraram o apoio dos respectivos países e a Angola à Swapo.

● O deputado da UEDS, César Oliveira, parte no dia 10 para Roma, a fim de participar numa conferência internacional sobre armas nucleares e desarmamento. Esta conferência é organizada pelo grupo parlamentar italiano «Esquerda independente» e nela participarão personalidades independentes e dirigentes de vários partidos socialistas europeus.



● O Primeiro-Ministro, Francisco Pinto Balsemão, recebe no sábado, em Lisboa, o presidente do executivo açoriano, Mota Amaral.

Da capital portuguesa, Mota Amaral segue para o arquipélago das Bermudas, que visita oficialmente de 9 a 13 deste mês.

O presidente do governo regional dos Açores, que regressa no dia 15 a Ponta Delgada, manterá também contactos no estado norte-americano da Nova Inglaterra com os emigrantes portugueses.

Património arquitectónico e descentralização autárquica

Pedro Vieira de Almeida

É de meados do séc. XIX a tomada geral de consciência a nível europeu dos valores do património. De facto embora já apareçam tentativas de salvaguarda no séc. XVIII é apenas entre 1830 e 1850 que são formulados pela primeira vez de maneira mais responsável do ponto de vista crítico, uma série de preocupações em relação a todo um conjunto de testemunhos históricos do passado cultural.

A evolução seguida de então para cá, quer daquilo que deve ser considerado Património (monumentos, sítios, envolventes) quer das técnicas da sua preservação (preservação museológica, preservação activa, preservação integrada) vai no sentido de uma noção de cultura e salvaguarda progressivamente democratizadas e articuladas sobre as populações, e por aí o seu directo contacto com o poder local.

E assim em 1964 organiza-se a nível europeu a Conferência dos Poderes Locais e Regionais dedicada aos problemas do Património.

Neste contexto tem Portugal uma evolução específica.

Entre nós, é necessariamente a seguir ao 25 de Abril que ocorre um salutar e significativo despertar colectivo para os problemas do Património, e só num enquadramento político que o 25 de Abril possibilitou, se torna viável pôr em marcha técnicas mais actualizadas e correctas de intervenção.

Dentro do princípio consignado constitucionalmente de descentralização de poderes e face à evolução crítica dos con-

ceitos em relação ao Património, pareceria de imediato que a protecção e salvaguarda do Património Arquitectónico deveriam agora ser cometidas directamente à responsabilidade das autarquias municipais. E várias vezes essa orientação tem sido defendida.

No entanto tal solução seria ao que me parece, em primeiro lugar totalmente irrealista em Portugal, e em segundo lugar nem sequer tecnicamente correcta.

Irrealista porque por um lado as autarquias estão na sua grande maioria desprovidas de quaisquer apoios técnicos capazes de assegurar o mais mínimo suporte esclarecido neste campo, ou mesmo em qualquer outro.

Por outro lado, em relação às populações o analfabetismo e a desinformação são ainda características muito marcadas e marcantes particularmente das populações do interior, embora não exclusivamente destas, populações que por isso não estão genericamente sensibilizadas para este problema do Património, face a outras carências locais que fazem surgir como manifestações bizarras e apartadas da realidade imediata, todos os problemas deste tipo.

Por outro lado ainda, as camadas de população constituídas por emigrantes e retornados, muito activas e interventoras, líderes potenciais a nível local, são particularmente desenraizadas no plano cultural e afectivo.

A esta situação acresce ou dela decorre que as CMS são genericamente muito sensíveis

se é que não representam objectivamente interesses de alguns limitados sectores da população local, que procuram precisamente activar a destruição do Património a título de evolução e de progresso dos aglomerados, se não do proveito próprio.

Qualquer solução de entregar genérica e indiscriminadamente a gestão ou mesmo o inventário do Património, à exclusiva competência das Câmaras é irrealista, e a detecção de valores patrimoniais num enquadramento administrativo tão deficientemente qualificado, resultaria apenas em operações de predacção selectiva.

Quando falo aqui de Câmaras e do risco da sua autonomização neste campo particular, falo genericamente isto é, abrangendo não as Câmaras de nenhum sector político específico, mas de facto a quase totalidade das trezentas e cinco Câmaras do Continente, ressaltando não mais do que meia dúzia quanto muito, que procuram levar a cabo trabalho mais consistente, embora não isento de erros.

Isto passa-se independentemente da orientação política mais ou menos de esquerda das Câmaras, dado que não decorre necessariamente e automaticamente de uma estrutura ideológica mais correcta, a maior correcção das opções na gestão do Património.

Decorre sim a sua maior responsabilidade nessa gestão,

responsabilidade nem sempre assumida.

Se as motivações, que levam genericamente as Câmaras a uma atitude pelo menos insegura face ao Património, podem ter variado teor e justificação, o resultado final é idêntico, e idênticamente demolidor para o Património Arquitectónico, a sua intervenção real.

A correcção ideológica constitui certamente uma enorme vantagem no abordamento do problema, mas não é por si suficiente, nem constitui garantia e sobretudo não pode servir de alibi.

Expressamente não cito casos.

A decisão sobre a classificação e preservação do Património penso que terá de ser estruturada a nível supramunicipal, até porque o facto de as Câmaras deterem poder executivo a nível local torna particularmente perigoso que sobre esse património detenham também o poder deliberativo e decisório.

Admitindo que a nível central um organismo erre por excesso de cautela nas orientações sobre preservação num caso concreto, esse erro poderá sempre vir a ser corrigido mais tarde; admitindo que o mesmo organismo erre por defeito noutro caso determinado, e que a Câmara está consciente do valor patrimonial em causa, poderá sempre a Câmara garantir a sua não destruição, enquanto simultaneamente

Continua na pág. 19

Angelo Correia

à GNR:

“É preciso
vigilância

nesta
democracia
débil”

“É preciso vigilância nesta democracia débil” — afirmou ontem Angelo Correia, no Quartel do Carmo, falando a oficiais, sargentos e praças da GNR.

O titular do MAI no actual Executivo falava do papel e da importância do papel daquela corporação e asseverou que ela não está ao serviço das forças políticas, mas da lei e da população.

“A importância e o papel da GNR redobram-se no sistema democrático, onde as tendências sociais são distintas de outros regimes” — disse Angelo Correia.

O ministro lembrou ainda um “passado recente” em que, disse, “tentou-se destruir a Guarda com objectivo politicamente marcado”. Mas acrescentou, “hoje estão afastados esses objectivos”.

A visita de Angelo Correia teve parada de tropas no pátio do quartel. O ministro passou revista.

O comandante-geral da GNR, general Passos Esmeriz, estava lá e fez um discurso, falando da visita do ministro como “uma demonstração de interesse” da parte deste para com a corporação e “especialmente, a sua missão e a sua capacidade para a cumprir”.

“Uma das grandes qualificações que a lei confere à Guarda é a de ser um corpo votado à causa do interesse público geral” — lembrou a dado passo o general. Segundo Passos Esmeriz, o essencial da missão da GNR é “a colaboração na garantia da ordem pública estabelecida e a contribuição para a segurança, considerada esta, vinculadamente, como um dos valores que a Constituição a todos atribui como direito”.

Depois dos discursos, Angelo Correia teve uma reunião com oficiais da unidade. E na unidade almoçou com eles.

Para discutir disciplina partidária

Comissão de Conflitos do PS reúne no sábado

A Comissão de Conflitos do Partido Socialista reúne no próximo sábado para elaborar o parecer pedido há duas semanas pela direcção do partido, sobre os limites à liberdade de crítica pública dos militantes socialistas.

Tudo indica que depois da “viragem” que marcou a última reunião da Comissão Política, com a aproximação em termos políticos, que não pessoais, das duas linhas — a dos “soaristas” e a do ex-Secretariado — a Comissão de Conflitos não tomará nenhuma posição demasiado “dura” em relação a esta questão, podendo apenas elaborar um texto de princípios sobre a matéria.

No entanto, algumas fontes do ex-Secretariado temiam, depois da reunião da Comissão Política, que António Arnaut e Salgado Zenha, responsáveis pelas mais polémicas declarações sobre a

linha do partido, pudessem ser alvo de processos disciplinares. Seria uma forma de dividir o grupo do ex-Secretariado e isolar alguns dos seus membros mais proeminentes.

Da Comissão de Conflitos fazem parte Gustavo Soromenho, Olindo de Figueiredo, Sousa Pereira, Cunha Coelho, Maria Carolina, Tito de Morais, Tinoco de Faria, João José Gomes, Palma Inácio, Armando Bacelar e Ivone Carmona (todos “soaristas” sendo os dois últimos funcionários do partido) e, pela minoria, Magalhães Godinho, Costa e Melo, Soares Louro, Vera Jardim e Sebastião Garcia.

**Direcção reúne
com as Mulheres**

A Comissão Permanente do

PS e o Secretariado Nacional das Mulheres Socialistas reuniram-se ontem em Lisboa para estabelecerem as formas de cooperação em diversos sectores de actividade.

Tal cooperação entre o PS e o Secretariado Nacional das Mulheres Socialistas tem em vista o reforço da implantação deste movimento autónomo, quer a nível nacional quer junto da emigração.

As Mulheres Socialistas manifestaram o desejo de reforçar os laços de cooperação com a Juventude Socialista e com a Tendencia Sindical Socialista da UGT, bem como o desejo de fomentar a sua crescente participação na vida política, com especial relevo, neste momento, para o sector autárquico.

Durante a reunião ficou estabelecida, em princípio, a realização de encontros regulares entre as duas direcções nacionais.

A situação em Timor-Leste

Centenas de prisões, recentemente

População destroçada espera nova fome

Centenas de timorenses, na maioria professores e funcionários, foram recentemente detidos em Timor-Leste, por forças indonésias. A informação chegou ontem a Lisboa e é certamente creditada: vem de fontes católicas de Dili, segundo a Anop.

A quem se devem estas detenções? Ter-se-á tratado de “evitar o alastramento da rebelião em Timor-Leste. E os detidos estão distribuídos por seis prisões: nas ilhas de Atauro, Alor, Lissar e Jaco, e nas circunscrições de Dili e Liquica. Há, porém, indícios de outras prisões no interior do território, mas as mesmas fontes não o podem assegurar.

Uma curiosidade: a Secretaria de Estado Norte-americana anunciou recentemente que está a diligenciar junto das autoridades

de Jacarta no sentido de que a Cruz Vermelha Internacional seja autorizada a visitar prisões em Timor-Leste.

Entretanto, as mesmas fontes fizeram chegar a Lisboa notícias segundo as quais as forças de ocupação indonésias estão a forçar mulheres e homens de Timor-Leste, e até mesmo crianças, a tomar parte em patrulhas no interior da ilha.

O objectivo destas patrulhas, e da respectiva formação, é “forçaram-nos a combater a Fretilin, os nossos irmãos que estão no mato”, no dizer dum padre católico em carta citada pela Anop.

Em Manatuto e outras aldeias, as escolas e os serviços públicos estão fechados por a população ter sido mobilizada para combater os guerrilheiros.

Refugiados de Timor-Leste chegados há pouco à Austrália disseram que é de recear que a população da antiga colónia portuguesa venha a sofrer uma nova fome, em consequência da mobilização e da deportação das populações, deste modo afastadas dos trabalhos agrícolas.

A fome de 78-80 foi descrita, pela Cruz Vermelha Internacional, como “tão má como a do Biafra, e potencialmente mais grave do que a do Kampuchea”.

Outra carta, recebida duma organização protestante e citada pela ANOP em Lisboa, diz que a situação nos arrabaldes de Dili continua a ser insegura.

Nove mulheres e treze homens teriam fugido recentemente da principal cidade, levando armas e munições, para se juntarem à guerrilha.

ensino

Escola de Alfornel-Brandoa continua sem poder abrir

Os órgãos autárquicos, as organizações populares de base e órgãos representativos dos pais e encarregados de educação da zona pedagógica da Amadora/Queluz, decidiram solicitar uma audiência aos ministros da Educação e Universidades e Obras Públicas para analisar o processo “Escola de Alfornel-Brandoa” e tomarem conhecimento das medidas adoptadas para ultrapassar o grave problema que impede o funcionamento daquela escola.

Em moção aprovada por unanimidade em plenário realizado na Amadora, no passado dia 29, os participantes, além de condenarem o funcionamento dos Ministérios envolvidos na questão — o MEU e o MOP — exigem ao Governo o apuramento das responsabilidades pela situação criada na escola e decidem solicitar à RTP oportunidade de acesso às câmaras para tornar pública a apreensão pelo processo “Escola de Alfornel-Brandoa”.

Entre outras carências, a escola não dispõe de mobiliário, nem equipamento, nem pessoal auxiliar, nem condições para a curto prazo entrar em funcionamento tanto o ginásio como a cozinha e o bufete, nem tem vedação exterior.

Os interessados pretendem saber quais as razões porque a escola não dispõe das condições mínimas necessárias ao seu funcionamento, já que no dia 17 de Outubro passado, entidades responsáveis do MEU afirmaram taxativamente no programa da RTP que as aulas não deixariam de funcionar a tempo por falta de equipamento pois havia dinheiro para isso. Contrariando esta afirmação, refere o plenário na moção que “várias firmas atravessam sérias dificuldades por falta de pagamento do MOP, que “os Serviços Municipalizados de Oeiras já têm facturas por receber desde 1979, da Direcção-Geral das Construções Escolares, em relaxe e tribunal” e que “a Câmara Municipal da Amadora teve que inclusivamente substituir estas entidades para que a ligação de água e dos esgotos se fizesse”.

Professores do Porto contestam colocações

Cerca de três centenas e meia de professores primários do distrito do Porto, a quem foram entregues guias de marcha para irem trabalhar para oito distritos diferentes do país, sendo assim destacados para longe de casa e da família, acusam todo o processo de enfiar de injustiças e irregularidades que lesam os seus direitos e o rendimento do seu trabalho escolar. Aqueles professores, não efectivos, mas profissionalizados e vinculados, invocam que o processo de colocações, pretensamente ao abrigo do Dec.-Lei 214/79, é na prática a imposição de um facto consumado (o destacamento) pela recusa do diálogo por parte da direcção do distrito escolar do Porto, que não só não atende casos dramáticos criados por este afastamento, como recusa informações sobre as vagas existentes e procede a uma aplicação irregular da respectiva legislação. Concretamente, os professores afirmam não ter sido respeitada a ordem de escalonamento dos professores e, por outro lado, foram destacados para outros distritos antes de estarem esgotadas as possibilidades de serem colocados no distrito a que pertencem e onde vivem, como sucedeu com centena e meia de professores menos classificados ou formados este ano que ficaram no distrito enquanto os outros foram destacados para longe. Os subscritores da exposição, a quem esta situação cria graves problemas profissionais e sociais, dizem ainda que este processo é desvantajoso para o rendimento escolar e para as populações que “vêm os seus filhos arrastarem-se anos e anos pelos bancos das escolas sem aproveitamento”.

Reunião com Vítor Crespo nada adiantou - diz SPGL

Nada se adiantou, na opinião do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, na reunião ontem efectuada entre o ministro Vítor Crespo e dirigentes daquele sindicato.

A reunião foi solicitada pelo sindicato, conforme os seus representantes anunciaram na conferência de imprensa do início do ano lectivo.

Duas questões fundamentais figuravam na agenda de trabalhos: os doze diplomas já negociados com os sindicatos e não publicados e as prioridades reivindicativas para o presente ano lectivo.

Entre os diplomas negociados e não publicados estão os respeitantes aos professores de Trabalhos Manuais e do 12.º grupo; ao quadro de educadores de infância e introdução de remunerações complementares nos subsídios de férias dos professores universitários; aos professores de Música e Educação Musical e ao pagamento dos subsídios de férias aos professores não efectivos, calculado com base nas médias de salários de anos anteriores.

De acordo com declarações do presidente do SPGL, António Teodoro, reproduzidas na edição de hoje de um matutino de Lisboa, o ministro afirmou que assume toda a matéria negociada com os sindicatos, mas responsabilizou outros ministérios pelos atrasos na publicação.

Assim, o diploma relativo aos professores de Trabalhos Manuais e 12.º grupo está retido no Ministério da Reforma Administrativa; o diploma relativo ao quadro de educadores de infância e às remunerações complementares nos subsídios de férias dos professores universitários, está retido no Ministério das Finanças; enquanto o respeitante aos professores de Música e Educação Musical se encontra ainda no sector do Ensino Superior do Ministério da Educação e Universidades e o concernente ao pagamento dos subsídios de férias aos professores não efectivos espera decisão do Conselho de Ministros.



Município de Lisboa

EDITAL N.º 149/81

Classificação como imóvel de interesse público do edifício situado na Rua das Janelas Verdes n.ºs 70 a 78.

Faz-se saber que, nos termos e para os efeitos constantes do Decreto-Lei n.º 181/70 de 28 de Abril, por despacho da Secretaria de Estado da Cultura, foi determinada a classificação como imóvel de interesse público do edifício situado na Rua das Janelas Verdes n.ºs 70 a 78, do que resulta a constituição de zona de protecção, conforme consta da planta topográfica que junto se afixa.

A zona abrangida por esta classificação fica sujeita às disposições legais em vigor, designadamente os art.ºs 25.º a 48.º do Decreto n.º 20 985, de 7 de Março de 1932, do Decreto n.º 38 888, de 29 de Agosto de 1952, do Decreto-Lei n.º 28 468, de 15 de Fevereiro de 1938, do Decreto-Lei n.º 39 600, de 3 de Abril de 1954, e do n.º 2.º do § 1.º do Art.º 19.º do Decreto n.º 46 349, de 22 de Maio de 1965.

Os interessados podem, dentro do prazo de 30 dias, contados da data da afixação deste edital, apresentar quaisquer reclamações tendo por objectivo a ilegalidade ou inutilidade da constituição da servidão resultante do estabelecimento da referida zona de protecção ou a sua excessiva amplitude ou onerosidade. Essas reclamações devem ser formuladas por escrito e entregues na 2.ª Secção — Expediente e Contabilidade da 1.ª Repartição da Direcção dos Serviços Centrais e Culturais desta Câmara Municipal, no prazo referido.

Paços do Concelho de Lisboa, em 28 de Outubro de 1981.

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL
(Assin. ilegível)

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DO SEIXAL

A N Ú N C I O

**CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO
DA EMPREITADA DE REDE DE SANEAMENTO
DO FANQUEIRO — FASE A**

PREÇO BASE 10 876 682\$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA 271 917\$00

ALVARÁ(S) EXIGIDO(S)

V Categoria e da Classe correspondente ao valor da proposta.

**LOCAL, DIA E HORA LIMITE PARA ENTREGA
DAS PROPOSTAS:**

LOCAL: Paços do Concelho da Câmara Municipal do Seixal, Serviço de Engenharia, Arquitectura e Planeamento.

ULTIMO DIA E HORA: 30 dias após a publicação no Diário da República. O Local do acto público do concurso terá lugar na 1.ª Sessão Pública após o termo do prazo. O processo desta empreitada pode ser examinado durante as horas de expediente dos serviços públicos.

Seixal, 27 de Outubro de 1981

O Presidente da Câmara,
Eufrázio Filipe Garcês José

Guerra anti-Eanes

continua

Balsemão diz que não recebeu o "documento-Melo Egídio"

Vários dias depois de Eanes ter dito — sábado passado, em Coimbra — que o Governo tinha conhecimento prévio da legislação em preparação sobre as Forças Armadas, o Primeiro-Ministro vem desmentir, em informação prestada à ANOP, que tivesse recebido do Chefe de Estado o chamado «documento de Melo Egídio».

Recorda-se que Eanes disse, então, que, «por iniciativa do Primeiro-Ministro, tivemos uma reunião há cerca de quinze dias em que esses assuntos foram abordados».

Agora Balsemão diz o seguinte: «o documento em si nunca me foi entregue pelo Presidente da República — e é isso que desejo que fique muito claro — nem o Governo o recebeu por via oficial, tal como, aliás, sucede em que a segunda versão que se diz existir».

«Limitei-me a referir — acrescenta ainda o actual Chefe do Governo — numa reunião de trabalho com o Presidente da República que tinha conhecimento da existência do documento em causa e do essencial do seu conteúdo. A referência foi feita enquadrada num conjunto de outros factos que fundamentavam a minha análise da conjuntura política e político-partidária».

Facto curioso: embora sublinhe que o documento nunca lhe foi formalmente entregue, a si ou ao Governo, Balsemão não disse à ANOP de que modo veio a ter conhecimento desta legislação, divulgada há cerca de duas semanas pelo semanário «Expresso» de que é principal accionista.

Entretanto, e ainda nas declarações prestadas àquele agência, Balsemão diz que «não se confundem as Forças Armadas com um documento político-militar controverso», acrescentando que criticar este texto «é exercer o diálogo democrático, no respeito pelo prestígio e pela dignidade da instituição militar».

Balsemão referiu ter chegado atrasado sexta-feira à noite a Leiria, porque uma reunião de trabalho com o Presidente Eanes «havia durado três horas e um quarto», nela tendo sido abordado, entre outros assuntos, o lançamento do chamado partido presidencial, relativamente ao qual o Chefe do Governo recorda ter uma interpretação diferente da de Ramalho Eanes.

«Exprimi publicamente a minha posição «sobre esta «tentativa de lançamento» — declarou Balsemão —, «para o que, como é evidente, não preciso de qualquer autorização do Presidente da República».

O chefe do Executivo referiu haver acedido a falar acerca desta questão por causa das declarações presidenciais do fim-de-semana.

CEME repudia acusações das FA's

Difícil de justificar limitação de liberdade sobre elementos das forças armadas

Falando ontem no Instituto de Altos Estudos Militares, no decorrer da sessão de abertura solene do ano lectivo, a que presidiu o general Melo Egídio, em representação do Presidente da República, o chefe do Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos, disse que as Forças Armadas têm demonstrado e vão continuar a demonstrar que são merecedoras da confiança na sua capacidade de cumprir em as missões que lhes cabem na defesa da Nação e dos seus interesses.

Perante uma audiência constituída pelos mais altos responsáveis das Forças Armadas, pelo ministro da Defesa, Freitas do Amaral, e por dezenas de oficiais pertencentes a várias unidades e órgãos do Exército que ali se encontram a frequentar cursos de preparação diversos, Garcia dos Santos lançava um repúdio veemente e justificado às

insinuações que têm vindo a ser feitas nos últimos tempos às Forças Armadas.

«Não se aceitam dúvidas neste campo», — disse Garcia dos Santos — «e se elas se manifestarem, não produzirão efeitos porque não vencem o peso da nossa razão».

«E esta, impõe-se não através de palavras — que essas leva-as o vento — mas de actos praticados no silêncio e na humildade de quem, acima de tudo serve a sua Pátria».

«Não reivindicamos a exclusividade deste privilégio, mas reivindicamos, isso sim, a pureza das nossas intenções e não podemos aceitar que delas duvidem ou nos lancem acusações levianas e injustificadas».

O CEME lembrou depois que na Instituição militar, como parte do todo nacional, se reflecte a vivência, positiva ou negativa, da sociedade em geral.

«As Forças Armadas não estão nem querem estar isoladas dos problemas nacionais. Elas e os seus membros também rejubilam com o que de mau ou de bom se passa na vida da Nação. Por isso, não se tenha a veleidade de pensar que basta «pôr as Forças Armadas em sentido» para que tudo se resolva ou simplifique no âmbito militar».

A «posição de sentido», no estrito entendimento castrense, significa respeito, mas não submissão. E esta não tem a ver com subordinação».

Garcia dos Santos abordou as questões hoje muito levantadas da chamada «utilidade das Forças Armadas» e das suas despesas. O CEME defendeu um amplo esclarecimento da opinião pública sobre todas estas questões, bem como da problemática da defesa nacional, e defendeu uma cada vez maior colaboração entre civis e militares por-



O general Melo Egídio presidiu à cerimónia de abertura solene do ano lectivo no IAEM. Ao seu lado dois militares de Abril — Franco Charais e Garcia dos Santos. Freitas do Amaral parece meditar, diante das fardas, em algumas das afirmações que tem feito

que «na época actual, a preservação de uma sociedade militar à margem da comunidade nacional, constitui um esquema absolutamente inaceitável».

Mas — prosseguiu — a integração da função militar na colectividade tem de ser concretizada em permanência e de forma adequada à actualidade política e social.

Um regime de limitação de liberdade sobre membros das Forças Armadas, é, cada vez mais, difícil de justificar face à mentalidade dominante, sensível a todo o entrave à liberdade individual».

O general Garcia dos Santos referia-se obviamente à tentativa que determinados sectores políticos fazem para manter os elementos das FAs, à margem dos problemas nacionais, sem direito a opinião, uma espécie de cidadãos de segunda, e não esqueceu de lembrar que toda a experiência dos militares pode constituir «um útil subsídio para a importante tarefa da revisão constitucional, permitindo eliminar indefinições, omissões e lacunas, sem que isto possa, de qualquer modo, ser deturpado na sua intenção».

Vitor Alves à entrada para reunião do CR

Não há guerrilha institucional nem institucionalizada

«Não há guerrilha institucional, nem institucionalizada» entre o Governo e o Conselho da Revolução — afirmou ontem o ten.-cor. Vitor Alves aos jornalistas e à entrada para a reunião do CR. — «Belém, S. Bento e Restelo são o triângulo da necessidade e obrigatoria solidariedade institucional».

O porta-voz do CR pronunciou-se acerca de recentes declarações públicas de Vasco Lourenço em termos de «opinião pessoal dum cidadão e conselheiro», somente: a opinião do CR «só é expressa através do seu Presidente, que é o Presidente da República, de comunicados, ou do seu porta-voz».

Vitor Alves falou também de declarações do coronel na reserva, Jaime Neves, a um diário, referindo-se à «traição ao 25 de

Abril» no próprio dia 25 de Abril de 74. «Se ele viu tão rapidamente ter havido traição — disse — levou muito tempo a defender o próprio 25 de Abril».

O porta-voz do CR recusou que declarações, ultimamente frequentes, de militares, significassem qualquer perturbação ou agitação no seio das Forças Armadas. E lembrou a informação prestada já pelo CEMGFA nesse sentido.

Independentemente de afirmações recentes quer de Vasco Lourenço, por um lado, quer de Jaime Neves, por outros, «a calma existe nas Forças Armadas» e estas «estão absolutamente fora desses pequenos factos políticos criados».

Jaime Neves, por exemplo, e no dizer, de Vitor Alves, «é um oficial na reserva e não significa

nada, nem representa ninguém, a não ser ele próprio».

Quanto a Vasco Lourenço, «embora conselheiro de um órgão de soberania, não é o representante das Forças Armadas, cargo que está cometido aos chefes militares».

O porta-voz do CR não atribuiu grande importância às declarações em torno dum partido em embrião, com fulcro em Belém, considerando-as «um dos tais factos políticos que se vão criando».

Falando então em nome pessoal, Vitor Alves disse achar estranho que «os responsáveis se preocupem com problemas tão insignificantes, quando a situação económico-financeira do País é tão preocupante».

A reunião de ontem do CR tinha em agenda, além da aná-

lise da situação política e militar, dois pareceres vindo da Comissão Constitucional.

Um destes pareceres foi emitido a pedido do PR e respeita a taxa de televisão.

Outro, proveniente do Provedor de Justiça, trata dum artigo do código do Processo de Contribuições e Impostos.

Da reunião não saiu qualquer comunicado.

Santa Casa processa Vasco Lourenço

O provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa anunciou ontem que esta instituição vai proceder judicialmente contra o major Vasco Lourenço, por causa de afirmações deste respeitantes às relações da Misericórdia com a Tipografia Miran-

dela, no artigo «Estranha Democracia Esta», publicado na terça-feira no «Diário de Notícias».

A dado passo, Vasco Lourenço dizia que «nada se vê fazer, face a escândalos do tipo Tipografia Mirandela e Totobola, onde necessário se torna esclarecer as relações existentes entre os proprietários da referida tipografia e os responsáveis, quer no sector financeiro», de um antigo Governo, «quer nos lugares de decisão da Misericórdia de Lisboa».

O provedor da Santa Casa, Pedro Vasconcelos, considera que estas afirmações «são atentatórias da dignidade dos membros da mesa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa para a gerência das Apostas Mútuas Desportivas».

Conselho do Plano

Comissão Permanente rejeita preocupações da CGTP sobre OGE

A Comissão Permanente do Conselho Nacional do Plano rejeitou a CGTP-IN para o que estipula o regimento do funcionamento do CNP a propósito de uma exposição que aquela Central sindical lhe apresentou tendo críticas pelo facto de as propostas do OGE e Orçamento ainda não terem sido enviadas à AR e propondo o debate da questão em plenário.

A Comissão Permanente do CNP, que reuniu sob a presidência de Cavaco Silva e a par-

ticipação de todos os vice-presidentes (Fernando Gomes dos Santos, Pedro Vasconcelos e Carlos Carvalhas), baseou a sua decisão no facto de o seu regulamento interno prever que a convocação de plenário, para além da iniciativa do presidente e (conjunta) dos vice-presidentes, só poder efectuar-se por decisão de todas as forças de cada um dos sectores com assento no CNP. Na sua fundamentação afirma a Comissão Permanente

que só com a participação da UGT e de representantes independentes é que o plenário poderia ser convocado.

Por outro lado, a referida Comissão Permanente do CNP aduziu ainda que o Governo se encontrava dentro dos prazos previstos constitucionalmente, uma vez que não tomou posse há mais de noventa dias. Dentro desse limite de tempo, não poderia ser criticado, segundo um informador do CNP.

tome nota

Pelas esquinas

O arquitecto Gonçalo Ribeiro Teles não prepara qualquer acto militar contra a República. Em sua conformada e pacífica opinião: «só a vontade popular democraticamente expressa poderá restaurar a monarquia». É um legalista. Felizmente. Mas possui informações muito completas do estado do espírito das populações, e, designadamente, do monarquismo das jovens gerações.

Com efeito, o conhecido dirigente do PPM afirmou recentemente que o desejo de restaurar a Monarquia «lateja em todas as aldeias e esquinas, principalmente na juventude».

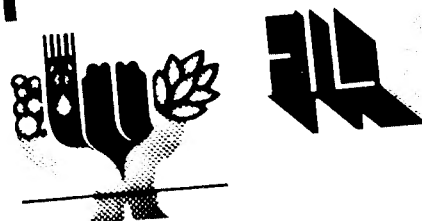
Lateja a Monarquia nas esquinas. Pelas esquinas «principalmente na juventude» a Monarquia «lateja». Assim, não haverá lugar para apreensões, preocupações, cuidados: a Monarquia anda pelas esquinas, latejante, latejando, nas mãos dos jovens. Não a viram? Não os viram a latejar, monarquicamente falando?

agricultura e pecuária

GUIÃO, SARL

Lisboa - Porto
Coimbra - Tomar - Faro

presente na





Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Beja

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DESCENTRALIZADA

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Beja

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DESCENTRALIZADA

Nos termos do Artigo 33.º e para efeitos dos Artigos 67.º e 68.º dos Estatutos convocam-se todos os associados do Sindicato em pleno gozo dos seus direitos sindicais para reunir em ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA, nos dias, horas e locais abaixo indicados, com a seguinte:

ORDEN DE TRABALHOS

- 1 - Deliberar sobre a fusão do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Beja, com o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Évora, com o Sindicato Livre dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro, com o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal, e consequente criação do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul.
- 2 - Deliberar sobre a integração do património do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Beja, no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul.
- 3 - Deliberar sobre a aprovação dos Estatutos e Regulamentos do Sindicato resultante da fusão.

Secção de Voto N.º	Localidade	Local	Dia	Hora
1	Mértola	Casa do Povo	23/11	9.30/13.30
2	Almodôvar	Casa do Povo	23/11	15/18
3	Castro Verde	Coop.º Pop. Castrense	23/11	9.30/10
4	Castro Verde	Casa do Povo	23/11	10.30/13.30
5	Ourique	Casa do Povo	23/11	15/18
6	Montes-Velhos	Cooperativa do Roxo	24/11	9.30/10
7	Aljustrel	Coop. Pessoal das Minas	24/11	11/11.30
8	Aljustrel	Casa do Povo	24/11	9.30/13.30
9	Odemira	Cooperativa do Mira	24/11	15.30/16
10	Odemira	Casa do Povo	24/11	16.30/19
11	Serpa	E.P.A.C.	24/11	10/10.30
12	Serpa	Casa do Povo	24/11	11/11.30
13	Ferreira do Alentejo	Casa do Povo	25/11	10/13.30
14	Cuba	Casa do Povo	25/11	15.30/18
15	Vidigueira	Casa do Povo	25/11	10/13.30
16	Alvito	Casa do Povo	25/11	15.30/18
17	Barrancos	Casa do Povo	26/11	9.30/10.30
18	Moura	Soc. Azéites Moura	26/11	11.30/12
19	Moura	Casa do Povo	26/11	12.30/16.30
20	Moura	Cooperativa Agrícola	26/11	17/17.30
21	Beja	Soc. Combust. e Óleos	26/11	9/9.30
22	Beja	União dos Sindicatos	26/11	10/10.30
23	Beja	Cervibel-Ag. Cervejas	26/11	11/11.30
24	Beja	José Franc.º Graça, Ld.º	26/11	12/12.30
25	Beja	Est. Com. Met. Alent.º	26/11	14/14.30
26	Beja	Costa & Silva, Ld.º	26/11	15/15.30
27	Beja	Ag. C. Agro-Industrial	26/11	16/16.30
28	Beja	S.T.E.T.	27/11	9.30/10
29	Beja	Cooperbeja	27/11	10.30/11
30	Beja	Armazém Urbano, Irmãos, Ld.º Supermercado	27/11	12.30/13
31	Beja	Urbano, Irmãos, Ld.º	27/11	15/15.30
32	Beja	Quimigal «Escritório»	27/11	16/16.30
33	Beja	Quimigal «Armazém»	27/11	17/17.30
34	Beja	José Pinto Casiro, Ld.º	27/11	9.30/10
35	Beja	Ant. Manuel Gutierrez	27/11	10.30/11
36	Beja	L. A. Cameirinha	27/11	11.30/12
37	Beja	E.P.A.C. «Silos»	27/11	16/17
38	Beja	Coop. Alentejo Unidade	28/11	9/10
39	Beja	Sede do Sindicato	27/11	13.30/22.30
39	Beja	Sede do Sindicato	28/11	13.30/22.30
39	Beja	Sede do Sindicato	30/11	9.30/22.30

Beja, 2 de Novembro de 1981

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Joaquim Eduardo Sezinando

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Évora

Assembleia Geral Extraordinária (descentralizada) CONVOCATÓRIA

De acordo com a alínea b) do Art. 44.º dos Estatutos CONVOCA A ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA (DESCENTRALIZADA), para os locais, datas e horas abaixo designadas, a fim de deliberar de acordo com a alínea h) do Art. 43.º e Art. 64.º dos mesmos e demais consequentes deliberações, conforme a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1. Deliberar sobre a fusão do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Évora, com o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Beja, com o Sindicato Livre dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro, com o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal e consequente criação do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul.
2. Deliberar sobre a integração do património do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Évora, no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul.
3. Deliberar sobre a aprovação dos Estatutos e Regulamentos do Sindicato resultante da fusão.

DIA 25NOV81 (4.ª FEIRA)

Local	Localidade	Horas
SOMAVE, SARL	Vendas Novas	9/9.30
EPAC (Delegação Montemor)	Montemor-o-Novo	11/11.30
Ex-Grémio Lavoura Montemor	Montemor-o-Novo	12/12.30
Casa do Povo de Montemor	Montemor-o-Novo	19/20
Coop. Hortícola do Divor	Arralolos	15/15.30
Cidade, Irmãos & C.º, Lda	Arralolos	16.30/17
Ex-Grémio da Lavoura	Arralolos	19/20
PORTUCEL	Mourão	10/10.30
Coop. Agrícola Reguengos	Reg. Monsaraz	12/13
EPAC (Delegação Reguengos)	Reg. Monsaraz	15/15.30
COPLAR	Reg. Monsaraz	16/16.30
Delegação Sindicato da Construção Civil (Loja do Mercado)	Reg. Monsaraz	19/20

DIA 26NOV81 (5.ª FEIRA)

Alvícuba, Lda.	Vila Viçosa	17/17.30
Antigo Edifício CTT	Vila Viçosa	19/20
Adega Cooperativa de Borba	Borba	10/10.30
SOVIBOR, SARL	Borba	11/11.30
COPOBOR	Borba	12.30/13
Delegação Sindicato da Construção Civil (Rua Padre Bento Pereira, 14)	Borba	19/20
GADANHA	Estremoz	16/16.30
EPAC (Delegação de Estremoz)	Estremoz	17/17.30
Delegação Sindicato da Construção Civil (Rua Vitor Cordon, 25-R/C)	Estremoz	19/20

DIA 27NOV81 (6.ª FEIRA)

ACUTIL, Lda	Évora	10/10.30
EPAC (Delegação de Évora)	Évora	10/11
Emílio Ramos	Évora	11/11.30
Archimínio Caselo, Lda	Évora	12/12.30
Fernando Alves Martins	Évora	17/17.30
SOCEVORA	Évora	18/18.30
Artur Silva Barreiros & Irmão, L.º	Évora	18/18.30
Sede do n/Sindicato	Évora	13/22

Évora 3 de Novembro de 1981

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Sindicato Livre dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro

CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA (DESCENTRALIZADA)

Nos termos do Art.º 16 dos Estatutos, convoca-se a Assembleia Geral, para reunir em sessão extraordinária, nos dias, horas e locais abaixo indicados, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Deliberar sobre a fusão do Sindicato Livre dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro, com o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Beja, com o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços de Évora, com o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal, e consequente criação do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul.

2. Deliberar sobre a integração do património do Sindicato Livre dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro, no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul.
3. Deliberar sobre a aprovação dos Estatutos e Regulamentos do Sindicato resultante da fusão.

LOCAL	DIA	HORA
LAGOS - Adega Cooperativa	23/11	18
LAGOS - Sind. Conservas	23/11	19/21
R. Ferrador	23/11	18
LAGOA - Adega Cooperativa	23/11	18
SILVES - Sind. Corticeiros	23/11	19/21
R. Comendador Vilarinhos	23/11	15
VILA REAL - Viúva José Capa & Filhos	24/11	15
VILA REAL - Sind. Conservas	24/11	19/21
R. Frederico Ramires	25/11	18
ALBUFEIRA - Albufeira	25/11	19/21
ALBUFEIRA - Imortal	25/11	18
MESSINES - CCD - Teófilo F. Neto	25/11	19/21
MESSINES - Junta Freguesia	26/11	9
FARO - Farauto	26/11	10
FARO - Fiaal	26/11	11
FARO - Rodoviária Nacional	26/11	12
FARO - Fialgar	26/11	14
FARO - Emp. Turística Vale do Lobo	26/11	16
FARO - UTIC	26/11	17
FARO - Salvador Caetano	26/11	18
FARO - C. Santos	26/11	19/21
OLHÃO - Sind. Conservas	26/11	15
R. General H. Delgado	27/11	13/15
PORTIMÃO - Torralta	27/11	19/21
PORTIMÃO - Delegação do Sindicato	27/11	19/21
R. Diogo Tomé, 50-2.º	28/11	9/17
FARO - Sind. do Comércio		
R. St.º António		

Faro, 2/11/81

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal

Assembleia Geral Extraordinária (descentralizada)

Nos termos do Art.º 35.º e para efeitos do disposto na alínea j) do Art.º 32.º dos Estatutos, convoca a Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal, para reunir nos dias, horas e locais abaixo indicados, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

- 1.º Deliberar sobre a fusão do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal, com o Sindicato do Comércio e Serviços do Distrito de Beja, com o Sindicato do Comércio e Serviços do Distrito de Évora, com o Sindicato Livre dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro, e consequente criação do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul.
- 2.º Deliberar sobre a integração do património do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal, no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul.
- 3.º Deliberar sobre a aprovação dos Estatutos e Regulamentos do Sindicato resultante da fusão.

DIA	HORA	MORADA	LOCAL
23/11/81	10.00	Deleg. do Sindicato do Comércio	Almada
	21.00	Rua Carvalho Serra, 36-B	
	09.30	Soc. Cooperativa Piedense	C. Piedade
	10.30	Rua da Liberdade n.º 94	
	17.00	Bepaliz-Soc. Representações, Lda	Almada
	17.30	Rua Capitão Leitão, 47	
	19.00	José Pinto Gonçalves, Lda	Almada
	19.30	Av. D. Afonso Henriques, 15-D	
	10.30	José Pedro Rias, L.ºa	C. Piedade
	11.00	Av. R. D. Filipe de Lencastre, 14-18	
	08.00	UNAR-Produtos Alimentares, SARL	C. Piedade
	08.30	Rua Manuel Fabraro, 63-71	
	13.00	Martinho & Ferreira	Almada
	13.15	R. Bernardo F. da Costa, Lote 1	
	11.15	Joaquim Cabral	C. Piedade
	12.45	R. da Liberdade, 51-B	
	12.45	Rogério Alves Martinho	Almada
	13.00	R. Bernardo F. da Costa, 14-A-B	
	14.55	Manuel Martins Dias (Paga Pouco)	C. Piedade
	15.15	R. Rainha D. Leonor, 8-A, B, C	
	07.00	CAPLAS	Almada
	08.00	Av. Afonso Henriques, 7-r/c Dt.º	
	12.00	SUPA-Pão de Açúcar	C. Piedade
	16.00	Quinta dos Frades	
	08.30	Paivas Passos & Esteves	Laranjeiro
	09.00	R. Borges do Rego, 24-B	
	18.00	Soc. Coop. Cons. União Pragalense	Pragal
	18.30	Calçadinha da Horta	
	18.00	Soc. Vinícola Sul Portugal	Almada
	19.00	Quinta da Arealva	
24/11/81	08.00	CAPLAS	Fogueteiro
	09.00		

Comércio Sul

Prosseguem estudos de implantação da primeira central nuclear

—revela relatório do CG da EDP

«Prosseguem os estudos de anteprojecto para a primeira central nuclear», revela o relatório de gerência da EDP, relativo ao ano passado.

«No tocante à caracterização de sítios, acrescenta o mesmo documento, ficou definido, em 1980, um programa de trabalhos complementares a realizar no campo da geologia e sismologia, bem como um programa de estudo e selecção de novos sítios, a iniciar em 1981».

Recorde-se, a propósito, que o ministro da Indústria, Energia e Exportação, Balthazar Horta, afirmou recentemente que embora não tenha sido tomada qualquer decisão de fundo sobre a opção nuclear, o Governo decidirá avançar com estudos para definir um conjunto de hipóteses de localização de centrais nucleares.

No entanto, em clara oposição a esta perspectiva, Ribeiro Teles declarava em meados de Outubro, em entrevista ao semanário «Expresso», relativamente à possível instalação de centrais nucleares em Portugal, que «no nosso país já se deixou de falar nisso». Para acrescentar de seguida:

«A instalação de centrais não é económica nem viável em Portugal e não resolveria qualquer necessidade da economia portuguesa a curto, médio ou longo prazo. O que só vem dar razão às pessoas que desde há muito tempo se lhe opunham por estes motivos e pelo perigo constante que representam».

Enquanto os ministros do Governo AD não acordarem agulhas em tão delicada matéria, a EDP admite que a energia nuclear pode ter uma contribuição significativa para o balanço energético português nas próximas duas décadas. Esta possibilidade, segundo o relatório da Empresa, deve-se ao facto de Portugal possuir recursos significativos de urânio.

No entanto esta óptica não se apresenta assim tão clara, pois os minérios de urânio disponíveis no subsolo nacional não podem ser aplicados directamente na laboração de centrais nucleares, sendo necessário um processo prévio de enriquecimento, operação que só pode ser actualmente efectuada em países que detenham o controlo completo do ciclo do urânio.

O relatório da EDP afirma, por outro lado, que a empresa «continua a limitar-se à consideração de um cenário de expansão da componente térmica de base pela via nuclear, como alternativa à solução do aumento do carvão importado e à comparação das duas alternativas sob o ponto de vista económico».

Os números

O relatório do CG da EDP afirma que, depois da entrada em funcionamento da central a fuel de Setúbal e de Sines, que funcionará a carvão, prevê-se que até 1993 sejam instalados mais 2400 MW térmicos alimentados com carvão importado, e daí até ao ano 2000 mais 4200 MW em novas centrais a carvão ou alternativamente, em centrais nucleares.

A EDP inscreveu no balanço de 1980 um lucro líquido de 52 milhões de escudos. As despesas de investimento totalizaram 26 849 milhões de escudos, quase 450 milhões mais do que o previsto em despacho conjunto dos ministros das Finanças e da Indústria.

Em 1980, assistiu-se a uma

subida para mais do dobro das dívidas dos clientes por fornecimento de energia eléctrica em alta e média tensão, as quais totalizaram no fim do ano, 15 920 milhões de escudos.

Nestas dívidas, avulta a quota-parte das autarquias locais, que ascende a cerca de 73 por cento.

Em 1980 os consumos industriais de electricidade atingiram 6996.5 GWH, mais 6.8 por cento do que em 1979, e os consumos agrícolas ascenderam a 68.2 GWH, mais 35 por cento do que em 1976.

Nos primeiros meses deste ano, o consumo de electricidade praticamente estagnou — segundo dados recentemente divulgados pela EDP.

O relatório considera que a fraca pluviosidade registada em 1980 obrigou a um aumento da importação de energia eléctrica e a uma mais intensa utilização das centrais térmicas.

O valor das compras de energia eléctrica em 1980 ultrapassou em 2720 milhões de escudos as de 1979 e o consumo de combustíveis nas centrais térmicas cresceu perto de 7000 milhões de escudos de 1979 para 1980.

saúde

Médicos dos SMS e MCL

Acumulação de funções só dá direito a um subsídio

A Ordem e o Sindicato dos Médicos, estão contra a decisão do MAS e o cumprimento do diploma que proíbe à Função Pública receber dois subsídios de natal e de férias em caso de acumulação. É essa a situação que se depara a alguns clínicos que exercem a sua actividade nos Serviços Médico-Sociais e nos Hospitais Cívicos, pelos quais a Ordem dos Médicos saiu ontem a terreiro.

A posição do Sindicato dos Médicos também vai no sentido do contra, mas por razões distintas. O apoio aos médicos naquelas condições, a trabalharem simultaneamente nos SMS e nos

HCL, não está em causa, segundo o presidente do órgão, Sá Marques. Ao defender o pagamento dos subsídios de Natal e de férias, o Sindicato está apenas a zelar e a salvaguardar os serviços que os SMS prestam, isto é, numa atitude de defesa dos fins para que foram criados. Já a posição da Ordem, acrescenta Sá Marques é a de pressionar o MAS e os SMS no sentido da sua extinção — quadro que melhor serve o seu sentido elitista.

Enquanto o diploma que proíbe (na acumulação de funções por parte dos médicos) a duplicação de subsídios não for

revogado, mantém-se a decisão do MAS em só pagar um subsídio do mesmo modo que é inalterável a posição da Secretaria de Estado de Saúde, sobre a colocação de médicos policlínicos: por concurso. O diploma que rege a matéria continuará a ser cumprido, dado o carácter aleatório que presidirá à intenção que já teve de colocar os médicos de acordo com as suas notas finais. Mas como o critério de atribuição de notas diverge de Faculdade para Faculdade, entendeu aquela Secretaria de Estado conservar a legislação tradicional e colocar os interessados por sorteio.

Cabo Verde explica atitude do jurista Caldeira Marques

As autoridades cabo-verdianas consideraram «estranha e pouco séria» a atitude do jurista Caldeira Marques de pedir asilo político a Portugal.

Um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros disse que o jurista «nunca foi perseguido» e que o seu gesto representa «uma resposta à sua necessidade de integração em certos grupos políticos, que passa pela sua própria promoção pessoal».

O jurista cabo-verdiano Caldeira Marques anunciou na segunda-feira publicamente, em Lisboa, que decidira pedir asilo político a Portugal e acusou o regime do seu país de ser totalitário e de não respeitar os Direitos do Homem.

comunicação social

Greve declarada na EPNC

“A Capital” não sai amanhã e o “DN” no sábado

Uma greve de 24 horas, entre as 8 horas de amanhã e as 8 horas do dia seguinte, foi esta manhã tornada pública pelos trabalhadores da Empresa Pública «Notícias/Capital», no decurso de uma conferência de imprensa efectuada nas instalações do «Diário de Notícias».

A paralisação, que implicará a não publicação amanhã de «A Capital» e no sábado do «Diário de Notícias», é motivada por o Conselho de Gerência da EPNC não atender aos pontos do Caderno Reivindicativo apresentado pela Comissão de Trabalhadores.

Esse caderno reivindicativo compreende doze pontos, para os quais a CT exige do Conselho de Gerência um mínimo de diálogo.

Desses doze pontos, os mais importantes são os três seguintes: três mil escudos de aumento para todos os trabalhadores; anulação do subsídio de 1150 escudos, relativo à saída do «DN» aos domingos, e cumprimento do clausulado que determina o pagamento de domingo como dia de folga trabalhado; e manutenção de refeitórios e bares com melhoria dos produtos a consumir.

As restantes reivindicações são, em resumo, do seguinte teor: Aumento do subsídio de refeição de 100 para 170 escudos; edificação de creches e infantários para os filhos dos trabalhadores; actualização das reformas sempre que haja aumentos contratuais ou

de outra espécie; pagamento de trabalho em dias feriados a todos os trabalhadores de maneira a que terminem situações de injustiça existentes; condições de higiene e saúde em todas as secções da EPNC como estipula o CCTV; não implicar a introdução de novas tecnologias quaisquer despedimentos; pagamento do vencimento a todos os trabalhadores até ao dia 27 de cada mês; cessação de todos os contratos a prazo; e passagem à efectividade dos contratados a prazo e dos eventuais tarefeiros.

A EPNC, que compreende cerca de 1700 trabalhadores, distribuídos pelo «Diário de Notícias», «A Capital» e oficinas gráficas de Alcântara, foi declarada como empresa pública em situação económica difícil. Os trabalhadores, no entanto, afirmam que essa situação serve ao Conselho de Gerência como pretexto para os não atender — e apontam, como exemplo, a empresa pública do «Diário Popular» (EPDP) que, tida na mesma situação, soube ultrapassar o contrato, tendo procedido «a aumentos substanciais» em todos os sectores.

Esta greve agora publicamente anunciada cumpriu, para a sua concretização, com todas as formalidades legais, tendo o pré-aviso relativo à paralisação sido entregue no passado dia 26 de Outubro.

09.30	Soc. Progresso União Amorense	Amora
10.00	Largo da Rosinha	
10.00	Força do Povo	Torre da
10.15	Est. Nacional 378-81 C/D	Marinha
10.30	Força do Povo	Casal
10.45	Est. Nacional 10, Lote M.F.N.	do Marco
11.00	Silvio Coelho de Oliveira	Casal
11.10	Posto Mobil	do Marco
12.45	Coop. de Consumo 31/1/911	Seixal
13.00	R. Cândido dos Reis, 82-92 r/c	
12.00	Soc. Coop. de Cons. P.S. Nacional	Paio Pires
12.30	Paio Pires	
14.00	Deleg. Sindicato dos Corticeiros	Seixal
20.00	Rua Latino Coelho, 119	
07.30	Afonso Pinheiro	Qt.ª Conde
08.30	Quinta do Conde 1	
15.00	Soc. de Imp. e Exp. Gilica	Casal
15.30	Estrada Nacional 10	do Marco
25/11/81	UNICERVI	Palmela
08.30	S. Julião	
08.45	Silvia	Palmela
09.00	Estrada Nacional	
25/11/81	Xavier Santana	Qt.ª Anjo
11.00	Qt.ª das Grades	
11.00	Venâncio da Costa Lima	Qt.ª Anjo
11.30	Quinta do Anjo	
18.00	Adega Coop. Região de Moscatel	Palmela
18.30	Palmela - Gare	
19.00	Casa do Povo da Quinta do Anjo	Qt.ª Anjo
21.00		
12.00	J. M. Inter. Vinhos (Refetório)	Azeitão
14.00	Vila Nogueira de Azeitão	
12.00	José Maria da Fonseca	Azeitão
14.00	Vila Nogueira de Azeitão	
16.00	Soc. Coop. Pinhalnove	Pinhal
16.30	R. Gago Coutinho e Sac. Cabral, 1	Novo
26/11/81	António de Oliveira & Filhos	Barreiro
09.00	R. Miguel Bombarda, 12-D	
09.30	Estabelecimentos Tito Bastos	Barreiro
09.45	Rua de Timor, 14-16-2.ª	
10.00	Manuel Martins Dias (Paga Pouco)	Barreiro
12.45	Rua Eça de Queiroz, 12	
13.00	SUPA - Pão de Açúcar	Barreiro
11.00	Bairro Novo da C.ª União Fabril	
15.00	Sala do Concelho de Moradores	Barreiro
13.00	R. D. Manuel I	
14.30	Ginásio Atlético Clube	Baixa da
20.00	Rua 18 n.º 10	Banhaira
15.00	Matos, Rosado & Rosado, Lda.	Baixa da
15.15	Rua Padre José Feliciano, 46-48	Banhaira
27/11/81	Sindicato Trabalhadores Agrícolas	Alcácer
10.00	do Sal	
13.30	EPAC - Emp. Pub. Abst. Cereais	Alcácer
10.00	do Sal	
10.30	Delegação do Sind. do Comércio	Grândola
11.00	R. Dr. José Pereira Barradas	
14.00	Casa do Povo de Sant. do Cacém	Santiago
11.30	do Cacém	
14.00	União dos Sindicatos de Sines	Sines
16.00	Rua das Escolas	
17.30	Sede do Sindicato das Carnes	Montijo
28/11/81	Largo 1.ª de Maio, 20	
10.00	Casa do Povo de Alcochete	Alcochete
17.00	Chão Conde	
16.30	Sede do Sindicato do Comércio	Setúbal
30/11/81	Av. 5 de Outubro, 121-1.ª	
20.00	SUPA - Pão de Açúcar	Setúbal
30/11/81	Av. Luísa Tody, 149	
16.00	NUTRIPOL	Setúbal
16.15	Av. 5 de Outubro	
17.00	Delitas	Setúbal
17.30	Av. de Angola	
18.00	Delitas	Setúbal
18.30	Prança do Brasil	
12.45	Manuel Martins Dias (Paga Pouco)	Setúbal
13.00	R. Dr. Alves da Fonseca, 5-A, B	
13.00	Externato Santa Joana	Sesimbra
15.30	EPAC	Águas
09.30	Águas de Moura	de Moura
10.00	Cootset	Setúbal
11.00	Praça da República	
11.30		

Setúbal 2/11/81

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Raul Ferreira Pica-Sinos

Luso também quer nova conduta

Populares "cortaram" trânsito entre Mealhada e a Beira Alta

Estrada interrompida 24 horas por habitantes de três freguesias

COIMBRA, 5 — O tráfego rodoviário entre a Mealhada e Viseu retomou a sua normalidade ao princípio da manhã, depois de centenas de populares se terem concentrado no Luso e "cortado" a ligação entre aquela vila e a Beira Alta durante cerca de 24 horas.

A sua atitude visou protestar pelo facto da CM da Mealhada ter iniciado a construção de uma conduta de água para abastecimento, privilegiando — em seu entender — a vila em detrimento do interior. Segundo os habitantes do Luso, Vacariça e Lograssol, os habi-

tantes da vila passariam a dispor de mais quantidade de água retirada às necessidades daquelas três freguesias.

Foi assim que os ânimos se exaltaram e por essa razão centenas de populares, ao princípio da manhã de ontem, cortaram a estrada no Luso, interrompendo o tráfego entre a Mealhada e Viseu, o Sul com a Beira Alta (em parte), mas sem afectar as ligações com o Norte.

A despeito das promessas ontem feitas pelo presidente da CM da Mealhada de que a população do interior também teria a sua conduta com as

mesmas dimensões, ninguém arredou pé da estrada, provocando prejuízos significativos aos motoristas despreviados.

Uma reunião, ao fim da tarde de ontem, em que participaram todas as Juntas de Freguesia do concelho e a explicação dada pelo presidente do Município, Joaquim Pires, de que a construção da conduta tinha sido aprovada pela Câmara, por unanimidade, e na Assembleia Municipal só teve um voto contra, não foi suficiente para desbloquear a situação, pois as cen-

tenas de populares mantiveram-se indiferentes a todos esses argumentos e só esta manhã sem que a GNR se visse na necessidade de intervir pela força, desimpediram a estrada. Mas para isso tornou-se forçoso o adiamento das obras de execução da conduta Lameira - Mealhada (que o início originou o incidente em questão) e, em contrapartida, o lançamento das primeiras pedras para a construção da conduta que abastecerá as freguesias do interior, ligando Lameira de S. Pedro ao Travasso por Vacariça.

Lopes Graça:

75 anos em comemoração

Primeira audição de 'Sete Apotegmas' esta tarde no S. Luís

Os 75 anos de Fernando Lopes Graça vão ser comemorados com diversas iniciativas a cabo de uma comissão especialmente constituída para o efeito. Para já, amanhã no Teatro Municipal de S. Luís, às 18 e 30, está programado um concerto no qual será incluída a primeira audição de «Sete Apoteg-

«Concurso Fernando Lopes Graça» participará no concerto.

Por sua vez, no Auditório da Sociedade Portuguesa de Autores (Avenida Duque de Loulé, 31), no dia 3 de Dezembro, às 18 e 30, Oscar Lopes falará de «A poesia portuguesa na música de Lopes Graça», interpretando Dulce Cabrita e Filipe de Sousa algumas das peças que ilustram o tema.

No dia seguinte, 4 de Dezembro, às 18 e 30, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, terá lugar a primeira audição mundial da obra «Sinfonietta, homenagem a Heydin», encomendada a Fernando Lopes Graça por aquela Fundação. Execução da Orquestra Gulbenkian sob a direcção de Miklos Ederly.

Entre 6 e 11 de Dezembro, decorrerá ainda a «I Semana de Música Coral Portuguesa», promovida pela Associação de Coros Amadores da Área de Lisboa. No último dia, haverá um concerto na Aula Magna de Universidade de Lisboa, no qual os coros participantes cantarão em conjunto obras de Lopes Graça.

Para além destes actos públicos, a Secretaria de Estado da Cultura promove a edição de um cartaz comemorativo dos 75 anos de Lopes Graça — e a Academia de Amadores de Música lançará uma medalha alusiva à obra do compositor, da autoria do escultor Hélder Baptista.

Finalmente, refira-se que na Casa da Cultura das Caldas da Rainha procedeu-se no dia 31 de Outubro ao lançamento no livro «Canções e Rondas Infantis», adaptadas do «Cancioneiro Popular Português», livro da Prelo Editora. Houve uma sessão de autógrafos a que compareceram Fernando Lopes Graça, autor do livro, e a pintora Cecília Pinto, que o ilustrou. Nesse mesmo dia, à noite, realizou-se ali um concerto de piano a quatro mãos, com Olga Prats e Lopes Graça.



mas», numa interpretação do «Opus Ensemble».

Uma das iniciativas mais importantes, no entanto, é o «Concurso Fernando Lopes Graça» para jovens pianistas, cujas inscrições, como já foi noticiado, encerraram no passado dia 31 de Outubro. As provas serão públicas e decorrerão nos dias 9, 10 e 11 de Dezembro no Auditório da Radiotevisão Portuguesa, na Avenida 5 de Outubro.

No dia 16 desse mesmo mês, às 21 e 30, efectua-se o concerto de encerramento das comemorações no Teatro da Trindade, com a participação da banda de música de Guarda Nacional Republicana, que executará a «Suite Rústica n.º 3». Colaboram também neste concerto intérpretes que têm dado grande contributo à divulgação da obra do compositor. O vencedor do

poder local

Coligação em causa no concelho de Pinhel

AD zangada por causa da presidência da Câmara

O PSD está a ser manobrado pelo Partido Comunista. A insólita acusação vem de Pinhel e tem origem no presidente da Câmara desta cidade, Alceu Campos do CDS, que se zangou com os militantes locais socialistas-democratas.

As acusações são mútuas, já que o PSD, que controla a mesa da Assembleia Municipal, acusa a Câmara e, especificamente o seu presidente, de impedir o pagamento dos funcionários por não existir a respectiva dotação

orçamental, de adjudicar obras sem deliberações do executivo principal, de proceder a concursos fantasmas para o fornecimento de materiais, também sem deliberações do órgão competente e adquirir sistemas de bombagem para o rio Coa sem consultar técnicos.

Todas estas acusações foram desmentidas por Alceu Campos e em represália os vereadores do PSD demitiram-se dos seus cargos, já depois de terem sido proibidos pelo presidente da

Câmara de dar ordens aos funcionários municipais.

Alceu Campos assegura também que os socialistas-democratas de Pinhel não sabem o que se passa nas sessões camarárias a que assistem e desmente que tenha sido pedida ao governador civil a sua suspensão ou qualquer inquérito à sua actuação, factos que o PSD confirma e prova com documentos.

Estas tricas na coligação no poder têm origem, ao que parece, no facto de o PSD ambicio-

nar ocupar a presidência da Câmara, enquanto os centristas se reclamam como o partido mais votado.

Para já, está comprometida a possibilidade de apresentação de uma única lista da AD nas próximas eleições autárquicas.

«Não há grandes possibilidades», afirma o presidente da Câmara, enquanto um dos seus rivais revela que vai processar Alceu Campos por atentado à sua dignidade.

A custa dos dinheiros públicos

Secretário da A.M. do Porto despedido da "Bonança"

PORTO, 5 — O primeiro-secretário da A. M. do Porto, Olímpio de Magalhães, foi ontem despedido pela Companhia de Seguros Bonança, EP, onde era director de serviços, na sequência de um contencioso que o «DL» referiu na sua edição de anteontem e que acentuava fundamentalmente na denúncia de irregularidades que aquele autarca fizera numa carta dirigida em tempos ao dr. Sá Carneiro. Ao comunicar o seu despedimento, na sessão de ontem da Assembleia Municipal, Olímpio de Magalhães acrescentou que suspendia de imediato as suas funções naquele órgão autárquico até que o seu partido (PSD) assumia as suas responsabilidades em todo este processo. Olímpio de Magalhães

deixou implícita a acusação de que o seu partido lhe tem recusado apoio num processo que dura há meses e que a própria A.M. conhece pelo facto de a companhia de seguros lhe ter pedido actas de sessões para eventualmente responsabilizar Olímpio de Magalhães.

Este acrescentou ontem que a companhia de seguros afirmara que lhe pagará «o que o tribunal estipular», o que significa que os gestores da Bonança transferem para o erário público o peso financeiro do despedimento daquele autarca.

O Sindicato dos seguros tornou entretanto público um comunicado em apoio do seu associado Olímpio de Magalhães acusando o conselho de gestão

daquela companhia de «abuso de poder». O Sindicato acrescenta que os gestores, se se sentem caluniados, deviam instaurar previamente um processo-crime para apuramento da verdade em vez de um simples processo disciplinar que não respeita a legislação aplicável e o próprio CCT. O Sindicato afirma também que a companhia de seguros procedeu daquele modo com «o único fim de abafar a voz de um trabalhador», pelo que entrou imediatamente em contacto com o ministro das Finanças.

A sessão de ontem da A.M. do Porto foi não só agitada pelo caso do despedimento de Olímpio de Magalhães, como também pelas acusações vindas da ban-

cada socialista, nomeadamente pela voz do jornalista Manuel Ramos, relativas à corrupção, compadrio, suborno e perda de processos pelo que Manuel Ramos pediu esclarecimentos e uma certidão a fim de se saber como vai a máquina burocrática da Câmara Municipal. Também ontem, mais uma vez, a própria bancada da AD pela voz de Jorge Montenegro (PSD), pôs em dúvida os métodos de trabalho da Câmara que acusou de ter uma máquina «emperrada, onde há falta de transparência e processos que se perdem». Acrescenta-se igualmente que os trabalhos da AM também sofreram atrasos pelo facto de não haver quorum, sendo os faltosos sobretudo da bancada da AD, como já é hábito.

Três juízes votaram contra

Supremo dividido manda extraditar Roberto Martelli

Com quatro votos a favor e três contra, o Supremo Tribunal de Justiça decidiu ontem à tarde mandar extraditar o arquitecto italiano Roberto Martelli, detido em Maio último num hotel de Lisboa, na sequência de uma cilada montada por polícias do seu país em colaboração com agentes da Judiciária. Martelli, de 35 anos, é acusado de ser responsável de tentativas de sequestro na qualidade de dirigente da organização esquerdista «Unidades Combatentes Comunistas».

Na sua declaração de voto, um dos juízes que votou contra alega que o pedido de extradição de Roberto Martelli só poderia ser apreciado à luz do Tratado Luso-Italiano de 1878. Este tratado, tal como a Constituição da República Portuguesa, exclui a extradição por crimes políticos ou com eles relacionados. Na sua declaração de voto, o referido juiz afirma ser ilegal limitar o tratado Luso-Italiano com uma Convenção (a Convenção Europeia para a Repressão ao Terrorismo) ainda não em vigor.

Recorde-se que, em 1978, as

autoridades portuguesas recusaram, com base no Tratado Luso-Italiano a extradição do militante neofascista Fabio di Marino, acusado do sequestro consumado de um juiz. Fabio di Marino foi na altura defendido pelo advogado António Abranches Ferrão.

Segundo conseguimos entreter apurar, os advogados de Martelli preparam-se para recorrer para o Pleno, até porque o arquitecto italiano tem um processo a decorrer no 9.º Juízo Correcional de Lisboa por utilização de passaporte falso, crime passível de dois anos de prisão. Ora a Constituição Portuguesa exige que delitos praticados em território português devam ser julgados pelos nossos tribunais. No entanto, os patronos de Martelli (Francisco Sousa Tavares, Miguel Sousa Tavares e Agostinho Sousa Miranda) receiam que a extradição do seu constituinte tenha efeitos imediatos, somando assim mais um grave atropelo à forma como a polícia italiana actuou em território nacional.

Vão ser anunciadas medidas de apoio à exportação de conservas

Fornecimento de azeite à indústria de conservas a preços mais baixos que os correntes no mercado, folha de flandres fornecida pela Siderurgia também em melhores condições de custos são algumas das medidas de apoio à indústria conserveira nacional que vão ser brevemente anunciadas.

O objectivo deste apoio de base às conservas é incentivar o seu encaminhamento para o exterior dado saber-se que esta é uma das exportações portuguesas tradicionais e que pode ser melhorada na sua capacidade de captar divisas. Este objectivo afere-se directamente pelo anúncio, também para breve, de um subsí-

sídio de 10 por cento sobre a facturação de conservas exportadas.

Outra medida em estudo, mas para concretização, a muito curto prazo é a actualização do valor da «warrantagem», isto é, um adiantamento monetário que o Instituto Português de Conservas de Pe-

xe (IPCP) concede aos exportadores que depositam os «stocks» de produtos acabados nos seus armazéns, esperando escoamento.

A mesma fonte afirmou que o Governo procurará também regularizar o abastecimento de sardinha à indústria conserveira.

a palavra com...

Mário Murteira



As chaves do Terceiro Mundo

Como relata um biógrafo, Maomé recusou-se um dia a tabelar preços apesar de insistentemente solicitado a fazê-lo pelos seus seguidores. Maomé disse então, com muita sabedoria, que «só Deus pode fixar preços!»

Nesta ordem de ideias poderíamos talvez dizer (exagerando um pouco) que os monetaristas são maometanos ou que Maomé já era monetarista pois o Mercado não é mais do que Deus na sua expressão mais moderna, e os seus designios continuam insondáveis mas todo poderoso, para maometanos e monetaristas, ao Norte e ao Sul. Vem isto a propósito do grande problema das **políticas de ajustamento**, na conjuntura actual de crise económica mundial e da correspondente filosofia que as fundamenta. A filosofia mais «liberal» e ortodoxa — do tipo da receita que o FMI aplicou em Portugal pela mão de Vítor Constâncio — visa o ajustamento «pelo lado da procura» como dizem delicadamente os especialistas ou como mais grosseiramente poderemos afirmar, por via dos austeros apertos no cinto, que se traduzem em menos consumo para quase todos e também menos empregos para alguns. Outra filosofia,

de que agora até meios relativamente conservadores falam com insistência, é o ajustamento «pela oferta», implicando mudanças estruturais no aparelho produtivo, das economias nacionais em função dos actuais dados da economia internacional.

Visto por este prisma, a **política de ajustamento**, face à crise, em países industrializados ou semi-industrializados (como Portugal), está condicionada por uma revisão da estratégia da política económica externa, designadamente no que refere às relações económicas com países de Terceiro Mundo.

É nesta perspectiva que o Instituto Alemão para o Desenvolvimento solicitado pelo governo da Alemanha Federal, publicou recentemente um estudo de interesse intitulado «Países-chave do Terceiro Mundo — implicações para as relações entre a República Federal Alemã e o Sul».

Esse estudo selecciona 19 **países-chave**, (Key countries) pela sua dimensão, potencial de recursos naturais, capacidade de industrialização e desenvolvimento de exportações. Esses países são depois analisados segundo o respectivo «perfil de

risco», sumariando-se os resultados conforme descrevo a seguir.

No grupo mais estável figuram a China e a Argélia, países considerados «num contexto regional relativamente estável sem sérios desequilíbrios políticos ou económicos internos ou económicos externos». A China é o único país considerado com elevada capacidade de ajustamento a médio prazo.

O grupo seguinte é o mais numeroso composto por seguintes países: Nigéria, Coreia do Sul, México, Venezuela, Argentina, Colômbia, Brasil, Indonésia, Filipinas, Tailândia. Consideram os autores do estudo que todos se situam em contextos regionais relativamente estáveis, mas com perfis de risco específicos. Por exemplo, o Brasil tem um potencial de risco relativamente elevado, quer no plano interno, quer no respeitante a pagamentos internacionais. Ou seja: não é talvez provável, mas existe sempre a possibilidade de o chamado milagre brasileiro se desmoronar, com um fragor que se ouça da Patagónia ao Alasca.

O terceiro grupo contém a Índia, o Paquistão e a Turquia, países em regiões instáveis e com fortes tensões internas

económicas, sociais e políticas. Basta notar que, em 1975, cerca de 300 milhões de pessoas viviam nesses países em situação de pobreza absoluta, isto é, mais de 40 % da população nos dois primeiros países e 14 % no último, viviam em condições sub-humanas.

O grupo dos mais instáveis, finalmente, é constituído por Irão, Iraque, Arábia Saudita, sendo este o país considerado presentemente como de maior risco de perturbação (o estudo que refiro foi publicado alguns meses antes da morte de Sadat mas não é crível que o facto tenha tornado a situação egípcia menos instável, antes pelo contrário).

Enfim, a mensagem da análise que refiro poderá talvez centrar-se nos pontos seguintes:

Os ajustamentos positivos (pelas modificações na estrutura produtiva, em lugar da contracção da procura) dos capitalismos industrializados na presente conjuntura depressiva exigem uma nova concepção nas relações Oeste-Sul.

Esta concepção requer estratégias diversificadas em relação às principais áreas regionais do Terceiro Mundo, focadas especialmente nas relações com os «países-

-chave» como os enumerados acima.

Tais relações devem permitir (e promover) **ajustamentos internos desses países** que diminuam os factores de risco e aumentem a sua estabilidade social e política, ao contrário das políticas típicas do FMI que precisamente vão no sentido de maior instabilidade e repressão.

Afirmam ainda os autores, em vez do infrutífero «diálogo» Norte-Sul, seria preferível como alternativa «negociações bilaterais e novas formas de cooperação entre a OCDE e os países -chave, que poderiam resultar, pelo menos a nível bilateral, em maior estabilidade das relações económicas Norte-Sul».

Esta visão das coisas não se afasta substancialmente do tão falado Relatório Brandt, publicado o ano passado, e corresponde à perspectiva social-democrata que se oferece como alternativa da concepção nitidamente reaccionária que hoje domina os governos dos EUA e da Grã-Bretanha. Duvido que entusiasme as nações mais progressistas do Terceiro Mundo, mas não é essa questão que me interessa aqui focar.

O ponto importante a salientar é que mesmo à escala de

uma economia pequena e «intermédia» como a portuguesa é flagrante a necessidade de ajustamento positivo da oferta — no sentido referido — em lugar da mera austeridade masoquista, quando o total falhanço da terapêutica do FMI usada a partir de 77 nos obriga a partir de novo à procura do tempo (e do poder de compra) perdidos.

Tal ajustamento, além de mais, obrigaria os responsáveis da política económica nacional a ir além das balizas habituais sobre a CEE, tomar a sério o desabafo do ministro dos Negócios Estrangeiros que, segundo alguns jornais, virilmente afirmou a alternativa à adesão. Se a tem ou não, guardada lá em casa, interessa pouco saber. A questão é que para ela exista verdadeiramente, um exercício semelhante ao que descrevi teria de ser feito para Portugal, objectivamente e em profundidade.

Quais são — seriam — as nossas chaves para o Terceiro Mundo?

Maomé responderia talvez a esta questão dizendo que só Deus abre todas as portas. Mas a Portugal bastaria talvez abrir uma, para sair do grande aperto em que a economia nacional de novo se meteu.



CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

AVISO

Torna-se público que está aberto concurso para o preenchimento de vagas para o Serviço de Obras.

LUGAR:

SERVENTE DE OBRAS

OFERECE-SE:

- Remuneração de acordo com a correspondente Letra da tabela de vencimentos da Função Pública
- Possibilidade de ingresso no quadro após período experimental

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO:

- Nacionalidade Portuguesa;
- Idade não inferior a 18 anos;
- Sanidade mental e física para o desempenho do cargo;
- Ausência de pena disciplinar ou de condenação por crime que inabilitem para as funções próprias do cargo;
- Cumprimento dos deveres militares ou de obrigações de Serviço equivalente;
- Escolaridade obrigatória;
- Bilhete de identidade válido.

MODO E PRAZO DE CANDIDATURA:

Os requerimentos de admissão ao concurso dirigidos ao Presidente da Câmara em papel selado e com indicação do endereço, devem ser acompanhados dos documentos comprovativos do preenchimento dos requisitos atrás referidos e de todos os elementos eventualmente relevantes para apreciação da candidatura.

No entanto os candidatos são dispensados da apresentação dos documentos comprovativos dos requisitos referidos nas alíneas a), d) e f) se declararem no mesmo requerimento, sob compromisso de honra, que preenchem aquelas condições.

Os requerimentos devem dar entrada na Secretaria Geral da C.M.B. no prazo de 30 dias após a data deste aviso.

Barreiro, 20 de Outubro de 1981

O SUBSTITUTO DO PRESIDENTE DA CÂMARA
Alfredo Rodrigues de Matos

CONTRA O APARTHEID

SESSÃO DE SOLIDARIEDADE COM O POVO DA ÁFRICA DO SUL

COM A PRESENÇA DO
SECRETÁRIO-GERAL
DO CONGRESSO SUL AFRICANO
DOS SINDICATOS - SACTU
E DE UM MEMBRO
DA COMISSÃO
EXECUTIVA DA CGTP-IN

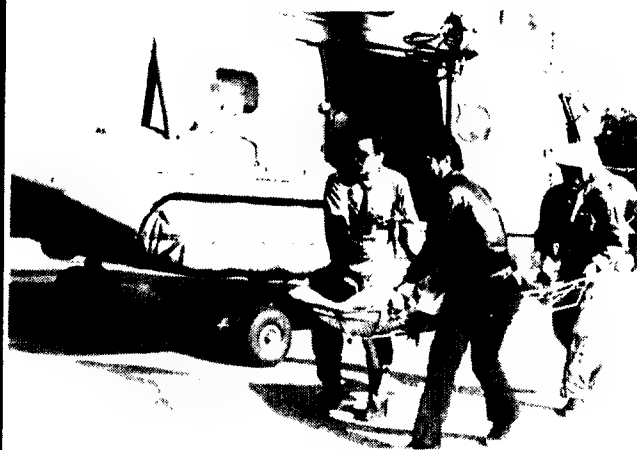


Espectáculo
com JOSÉ JORGE LETRIA
e LUIS CILIA

TEATRO ABERTO
6 DE NOVEMBRO PELAS 21.30

de ontem para hoje

Força Aérea: 33 evacuações



Durante o mês passado, a Força Aérea, em colaboração com o Serviço Nacional de Ambulâncias, efectuou evacuações de diversos locais do País para os hospitais de Lisboa, Porto e Coimbra, tendo transportado trinta e três doentes graves, num total de trinta missões, em helicóptero e Avio-car. Ontem (na foto) um helicóptero da FAP evacuou, ao largo da baía de Cascais, Kazantyan Georgios, engenheiro de máquinas do petroleiro grego «World Field», vítima de graves queimaduras. Georgios foi transportado para o Hospital de Santa Maria, onde ficou internado.

Na Malveira: populares recuperaram bacalhau roubado

Habitantes da Malveira recuperaram uma camioneta com 140 fardos de bacalhau que tinha sido ontem roubada à porta de um armazém daquela vila. Uma distração do motorista, que foi almoçar deixando a cabina da camioneta aberta, permitiu o roubo do veículo e da carga, encontrada sete horas depois a oito quilómetros da Malveira. O gerente do armazém, a quem a carga se destinava, disse que o valor da mercadoria, vinda da Noruega, é de 2400 contos. A mesma fonte admitiu que a mercadoria roubada deveria ser descarregada à noite no local onde a camioneta foi encontrada pelos populares.

Açores exportam: leite em pó para a Arábia Saudita

Os Açores exportaram ontem, para a Arábia Saudita, 430 toneladas de leite em pó. O produto seguiu a bordo do navio dinamarquês «Victorius». Brevemente serão exportadas mais 430 toneladas deste produto para o mesmo país e 230 toneladas para o Líbano.

Kathleen Downe: inglesa naufragada da Caparica na Costa

O Instituto de Medicina Legal de Lisboa identificou ontem finalmente o cadáver que, conforme noticiámos, dera à praia da Costa da Caparica no dia 4 de Outubro último. Trata-se de Kathleen Joan Downe, de 42 anos, natural de Hersteadt, na Inglaterra, mulher do proprietário do late inglês «Shintaro». Os médicos portugueses obtiveram a identificação por elementos enviados de Inglaterra através da Embaixada daquele país em Lisboa, uma vez que nenhum familiar da morta se deslocou a Portugal. Depois do corpo ter dado à costa, foram recolhidos um mastro com a bandeira da Grã-Bretanha e um bote de borracha com o nome de «Shintaro» inscrito. O casal britânico — revelaram na altura familiares — tinha seguido de avião para Gibraltar onde iniciou um cruzeiro na embarcação. O corpo de Kathleen Joan foi, no en-

Marconi e CTT: novos acordos com Bissau

A Rádio Marconi e os CTT, soube-se ontem, irão concretizar, a partir de 1982, novos programas de cooperação com os Correios e as Telecomunicações da Guiné-Bissau. Os novos acordos de cooperação, de que já estão elaborados os respectivos projectos, deverão ser assinados no final da próxima reunião da Comissão Mista de Cooperação Luso-Guineense, prevista para Janeiro de 1982, na ilha de Bubaque. Os encargos da assistência técnica e da manutenção a serem prestadas por aquelas empresas portuguesas serão, em princípio, parcialmente custeados pela cooperação oficial de Portugal.

Henrique Mourato: presença na Galeria do Escorial



Henrique Mourato (na foto) irá inaugurar hoje, pelas 16 horas, na Galeria do Escorial (Rua das Portas de Santo Antão, 47, em Lisboa), uma exposição de pintura composta por 22 quadros. Henrique Mourato, que nasceu em 1947, já participou em várias exposições individuais e colectivas, com destaque para as suas presenças na Galeria Opinião (1974), Galeria Abel Salazar (1975), Sala de Arte Moderna na Sociedade Nacional de Belas-Artes (1979), Casa de Imprensa (1973), XIX Prémio Internacional Joan Miró de Barcelona (1980) e Exposição no Museu de Arte Contemporânea de Madrid (1981). Para além disso, Henrique Mourato, que é alentejano, está ainda representado nas seguintes obras: «Portuguese 20th Century Artists», de Michel C. Tanok, e «Homens e Mulheres nas Letras, Ciências e Arte Vinculados a

Anunciaram responsáveis da Cimpor

Souselas: o começo do fim na especulação do cimento

A entrada em funcionamento da terceira linha fabril de Souselas, prevista para meados do próximo ano, dará um grande contributo para que, finalmente, no ano seguinte, a produção de cimento no nosso país ultrapasse o consumo.

Numa economia de mercado como a nossa, aquele facto permitirá pôr cobro à especulação na compra e venda de cimento que actualmente se verifica.

Com a entrada em funcionamento da nova linha, com capacidade para um milhão de toneladas de cimento anuais, a produção da fábrica da Cimpor instalada em Souselas duplicará. Os dois milhões de toneladas anuais que então passará a produzir destinam-se ao abastecimento do Norte do país.

O anúncio das perspectivas criadas com aquela linha da



Cimpor foi ontem feito por Torres Campos, do Conselho de Gerência da empresa, que falava a jornalistas durante uma visita àquela unidade industrial situada a poucos quilómetros de Coimbra.

O aumento da capacidade em Souselas e a prioridade estabelecida para o Norte do país implicou avultados investimentos num entreposto construído de

novo, na Maia, perto do Porto. O cimento a granel entre a produção e a distribuição será transportado por caminho-de-ferro, o que implicará a construção de ramais a cargo da própria empresa nacionalizada de cimentos.

O custo total dos dois empreendimentos (Souselas e Maia) deverá cifrar-se em cerca

de 6,5 milhões de contos, a preços correntes do ano passado, acrescidos de um milhão de contos de encargos financeiros. Cerca de 75 por cento dos trabalhos foram adjudicados a empresas nacionais.

A nova linha de produção de Souselas, de acordo com os mais modernos processos de fabricação, incorporará meios de antipoluição que em termos de estimativa representarão cerca de 10 por cento do custo total do empreendimento, ou seja mais de 600 mil contos.

A Cimpor, que resultou da nacionalização, em 1975, das várias cimenteiras (excepção feita à Secil no que se refere aos seus capitais estrangeiros) tem actualmente seis centros de produção: Alhandra, Cabo Mondego, Loulé, Maceira do Lis, Pataias, e Souselas. Além disso, mantém perto de 850 postos de distribuição em todo o país.

VISA II SUPER X SUPER DE CONDUZIR

SINTA-SE A DOMINAR

Arranque para o prazer de conduzir com a super potência do motor e veja como as ultrapassagens se tornam fáceis e seguras.

Sinta a eficiência duns belissimos travoes servo-assistidos.

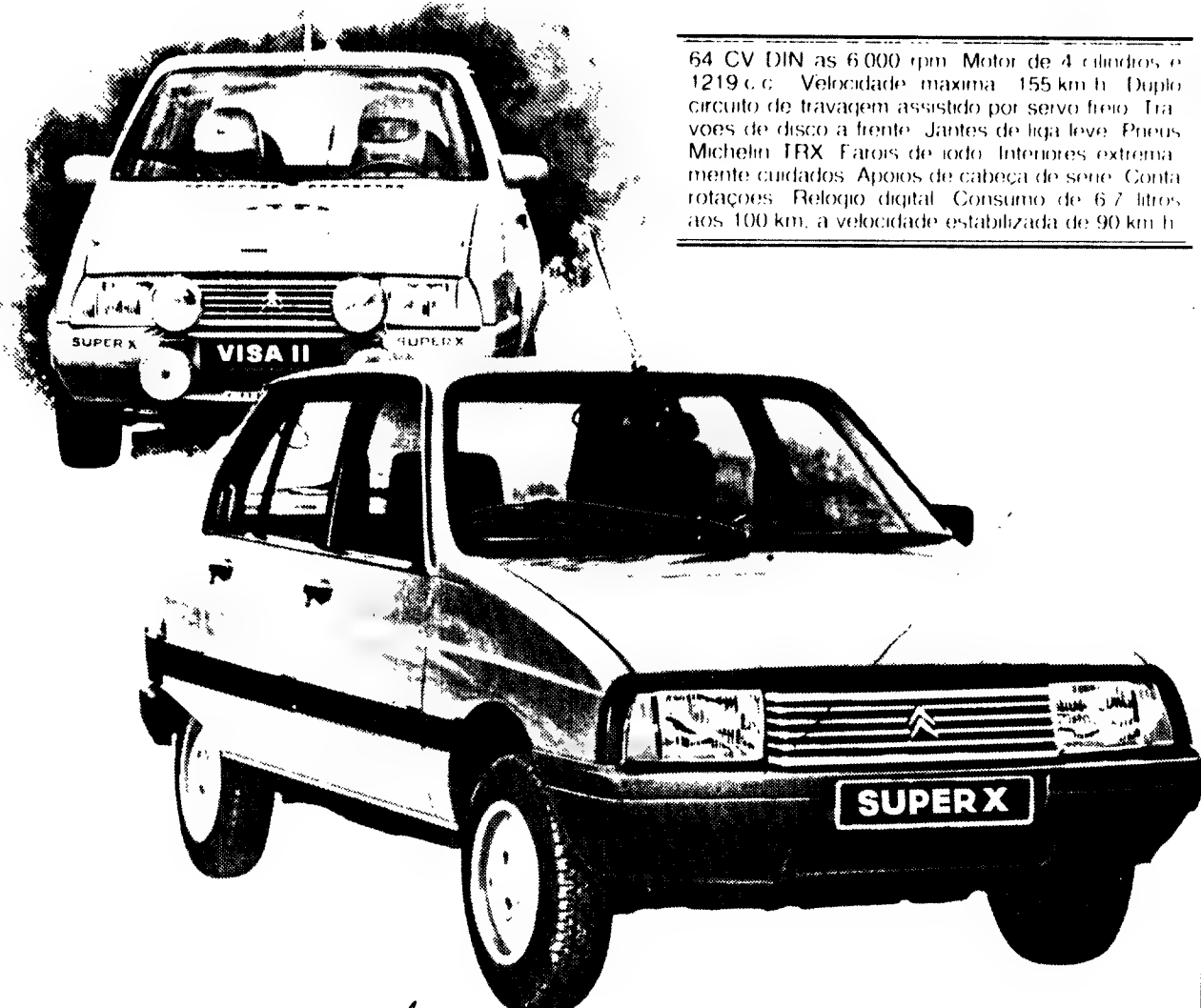
Goze a obediência duma direcção precisa.

Sinta em todas as circunstâncias as qualidades de uma suspensão particularmente cuidada.

Todos os comandos ao seu alcance com facilidade e rapidez.

Citroën Visa II Super X, bonito de se ver...

SUPER DE CONDUZIR



64 CV DIN as 6000 rpm. Motor de 4 cilindros e 1219 c.c. Velocidade máxima 155 km/h. Duplo circuito de travagem assistido por servo-freio. Travões de disco a frente. Jantes de liga leve. Pneus Michelin TRX. Faros de iodo. Interiores extremamente cuidados. Apoios de cabeça de série. Conta rotações. Relógio digital. Consumo de 6,7 litros aos 100 km, a velocidade estabilizada de 90 km/h.

venha ensaiá-lo no concessionário Citroën mais próximo.

CITROËN

Breznev propõe

“Frente” de Estados para reforçar a paz

O presidente soviético, Leonid Breznev, apontou a cooperação dos Estados socialistas com países de diferente ideologia como necessária para fortalecer a causa da paz.

Breznev avistou-se ontem no Kremlin com os secretários-gerais dos partidos comunistas de vários países socialistas, designadamente da Hungria, Polónia, Bulgária, Checoslováquia, Alemanha Democrática, Roménia, Vietname, Mongólia, Cuba e Laos.

O processo de desanuviamento deve, em muitos aspectos, o seu aparecimento à activa política conjunta dos Estados socialistas, disse o líder soviético, salientando ser possível, através de «uma actuação conjunta e concertada» dar ao processo «um segundo alento, novo vigor e dinamismo».

Salientou, noutro passo, a importância do auxílio aos países socialistas, com o qual, disse, se fortalecia a comunidade socialista e a causa da paz em geral.

Concretamente, aludiu ao caso da Polónia e à assistência

prestada pela comunidade «aos camaradas polacos nos seus esforços para solucionar a grave crise política e económica do país».

Numa referência à sua próxima visita à Alemanha Federal, Breznev falou da necessidade de desenvolver os contactos inter-estatais e de «dinamizar um diálogo com estadistas de pensamento realista, de diferentes orientações políticas, que estejam dispostos a agir em nome de um futuro melhor».

SALT

O secretário de Estado norte-americano, Alexander Haig, comunicou ao Senado que as novas negociações SALT entre os Estados Unidos e a União Soviética poderão ter início na próxima Primavera.

Haig ressaltou que as conversações entre os dois países apenas serão relatadas se «o estado geral das relações soviético-norte-americanas for na altura suficientemente bom».

As negociações sobre o controlo de armamentos, justificou, não podem ser realizadas num vácuo político.

Por outro lado, na audiência perante a Comissão das Relações Externas do Senado, o chefe da diplomacia norte-americana disse que o apoio do Congresso e a decisão do presidente Ronald Reagan de produzir mísseis MX e bombardeiros B-1 será crucial.

Explicando a afirmação, Haig frisou que esse dar, pela primeira vez, a Washington, uma força susceptível de persuadir os soviéticos a negociarem a redução da sua força de mísseis nucleares de ataque.

Por outro lado, o secretário de Estado considerou que o presidente Ronald Reagan tinha razão, ao declarar recentemente que um conflito nuclear limitado não resultaria necessariamente numa conflagração mundial.

Caso estalasse um conflito com a União Soviética «agiriamos de modo a limitar tal troca (nuclear) ao mais baixo nível possível», declarou Haig, sublinhando ter sempre sido essa a estratégia da NATO.

Além disso, Haig revelou que entre as opções existentes para manter ao mais baixo nível qualquer troca nuclear, estava incluída a possibilidade de lançar um único míssil de advertência e de demonstração.

Esta tese opõe-se, portanto, radicalmente às declarações feitas pelo presidente soviético, Leonid Breznev, ao semanário alemão «Der Spiegel», segundo as quais um conflito nuclear seria inevitavelmente mundial.

Milão: manif. contra mísseis

Milhares de pessoas protestaram ontem nas ruas de Milão contra a decisão governamental de autorizar a instalação de mísseis nucleares norte-americanos na Sicília e de participar na Força Multinacional do Sinai.

Os manifestantes, que desfilarão durante duas horas pelo

centro histórico da cidade, exibiam cartazes nos quais se lia: A Itália é o país da NATO mais servil em relação aos Estados Unidos.

A manifestação foi convocada pelo ramo juvenil do Partido Comunista e pequenos partidos de extrema-esquerda.

A pior crise da UCD

Desmorona-se

MADRID (do nosso correspondente, Fernando Jauregui) — É um governo que mete água, por todos os lados, no meio de uma situação de grave crise política na qual o partido no poder, que tem de fazer frente à última «balbúrdia» militar surgida em Espanha, se desmorona. E agora os observadores perguntam se a equipa de Calvo Sotelo, ocupada a curar as suas próprias feridas internas, poderá fazer frente à situação planeada por umas Forças Armadas que procuram o menor pretexto (por exemplo, a crise interna da UCD) para mostrar o seu descontentamento e apresentar as suas soluções.

A situação que o partido governamental e portanto o próprio governo atravessam, é grave. O «leader» do sector social democrata ucedista, Francisco Fernandez Ordoñez, depois de um jantar com vários dos seus correligionários da ala progressista da UCD anunciou formalmente a sua saída do Partido, juntamente com mais catorze parlamentares que até agora pertenciam ao grupo centrista do congresso e ao senado.

Com Fernandez Ordoñez, que numerosas vezes criticara a «direitização» que se estava operando no Governo e na própria União de Centro Democrático, este partido perde a sua ala com mais «credibilidade progressista», coisa que, sem dúvida, convém aos designios da chamada «plataforma moderada» da UCD, liderada por democratas-cristãos e membros da Opus Dei, empenhados em forçar uma «reorganização da direita» no país, para preparar as próximas eleições gerais, eleições essas que, como se vê cada vez com mais clareza, terão de ser antecipadas.

A saída de Fernandez Ordoñez deu origem a uma séria crise no partido, crise essa que o presidente Calvo Sotelo e seis ministros «fiéis» imediatamente debateram. Para a reunião nem sequer foi convidado o presidente do Partido, Agustin Rodriguez Sahagun, cunhado do ex-presidente do Governo Adolfo Suarez e um dos seus fiéis. Sahagun mostrou-se aborrecido, pedindo uma explicação imediata para o facto. O que faz pensar que a crise aberta no seio da UCD só agora vai na praça.

Se Leopoldo Calvo Sotelo, cada vez mais próximo da «plataforma moderada» é uma das chaves da crise, Adolfo Suarez, que até há dias estava com os progressistas de Ordoñez, é outra. O ex-presidente Suarez, que em 1977 criou, juntamente com Calvo Sotelo, uma UCD «partido rigorosamente de centro», irá tolerar a claramente chamada «reorganização da direita» que pretende o actual chefe do Executivo?

Evidentemente Suarez não tem a intenção de abandonar o Partido e as cada vez menos rentáveis siglas da UCD nas mãos da sua grande inimiga, a «plataforma moderada», que pretende uma «aliança táctica» com a «Direita natural», isto é uma aliança do sector mais conservador da UCD, com partidos situados à direita no espectro político, como a Aliança Popular de Manuel Fraga, grande triunfador nas eleições autonómicas da Galiza.

Até agora Suarez, procurou refrear este processo de aproximação com a «extrema-direita», ajudado, entre outros pelo presidente da confederação patronal CEOE, Carlos Ferrer Salat. Mas não é muito certo que o consiga e a sua atitude é uma das grandes incógnitas, de todo este processo que, a partir de agora, se vai acelerar muito.

Na importante reunião com seis ministros, Calvo Sotelo teria apontado segundo certas fontes, quatro possibilidades: dissolução das duas câmaras e convocação de eleições, continuação da situação tal como está, demissão do próprio Calvo Sotelo e sua posterior ascensão à presidência do Partido e também à presidência do Governo. As três primeiras soluções teriam sido postas de parte, pelo que parece iminente que Leopoldo Calvo Sotelo assuma a presidência da UCD, afastando Rodriguez Sahagun. O que significa que procurará retirar

Polónia: Em perspectiva o “Entendimento Nacional”

A possibilidade de criação de uma «Frente de Entendimento Nacional», foi examinada durante o encontro que reuniu ontem, em Varsóvia, o general Wojciech Jaruzelski, primeiro secretário do PC polaco, Mons. Jozef Glemp, Primaz da Polónia, e Lech Walesa presidente do «Solidariedade», segundo indica um comunicado difundido pela agência «PAP».

Tal frente, acrescenta o comunicado, constituirá uma «plataforma permanente de diálogo e de consulta com todas as forças políticas e sociais, na base dos princípios da constituição polaca».

O comunicado sublinha que os participantes na reunião a consideraram «útil» mas que tinha um carácter preparatório para consultas posteriores.

O encontro permitiu uma troca de opiniões sobre a «crise» polaca e sobre os meios de a vencer.

«Solidariedade» proclama trégua

A Comissão nacional (KK — órgão supremo) do «Solidariedade» adoptou, por 57 votos contra três, uma resolução que apela para a suspensão de todas as acções de protesto até fins de Janeiro de 1982, indicou fonte sindical.

Este apelo, que equivale a uma trégua social de três meses, comporta, contudo, uma restrição: as greves seriam consideradas justificadas em caso de atentado à segurança dos militantes sindicais.

Walesa anula

Lech Walesa, presidente do

sindicato «Solidariedade», anulou a sua visita aos Estados Unidos durante a qual deveria assistir à convenção da AFL-CIO, segundo indicou um porta-voz da organização sindical americana.

«Na situação actual é-me impossível abandonar a Polónia, mesmo por pouco tempo» — escreve ele, numa mensagem em que exprime o seu pesar por não poder assistir, como estava previsto, ao congresso da AFL-CIO que se inicia no próximo dia 16, em Nova Iorque.

Walesa tinha previsto igualmente ir a Chicago e a Detroit, quando dessa visita, devendo participar ainda no congresso da organização sindical canadiana, presença a que renunciou também.

inteligência hereditária e racismo

James M. Lawler



A desmontagem rigorosa da incidência racista de teorias em voga, aparentemente científicas, dos testes da inteligência.

Livro universalmente aclamado, indispensável a todos os estudantes da Psicologia.

na estrada do futuro **CAMINHO**

Adiado o lançamento do vaivém espacial

Após duas tentativas, a NASA foi ontem obrigada a adiar, «por cerca de uma semana, segundo informação oficial, o lançamento, que seria o segundo do vaivém espacial «Columbia».

As razões do adiamento devem-se a uma dificuldade surgida no nível de pressão de óleo (demasiado elevada), num gerador da nave.

Este novo problema, acrescentado aos que ainda não tinham sido resolvidos nos circuitos de computadores, que registaram quedas de pressão em três pilhas de combustível, levou o director de lançamento, George Pogue, a adiar a partida.

Os dois astronautas, Joe Engle e Richard Truly, abandonaram a «Columbia», manifestamente desiludidos, depois de terem passado quatro horas e meia amarrados às cadeiras ejetáveis a aguardarem o lançamento que acabou por ser anulado.

«Vénus 14»

A União Soviética lançou ontem o satélite não-tripulado «Vénus 14», que deverá encontrar-se perto de Vénus com uma nave semelhante lançada na semana passada.

Tal como a «Vénus 13», lan-

çada a 30 de Outubro, a «Venus 14» deverá chegar perto do planeta em Março de 1982.

Venus fica a 40 milhões de quilómetros da Terra, a menor distância possível entre os dois planetas do sistema solar.

Espera-se que os dois satélites façam descidas suaves em Vénus e transmitam informações sobre este planeta, tanto quanto se sabe, o mais semelhante à Terra.

A última missão soviética Vénus registou-se em 1978, com as naves 11 e 12 da série que transmitiriam informações para Terra antes de serem destruídas pelas altas temperaturas.

CD

o partido

o aparelho do Partido a Adolfo Suarez.

Estamos, pois, perante uma batalha frontal, no seio da UCD. Por um lado, parece que os sociais-democratas que abandonaram o partido, apesar das suas propostas de futura lealdade para com o Governo, formaram um partido-charneira, que, mais que à UCD, ajudaria a ganhar as eleições ao PSOE. Por outro lado estão os democratas-cristãos da «plataforma moderada», que, ajudados por figuras conservadoras não filiadas na UCD, como o «liberal» António Garrigues Walker e alguns ministros que pertenceram à ala «progressista» do franquismo, poderão apostar no próximo Governo.

Este próximo Governo está iminente. Calvo Sotelo terá que formar um executivo forte e coerente, já orientado para essa «reorganização da direita» com a qual procuraria ganhar as próximas eleições legislativas, se quer fazer frente aos problemas do país.

E entre esses problemas, o prioritário torna a ser o militar. O Governo, reunindo as suas forças destituiu terça-feira o general Fernando Ortiz Call do cargo de chefe das promoções. Ortiz Call é o responsável máximo pela inoportuna concessão, divulgada terça-feira no Boletim Oficial do Exército, de uma «medalha de mérito pelos sofrimentos pela pátria», outorgada ao cabecilha dos golpistas de 23 de

Fevereiro, o tenente-general Jaime Milans del Bosch.

O facto de poucas semanas antes do início do julgamento de Milans del Bosch e dos outros 34 presumíveis implicados na intentona que manteve sequestrados o Governo e o Parlamento durante toda uma noite, se conceda uma medalha, e ainda por cima «pelos sofrimentos pela Pátria», parece aos espanhóis uma brincadeira de mau gosto. Sobre tudo, depois de há apenas uma semana, um filho de Milans del Bosch, o capitão Juan Milans, ter recebido a mui benígna condenação de um mês de prisão por ter chamado «porco» e «inútil» ao Rei, quando o mesmo tribunal impunha uma pena do dobro do tempo a um oficial democrata por ter escrito uma carta a um director de um jornal.

Até agora, é justo reconhecer que o Governo de Calvo Sotelo mostrou uma certa firmeza para com os golpistas e levou avante a intenção de realizar um severo julgamento. Mas poderá o Governo manter esta atitude, quando jornais como o ultradireitista «El Alcazar», titulam em primeira página «Desordem Política Geral», num claro apelo aos «salvadores da Pátria»?

Uma crise política muito séria se abate sobre este país apesar da grande esperança de solução: a alternativa política socialista, chamada Felipe Gonzalez, apela à calma e minimizar o que se está passando.

Canadá: um difícil debate sobre a Constituição federal

A conferência entre o primeiro-ministro canadiano, Pierre Trudeau, e os dez dirigentes provinciais completou ontem o seu terceiro dia de trabalhos, na procura de um consenso sobre o projecto federal de Constituição.

Oito das dez províncias, disse um porta-voz federal, consideram uma manifestação de centralismo «contrária a toda a tradição constitucional do Canadá» a inclusão no texto em debate de uma carta-preâmbulo de direitos e liberdades dos cidadãos.

Esta carta, disseram comentadores políticos, está de acordo com as fórmulas generalizadas nas três Américas, mas que nem por isso se apresenta mais admissível para estes executivos regionais.

A proposta do chefe de governo do Ontário — a região mais desenvolvida do país e uma das duas que apoiam Trudeau — consiste em aceitar as propostas das províncias «rebeldes» em assuntos como os relativos à representatividade e voto das delegações, em troca dessas províncias aceitarem uma versão restrita, mas essencial, da discutida carta-preâmbulo.

Trudeau reiterou a opinião de que um referendo seria a fórmula definitiva de ultrapassar o praticamente inatingível «consenso interprovincial».

Esse consenso é, de facto, difícil, pois tratar-se-ia de conciliar o secessionismo do Quebec, por exemplo, com um claro reforço da unidade nacional.

O referendo, segundo os planos de Trudeau, realizar-se-ia nos dois próximos anos, quando a Constituição estivesse já aprovada pelo Parlamento Federal e também pelo Parlamento britânico.

Nesta segunda «conferência constitucional», promovida por Trudeau, os argumentos das duas partes apelam, por igual, ao ambíguo parecer do Supremo Tribunal do Canadá, segundo o qual o projecto é «legal» e «ilegítimo» ao mesmo tempo, frisaram círculos políticos de Otava.

Da mesma forma, são apre-sentados, com certa cruz os aspectos mais polémicos, da «carta-preâmbulo», os quais, em síntese, se referem à condição bilingue do Canadá — o que, contraria tanto a legislação francófona do Quebec, como a mínima disposição das províncias anglofonas, de «reconhecerem» as suas minorias de língua francesa — e à neutralização das leis «proteccionistas» com que algumas províncias se «defendem» da pujança financeira e industrial de Ontário.

A eventual redução das atribuições do Governo central poderia abrir o caminho ao confronto, já latente, entre as províncias, ciosas de como dispor de seus recursos naturais.

Este facto fez emergir, na conferência de Otava, questões como a do petróleo do Oeste, da plataforma marítima da Terra Nova e das riquezas mineiras de todo o país.

Arafat aceitou plano saudita para o Médio Oriente

O dirigente da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, aceitou em Riade o «plano Fahd» para o Médio Oriente, como «ponto de partida para uma solução global» da questão palestina. Foi o próprio Arafat quem declarou expressamente esta sua posição aos jornalistas em Tunes aonde se deslocou, proveniente de Riade. Arafat acrescentou que anda agora a percorrer diversas capitais árabes, a fim de debater a próxima «cimeira» que vai decorrer em Fez (Marrocos) a partir do dia 25 e na qual será discutido o plano de paz saudita.

Neste momento Arafat encontra-se em Argel para onde partiu depois de se ter avistado em Tunes com o presidente Burguiba e o seu ministro dos Negócios Estrangeiros.

Arafat especificou que tinha declarado aos dirigentes sauditas que qualquer solução do problema palestino «tem de ser baseada no reconhecimento dos direitos inalienáveis do povo palestino, incluindo o direito de regressar ao seu lar, o direito à autodeterminação e o direito à criação de um Estado, com Jerusalém por capital».

O ministro britânico dos NE, Lord Carrington, também esteve em Riade pela mesma ocasião, reafirmando a posição da CEE que considera a OLP elemento indispensável de quaisquer negociações sobre o Médio Oriente.

A única «novidade», além da aceitação expressa de Arafat, consiste nas declarações um tanto inesperadas que o príncipe Saud Façal produziu no final da visita de Lord Carrington: segundo disse, a URSS, a mais ou menos longo prazo, deveria ser associada às negociações de paz no Médio Oriente, dado o seu «importante papel no mundo» e dada a sua qualidade de membro permanente do Conselho de Segurança da ONU.

Refira-se, por último, que a Frente de Libertação Egípcia, liderada pelo general Chazdli, de-

nunciou ontem em Londres o plano Fahd, considerando-o uma nova versão dos acordos de Camp David. Esta posição difere da assumida pelo próprio general Chazdli, recentemente em Tripoli, onde declarou que o plano era uma base aceitável para negociações interárabes.

Advertência

A Organização de Libertação da Palestina protestou contra a participação da Inglaterra na força militar do Sinai.

A força militar plurinacional do Sinai entrará em funções em Abril, de acordo com o determinado pelos acordos de Camp David assinados entre Israel e o Egipto.

O representante em Londres da OLP, Nabil Rawlawi, entregou um memorando no Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico apelando ao titular da pasta, Lord Carrington, para que «considere as implicações da participação britânica na força do Sinai e as implicações que a decisão pode envolver».

Também M'Hamed Yazid, director do gabinete da Liga árabe em Paris, falando à AFP, dirigiu uma advertência aos países europeus contra a sua eventual participação na força multinacional do Sinai.

As consequências de tal participação, acrescentou, nas relações euro-árabes, seriam «graves e negativas».

Recusa de Hussein

O rei Hussein da Jordânia abandonou Washington, após uma visita oficial de dois dias, sem conceder absolutamente nada ao presidente norte-americano Ronald Reagan.

A política norte-americana para o Médio Oriente ficou assim no mesmo beco sem saída em que se encontra desde há meses.

Antes de partir, Hussein

anunciou que o seu país comprará mísseis à União Soviética.

A Administração Reagan procurou dissuadir o monarca árabe a rejeitar a oferta soviética e a adquirir, em troca, os mísseis terra-ar Hawks.

Hussein, porém, informou o Congresso norte-americano da sua intenção, noticiou a cadeia televisiva CBS, acrescentando que a compra dos mísseis soviéticos tinha sido formalizada já durante a visita de Hussein a Moscovo, em Maio.

Citando fontes do Congresso, a cadeia CBS disse que o monarca jordano recusou os mísseis norte-americanos por os considerar ineficazes perante um eventual ataque da aviação israelita.

O monarca deu a entender que o seu país, de acordo com as restrições impostas pelo Congresso norte-americano às transferências armamentistas, poderia defender-se com os mísseis Hawks perante um ata-

que sírio, mas não de um ataque da aviação israelita.

Rádio Tripoli acusa

A Rádio Tripoli anunciou que os Estados Unidos planeiam um atentado contra o dirigente líbio, Muammar Qathafi a realizar na próxima semana.

A rádio, captada em Beirute, anunciou que o atentado estaria planeado entre 10 e 15 de Novembro durante manobras a efectuar pelos Estados Unidos no Egipto e Sudão.

A emissora divulgou que o atentado contra Qathafi seria precedido por «medidas simuladas» que incluíam um ataque aéreo feito através dos bombardeiros B-52 em algumas zonas do território líbio durante as manobras.

A Rádio Tripoli anunciou que os pormenores do ataque foram recentemente divulgados por diários gregos e africanos e pelos jornais «al-Taliaa» do Kuwait e «Al-Baath» do Partido Socialista Sírio Baas.

Universidade de Bir Zeit encerrada pelos sionistas

As autoridades militares sionistas ordenaram ontem o encerramento por tempo indeterminado da universidade de Bir Zeit na margem ocidental do rio Jordão, na sequência de manifestações de estudantes palestinos.

Soldados israelitas dispararam granadas de gás lacrimogénio contra os estudantes quando estes se manifestavam nas proximidades do estabelecimento.

Incidentes semelhantes ocorreram em duas outras universidades (Frere, em Belém, e Dura, perto de Hebron) em Jericó e no campo de refugiados de Kalandia.

Em Telavive, um comunicado do Ministério da Defesa

anunciou que o fecho da universidade de Bir Zeit foi ordenado pelo general Danny Matt, coordenador do Governo militar nos territórios ocupados, depois de repetidos avisos terem sido feitos ao presidente do estabelecimento, Gabi Baranke, para que pusesse termo aos protestos estudantis.

A universidade de Bir Zeit é de há muito um centro de oposição estudantil ao Governo militar israelita, e esteve fechada dez dias em Novembro de 1980 por ordem das autoridades que assim puniram a realização de um Festival de Folclore e Cultura palestinos.

Conferência de Paris termina com apelo à reconstrução do Chade

A oitava conferência dos Chefes de Estado da França e da África terminou, na noite passada, os seus trabalhos no Centro de Conferências Internacionais da avenida Kleber, em Paris.

Na terceira e última sessão, foi lançado um apelo aos Estados membros da conferência e à comunidade internacional em geral para recorrerem, colectivamente

ou a título individual, em auxílio do governo chadiano.

Esta assistência destina-se à reconstrução económica do país, à instalação, o mais breve possível, da força interafricana e à formação do Exército nacional integrado, contribuindo igualmente para o relançamento da administração.

Prossegue, entretanto, a reti-

rada de tropas líbias no Chade. Comentadores no local referem que os contingentes que, a pedido do próprio Presidente Goukuni Weddeye, pacificaram o país, são os que se concentravam na capital, N'Djamena, e em outros locais estratégicos. Fazem notar que, na região norte do país, a que faz fronteira com a Líbia, não se registaram quaisquer alterações.

Governo inglês vai limitar os poderes dos sindicatos

A rainha Isabel II de Inglaterra abriu ontem a nova sessão parlamentar e anunciou que o Governo tenciona limitar os poderes dos sindicatos e continuará a sua política anti-inflacionária.

Isabel II, discursando perante as duas Câmaras (Comuns e Lordes), afirmou que o seu Governo estava determinado a manter o progresso e reduzir a inflação, adoptando uma política fiscal e monetária firme.

O discurso da rainha, que foi escrito pelo Governo da primeira-ministra, Margaret Thatcher, anunciou a introdução de uma nova legislação sindical a apresentar no início do próximo ano. A abertura do Parlamento britânico obedece a um ritual secular, no qual a rainha percorre a distância entre o Palácio de Bu-

kingham e o Parlamento em cortejo.

A cerimónia foi rodeada de medidas excepcionais de segurança.

Portugal e a CEE

Isabel anunciou também que o seu país continuará a apoiar a entrada de Portugal e Espanha na Comunidade Económica Europeia.

Grande parte do discurso da soberana foi dedicado à questão da segurança mundial e às relações externas da Inglaterra.

Isabel II afirmou que o seu país continuará fiel à NATO e expressou confiança numa «pronta e proveitosa conclusão» da reunião de Madrid sobre cooperação e segurança europeia.

Exército do Zaire matou 120 pessoas

Cento e vinte pessoas foram mortas pelo Exército zaireense no passado dia 12 de Outubro na província do Kasai Oriental (centro do país), afirmou ontem em Bruxelas o Conselho para a Libertação do Congo-Kinshasa (CLC-oposição).

Este movimento, que é formado desde Julho passado por vários partidos da oposição zaireense, esclarece num comunicado que este massacre teve lugar na localidade de Omumbu.

O CLC afirma que, por ordem pessoal do presidente Mobutu, foram enviados reforços militares para o Kasai.

Presos políticos filipinos apelam à Cruz Vermelha

Presos políticos filipinos lançaram um apelo à Cruz Vermelha Internacional para que examine a sua sorte e contribua para a melhoria das suas condições de detenção.

Aproveitando a realização, em Manila da assembleia-geral das ligas da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho e, a partir de sábado, da 24.ª Conferência Internacional da Cruz Vermelha, presos filipinos escreveram ao presidente do CICR para lhe descreverem a sua situação e iniciarem uma greve da fome para apoiarem a sua acção.

Uma dezena de presos, detidos em Bicutan, afirmam que há ainda 346 presos políticos nas Filipinas, apesar da anulação da lei marcial em Janeiro último.

Os presos queixam-se de casos contínuos de «tortura, execução sumária ou desaparecimento de pessoas presas».

Denunciam também «a utilização contínua de celas de isolamento» para os presos políticos.

exclusivo

O pacifismo na Europa

4 - O movimento para a paz em França

☐ Patrick Jarreau ☒ Le Monde

O Movimento para a paz parece ter saído do museu onde se encontrava. A pomba do seu emblema, desenhada por Picasso evoca um período já distante — de há trinta anos — o da guerra fria, o do apelo de Estocolmo contra a bomba atômica, do combate contra a Comunidade europeia de defesa e o rearmamento da

pelo seu criador nos anos 70, altura em que na sua sede nacional podia-se permitir no começo de 1980, condenar a intervenção soviética no Afeganistão. No mês de Abril desse mesmo ano, o partido comunista organizava em Paris um encontro dos partidos comunistas europeus, ao qual os partidos italiano, espanhol, jugoslavo e romeno, nomeadamente, se abstiveram de comparecer e que lançou um apelo para a acção contra a ins-

desde há cerca de ano e meio uma segunda juventude... Os «antigos» militantes comunistas envolvidos no movimento há já bastante tempo, com um contributo — simbólico a nível nacional e de importância variável a nível local — constituído por cristãos e socialistas viram começar a juntar-se à sua causa bastantes jovens.

O Movimento para a paz encarna, em primeiro lugar, uma tradição própria dos comunistas franceses, nascidos a partir de uma reacção no seio do movimento operário contra a guerra de 1914-1918. A defesa da paz faz parte do património comunista e é mesmo uma sua componente bastante reconhecida no exterior. Quando o PC lança uma campanha sobre este tema, depara sempre com uma aderência superior àquela que obtém em relação a outros aspectos da sua política. E em segundo lugar o que explica o facto de se encontrarem na direcção do Movimento para a paz personalidades de diversas orientações, tal como Pierre Luc Séguillon, redactor-chefe do «Temoignage Chrétien», membro do PS, Bernard Boudouresques, padre operário, membro da DFDL, o

o que Alain Joxe, professor assistente do Instituto de Estudos Superiores de Ciências Sociais confirma: «Uma nova geração encara de forma muito séria a existência das armas nucleares e o seu poder de destruição, enquanto as gerações precedentes estavam habituadas à ideia de que as armas eram destinadas a nunca serem utilizadas».

Este fenómeno pode estar ligado à emergência das preocupações ecologistas as quais tinham também nos anos 70 sensibilizado uma juventude assustada por entrar numa sociedade que regista um acumular de factores de destruição da vida.

O receio de que os arsenais constituídos no mundo sejam votados a vir um dia a ser utilizados serve para alimentar as perspectivas de guerra nuclear limitada, evocadas alguns anos a esta parte pelos estrategos e mais recentemente pelos dirigentes americanos. Reveste-se de um sentimento de indignação perante a importância das quantias consagradas pelos Estados aos seus armamentos e que poderiam ser mais bem utilizadas se se destinassem a ajudar o Terceiro Mundo. A imoralidade do comércio das armas prati-

tadas as diligências que possam advir de juízos a priori favoráveis ao bloco socialista. Deve, no entanto, ser feita uma excepção em relação aos trotskistas da Liga Comunista revolucionária que participaram na manifestação de 25 de Outubro, acrescentando às palavras de ordem do Movimento para a paz slogans pedindo a redução do orçamento militar francês.

As igrejas contribuem para alertar a opinião pública sobre os perigos da corrida ao armamento. A conferência episcopal e a Federação protestante tinham adoptado em 1973 um documento conjunto sobre o comércio de armas e diversos bispos entre os quais o mais idoso arcebispo de Paris, Monsenhor Marty, incluíram estas questões nas suas homilias. A secção francesa da organização Pax Christi leva a cabo uma acção pedagógica por intermédio da publicação mensal de folhetos e de literatura destinados a informar os católicos sobre a evolução e os riscos das políticas de armamento. Pronuncia-se a favor da regulamentação dos armamentos, que conduzam a reduções equilibradas e controladas e defende que o desdobramento de novos mísseis americanos na Europa não poderá ser dissociado do reforço dos dispositivos soviéticos.

Declarando-se favorável à «investigação de outros métodos para além da defesa armada» a Pax Christi mostra as suas reservas em face de doutrinas tais como a da defesa civil não violenta e recusa a ideia de medidas de desarmamento unilateral. Estas concepções encontram, entre os seus aderentes um certo eco. São preconizadas por outras correntes como o Movimento de acção não violenta que se baseia em escritos e actos de Gandhi, assim como em certos meios que influenciam as doutrinas de Lanza del Vasto. Estas tendências tinham até este ano um ponto de encontro sobre o Palco de Larzac.

Pierre-Yves de Boissieu, animador do Movimento dos agricultores de Larzac tomou a palavra no passado dia 10 de Outubro na assembleia de Bona. As reuniões internacionais para a paz, organizadas este Verão no Larzac, tinham sido resultado de um apelo «à constituição em França de um vasto movimento contra a guerra e o armamento nuclear».

Os movimentos ecologistas, hostis à energia nuclear civil e militar associam-se a esta corrente. Tentaram pela altura da candidatura de Brice Lalonde às eleições presidenciais, definir as suas concepções em matéria de defesa, indo a sua preferência para a defesa civil armada. E também a escolha do PSU que se orgulha de ser actualmente o único partido de esquerda que permanece hostil às armas nucleares, após o PS e o PCF terem aderido. As orientações do PSU representado no secretariado nacional do Movimento para a paz por um membro do seu secretariado político, Bernard Ravenel orientam-se no sentido dum neutralismo que o levou a condenar o carácter unilateral da manifestação de 25 de Outubro em que não participaria.

As posições do PSU em matéria de política estrangeira e de defesa são fortemente influenciadas pelas análises do Movimento a favor do desarmamento, da paz e da liberdade, que ani-

mam Claude Bourdet e Alain Joxe. Esta corrente denuncia o carácter enganador da segurança que causaria a dissuasão nuclear e os perigos da política conduzida pela OTAN. Bourdet manifesta-se contra a propaganda americana de que provém, segundo a seu ver, as afirmações divulgadas sobre o desequilíbrio dos armamentos de que tiraria partido, na Europa, a União Soviética. Alain Joxe inquieta-se em face da evolução do «contexto estratégico», que, segundo ele, reduz a autonomia da França numa eventual utilização do seu armamento nuclear.

Desconfiança do Partido Socialista

Estas preocupações são actualmente exprimidas no exterior do partido socialista, que parecem sensibilizar muito pouco, na medida em que a intervenção do PCF polarizou o debate entre defensores e adversários da instalação de novos mísseis americanos na Europa. «Não é preciso acrescentar novas armas nucleares», diz a primeira palavra de ordem do Movimento para a paz, que coloca em seguida a exigência de negociações «para reduzir por todo o lado o número e o poderio» destas armas. Por certo que Séguillon, membro, com Denis, da presidência do Conselho Mundial do Movimento para a Paz, poderia denunciar no «l'Humanité» de 18 de Outubro o «discurso alarmista sobre a ameaça de guerra (...) defendido a Leste para reforçar a coesão dum bloco abalado pelas suas mutações económicas e pela manifestação das aspirações democráticas dos seus membros, (e) a Ocidente para tentar ultrapassar a grave crise do capitalismo ocidental e refrear as reivindicações das suas vítimas da democracia económica». Mas ainda acrescentava: «Dado que é preciso partir do ponto em que se encontram por agora os Estados Unidos renunciam a desdobrar os Pershing e mísseis de cruzeiro e a fabricar a bomba de neutrões». O «gelo» da transferência dos mísseis soviéticos SS-20 não viria, também aí, senão em segundo lugar.

Compreende-se que Séguillon, esteja isolado numa altura em que condena Mitterrand num artigo intitulado NÃO! publicado na revista do CERES de ter «adoptado a posição da OTAN» nesta questão (1). Os responsáveis do CERES publicaram o artigo mas frisaram que este movimento não compromete a sua corrente, signatária da moção única do congresso do PS. Os socialistas pensam que não poderão garantir a paz juntando-se à condenação soviética do problema das armas na Europa.

Isso não significa, no entanto, que todos os socialistas estejam de acordo sobre o que deve ser a política da França e que estejam todos sensíveis às inquietações que se exprimem em redor do seu partido seja do lado dos que influenciam o PC e a CGT ou do lado das correntes de inspiração neutralista, cristã ou ecologista, que sensibilizam por exemplo um grande número de militantes da CFDT. Porém no PS, viu-se na manifestação de 25 de Outubro, uma tentativa dos comunistas para consolidar e alargar a sua influência mais que uma iniciativa tendo em vista fazer avançar o debate sobre as condições da paz.



Manifestações pacifistas na Europa (França e Inglaterra)

Alemanha. Estava-se na época da doutrina soviética dos dois campos — o da paz a leste e o da guerra a ocidente — e da política americana visando «conter» e mais tarde «destruir» o comunismo. O desanuiamento e, em França, a política gaulista de independência face aos dois blocos tinham feito esquecer esta «organização de massas» a que o próprio partido comunista tinha juntado mais achas ao aliar-se em 1977 ao movimento de dissuasão nuclear

Incentivado originalmente por Yves Farge e em seguida por Laurent Casanova, dirigente do P.C., o Movimento da paz tinha já nessa altura sido abandonado

talação de novos mísseis nucleares americanos na Europa. Jacques Denis, especialista em questões internacionais do comité central do PCF entrava para o secretariado, em seguida para o secretariado nacional do Movimento para a paz e simultaneamente para a presidência do Conselho Mundial O Movimento francês definia a sua posição em relação ao caso Afeganistão em face da do PCF, subordinando a retirada das tropas soviéticas à cessação das «ingerências externas» neste país.

Ao mesmo tempo que se verificava uma recrudescência de interesse por parte do PCF o Movimento para a paz conhecia

almirante Antoine Sanguinetti, membro do PS e Paul Durauffour deputado da esquerda radical, sendo o secretário nacional Michel Langignon, membro do PCF.

Inquietação dos jovens

A manifestação de 25 de Outubro representa o culminar de uma tentativa de síntese entre a tradição que representa o Movimento para a paz e o renovar em França das inquietações originadas pelo rearmamento e tudo aquilo que pareça vir a agravá-lo. Estas preocupações são menos fortes aqui que noutros países da Europa, mas são, no entanto, sentidas pela juventude

cado pelos Estados é também ele negligenciado pelos políticos da defesa.

Esta recusa das lógicas militares estabelecidas exprime-se a níveis de reflexão variáveis, nas diversas correntes onde se encontra as antigas tradições: a do antimilitarismo com as suas variantes pacifista e revolucionária, esta última representada de forma bastante diversa pela extrema esquerda marxista e pelos anarquistas; a do pacifismo de inspiração religiosa; e mais recentemente, dado que remonta aos anos 50, a do neutralismo. As características comuns destas tendências são a sua igual desconfiança face aos dois blocos e a sua completa recusa de

Com muitas críticas aos "Dez"

Associação Industrial exige do Governo dureza nas negociações com a CEE

A Associação Industrial Portuguesa manifestou ontem a sua «apreensão pela ambiguidade das posições assumidas pela Comunidade Europeia, susceptíveis de conduzir as negociações para um impasse de difícil saída e protelarem, indefinidamente, a integração de Portugal no Mercado Comum».

A direcção da AIP (uma associação empresarial de âmbito nacional, de certo modo rival da CIP), refere-se concretamente aos resultados da última reunião a nível ministerial entre Portugal e a CEE para discussão dos dossiers de adesão. Recorde-se que nessa reunião foi reafirmada a intransigência da CEE em relação à supressão das restrições às importações dos têxteis por-

tugueses, logo após a adesão, e em relação à imediata entrada em vigor, na mesma ocasião, da liberdade de circulação das pessoas.

No documento ontem divulgado, a AIP considera que a «evolução das posições negociais da Comunidade Europeia, a par da não concretização, até ao momento, das ajudas comunitárias de pré-adesão, concedidas a Portugal há mais de um ano, traduzem um desinteresse político de alguns estados membros da CEE relativamente a uma rápida conclusão do segundo alargamento das comunidades e reduzem a meras palavras sem significado a tão falada «solidariedade europeia», pelo menos no que se refere aos países

candidatos à adesão».

Referindo-se concretamente ao caso dos têxteis, a AIP diz que «admitir a possibilidade de limitações às exportações têxteis portuguesas após a adesão, seria aceitar um precedente grave, em termos de negociações, abrindo caminho a posteriores exigências semelhantes, por parte dos países da CEE, nomeadamente em relação a outros produtos portugueses, casos do calçado e dos concentrados de tomate».

As posições assumidas pela CEE em relação ao futuro dos trabalhadores portugueses emigrados na Europa (problema da livre circulação de pessoas) são também «lamentadas» pela direcção da associação patronal.

A AIP considera correcta a posição assumida pelo governo português, nomeadamente no que se refere à questão dos têxteis, e exprime a convicção de que os nossos negociadores «não aceitarão que o preço da nossa adesão constitua alienação nacional que o povo português, de modo algum subscreveria».

Redonde-se que a CIP já há alguns meses «desaconselha» a adesão se a CEE não levantasse todas as restrições às importações de têxteis portugueses depois da adesão.

Construção civil afectada pelas restrições do crédito

As recentes restrições impostas à concessão de crédito para a compra de habitação própria estão a provocar a paralisação do mercado de venda de andares e o estrangulamento financeiro das empresas do ramo. Esta afirmação foi feita ontem à ANOP por dois responsáveis das associações de industriais do sector, e vem confirmar muitos dos receios expressos na terça-feira pelos trabalhadores da Caixa Geral de Depósitos ao divulgarem as novas limitações ao crédito à habitação.

A situação de incerteza que se vive em relação às possibilidades de obtenção de crédito, leva muitos compradores potenciais de andares a adiarem os seus projectos de compra, o que já está a originar uma redução da procura. Esta redução pode causar às empresas de construção civil, problemas imediatos de tesouraria, declararam Eurico de Barros da Associação dos Industriais de Construção de Habitações, e Nogueira Simões, da Associação de Empresas de Construção Civil e Obras Públicas do Sul.

Segundo afirmaram, o prazo normal para obtenção de um empréstimo na CGD

era até agora de 5 ou 6 meses. Dado que esses prazos passarão a ser de cerca de um ano os industriais terão de esperar por essa altura (mais seis meses) para recenarem a diferença entre o sinal e o preço total da venda, no momento da escritura que se realiza depois da concessão do empréstimo.

O alargamento deste prazo vai provocar maiores encargos financeiros às empresas, que só podem reembolsar os empréstimos recebidos junto da banca para a construção, depois de receberem o dinheiro da venda dos andares. Isto leva, afirmam os representantes dos industriais, a que não haja outra alternativa senão exigir aos promitentes compradores a prestação de juros entre o momento da assinatura do contrato de promessa de compra e venda e a realização da escritura.

As consequências negativas deste processo serão um importante agravamento do preço dos andares, a diminuição da procura, e uma onda de falências entre as empresas de construção civil. Por outro lado, esta situação terá graves reflexos na situação do emprego, já que, afirmam Nogueira Simões e Eurico de

Barros, grande número de empresários será levado pelo ambiente de incerteza que rodeia o sector, a prescindir de todos os contratados a prazo. Conforme acrescentaram, tudo indica que o número de habitações construídas em 1981, mesmo sem ter em conta os efeitos das actuais medidas, será inferior ao de 1980.

As restrições orçamentais previstas, poderão causar graves problemas às empresas de construção que se dedicam às obras públicas, declarou José Guerreiro Murta da Associação das Empresas de Construção Civil e Obras Públicas do Sul. A situação actual dessas empresas é já bastante delicada, já que se verificam grandes atrasos nos pagamentos das obras concluídas.

Referindo-se às afirmações recentes do ministro das Obras Públicas, de que só havia dívidas no sector das construções escolares e estradas, Guerreiro Murta afirmou que se tratava de «demagogia» uma vez que estes sectores constituem a parte principal das obras públicas.

Segundo membro do Comecon

Hungria aderiu ao FMI

Um segundo membro do Comecon pediu a adesão ao Banco Mundial e às respectivas agências de financiamento entre as quais o FMI. Trata-se da Hungria que segue, assim, as pisadas da Roménia, primeiro país do bloco de Leste a entrar na superestrutura de gestão do mundo capitalista.

O anúncio do pedido de filiação foi ontem feito em Budapeste pela

agência noticiosa húngara, a MTI e diz que cartas do mesmo teor foram entregues em mão pelo ministro húngaro dos Negócios Estrangeiros, Frigyes Puj, aos directores do BIRD e do FMI.

Indica também que «o reatamento de relações entre as suas agências financeiras e a Hungria se justifica pela activa participação da Hungria em transacções internacionais de crédito e finanças».

BARREIRO



BENJAMIM ALVES SALGADO

AGRADECIMENTO

Sua filha e genro agradecem muito reconhecida-mente a todos quantos de qualquer forma testemunharam o seu pesar.

TRATA AGÊNCIA ALVES RODRIGUES
TELEF. 22073458

BARREIRO

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 15.º JUÍZO ANÚNCIO

Faz saber que por este Tribunal e 3.ª Secção, nos Autos de Execução Sumária n.º 1636 em que é exequente o Banco Pinto & Sotto Mayor e executado Américo da Conceição Cabrita, mulher e outros, correm editos de 30 dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o executado Américo da Conceição Cabrita, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Estrada da Penha, 50-B-1.º em Faro, para no prazo de 5 dias, findo o dos editos, deduzir oposição pagar ao exequente a quantia de 146 478\$20 ou nomear bens à penhora, sob pena de este direito se considerar devolvido ao exequente.

Lisboa, 26 de Outubro de 1981
O Juiz de Direito — João Barroso de Moura.
O Escrivão-Adjunto — António Maria Parreira.

«DL» — 5/11/81
1.ª Publicação

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 14.º JUÍZO CÍVEL ANÚNCIO

2.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio. Execução de Sentença n.º 3.638-A 2.ª secção.

Lisboa, 23 de Outubro de 1981

O Juiz de Direito,
(a) Abílio Maria Peres,
O Escrivão de Direito,
(a) João Marques Luis

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 16.º JUÍZO ANÚNCIO

Faz-se saber pelo 16.º Juízo Cível de Lisboa e 3.ª secção, nos autos de Acção Ordinária n.º 1.424, em que são Autor o Banco Pinto & Sotto Mayor, EP e Réus Luis José Leal da Silva e outro, correm editos de 30 dias, contados da data da publicação do 2.º e último anúncio, citando o Réu acima indicado, com última residência conhecida na Av.ª Miguel Bombarda, 21-4.º, em Lisboa, para no prazo de 20 dias, posterior ao dos editos, contestar a presente acção, com a advertência de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pelo Autor e ainda para no mesmo prazo confessar ou negar a firma aposta no documento, e consequentemente condenado a pagar ao Autor a quantia de 1.554.138\$00 juros vencidos à taxa de 6% e mais despesas legais, como consta da petição inicial, cujo duplicado fica arquivado nesta secretaria à ordem do Réu.

Lisboa, 28 de Outubro de 1981

O Juiz de Direito,
Manuel Luis Pinto de Sá Ferreira
O Escrivão Adjunto,
Amândio Taboada Trigo

António Francisco Ferreira Dias

Com profunda saudade, sua mulher, filhos e restante família, recordam a passagem do 1.º mês de falecimento. Agradecemos a todos aqueles que os acompanharam na sentida dor.

PATENTES

Vende-se ou concede-se licença de exploração para Portugal, das seguintes patentes de invenção:

N.º 57 859 — para — «Processo para a preparação de derivados de Lincomicina e seus análogos».
N.º 57 928 — para — «Processo para a preparação de análogos de Lincomicina».

Trata: CLARKE MODET & C.ª Ld.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º Esq.
1000 LISBOA

TRIBUNAL CIVIL DA COMARCA DA LISBOA 3.º JUÍZO ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção, deste Tribunal, correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste, citando o réu — SERGIO VARELLA CID, casado, pianista, com última residência na Rua do Salitre, 78, Lisboa, para, no prazo de vinte dias, findo o prazo dos editos, contestar a Acção Ordinária (Processo n.º 8302), que lhe move, na 1.ª Secção, do 3.º Juízo Cível de Lisboa, o Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P., com sede em Lisboa, na Rua Azeiteira, n.º 28, pelos motivos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra junto, por linha, aquela acção e que, em extracto e de o réu pagar ao autor as quantias de: a) Esc. 235 731\$50 (duzentos e trinta e cinco mil setecentos e trinta e cinco escudos e cinquenta centavos) respeitante ao capital em dívida e b) Esc. 321 544\$20 (trezentos e vinte e um mil quinhentos e quarenta e quatro escudos e vinte centavos) referente aos juros de mora até a data de apresentação em Juízo, acrescidas dos juros de mora vencidos, contados a última das taxas (32%) até ao dia do integral pagamento do capital ao Autor, com a advertência de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pelo autor.

Lisboa, 30 de Outubro de 1981

O Juiz de Direito
Mateus José dos Reis Lorgal Mendes

O Escrivão Adjunto
António José da Silva Martins

«DL» — 5/11/81
1.ª Publicação

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º JUÍZO ANÚNCIO

Proc. 5451, Execução Sumária, 3.ª Secção.
EXEQUENTE: BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, E.P., com sede em Lisboa na Rua do Ouro, 28. EXECUTADO: CARLOS FERREIRA FURTADO DA LUZ, divorciado, residente em parte incerta e cuja última morada conhecida foi na Av. Conselheiro Fernando de Sousa, n.º 25, 13.º andar, em Lisboa.
Correm editos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação do Anúncio, citando o executado acima identificado, para no prazo de 5 dias, findo o dos editos, deduzir oposição, pagar ao Exequente a quantia de 74.004\$30, ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido este direito ao Exequente.

O duplicado da petição encontra-se na Secretaria deste Juízo à ordem do executado.

Lisboa, 26 de Outubro de 1981.

O Juiz de Direito
Eduardo Nunes da Silva Batista
O Escrivão Adjunto
A. Marques Vitorino

«DL» — 5/11/81
1.ª Publicação



Município de Lisboa

EDITAL
N.º 153/81

REUNIÕES DA CÂMARA MUNICIPAL

Faz-se saber que o dia das reuniões ordinárias semanais, referidas no n.º 2 do artigo 2.º do Regimento das Reuniões, será fixado, a partir desta data e por consenso da Câmara, no final de cada reunião realizada, mantendo-se o horário estabelecido no mesmo Regimento e tudo o mais que se relaciona com as reuniões públicas.

Paços do Concelho de Lisboa, em 28 de Outubro de 1981

O PRESIDENTE
Nuno Krus Abecasis

PAPEIS de parede

Campanha de Outono

PAPEL

230\$ 180\$ ROLO

BARROS & BARROS, LDA.

P. JOSÉ DURO 22-E TEL. 892057

1700 LISBOA (Alvalade)

Tribunal Judicial da
Comarca
de
ALENQUER

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do Tribunal Judicial de Alenquer e na Acção de Divórcio n.º 137, correm editos de trinta dias, citando o réu **VITOR MANUEL SOUSA CANASTRA** — casado, comerciante, com a última residência conhecida no Batalheiro-Carregado, para, no prazo de 20 dias, findo os editos, contado da segunda e última publicação do respectivo anúncio, contestar, querendo a referida acção, que lhe move Eulália Fernanda Assunção

Félix Monteiro Canastra, com o fundamento dos art.ºs 1.º 672.º, 1.º 979.º e 1981 b) do C. Civil.

Alenquer 28-10-81

O Juiz de Direito
Sebastião José Coutinho Póvoas.
O Esc. Adjunto
Maria Elisa Damião Sá



Município de Lisboa

**RECTIFICAÇÃO
EDITAL N.º 143/81**

«CONCESSÃO DA EXPLORAÇÃO DO PAVILHÃO EXISTENTE NO JARDIM DO PALÁCIO DOS CORUCHEUS».

No Diário Municipal n.º 13743, a página 1564, no primeiro parágrafo, onde se lê: «Faz-se saber que no dia 30 de Outubro de 1981, às 10 horas...», deve ler-se: «Faz-se saber que no dia 9 de Novembro de 1981, às 10 horas...».

Paços do Concelho de Lisboa, 21 de Outubro de 1981

O Presidente da Câmara Municipal

Nuno Krus Abecasis

VENUS FILMES

A que extremos
pode chegar
uma mulher
insatisfeita!



**DEGRADAÇÃO DE UMA
MULHER CASADA**

com **ARLENE MANHATTEN**
Realização de **GERALD KIKOINE**

AMANHÃ ESTREIA
ÀS 12.30 H

CINEPOLSO

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

COMUNA
teatro de pesquisa

DIARIAMENTE ÀS 21.45 H
DOMINGO ÀS 17 H
2.ª FEIRA DESCANSO

curta série de espectáculos
só até 15 de
novembro

**SERENA
GUERRILHA**

TEATRO DE PESQUISA

MÚSICA
fontes rocha
LUIZINHO - joão mota

**ÚLTIMAS
SEMANAS**

ANTES OU DEPOIS DA PEÇA JANTE
OU CEIE NO CAFÉ-TEATRO

PRACA DE ESPANHA • TEL. 76 26 24 • SUBSÍDIO DA SEC

Rua Tenente Raul
Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro
do bairro
alto



teatro da Cornucópia



teatro da Cornucópia

**NÃO SE PAGA!
NÃO SE PAGA!**
de
Dario Fo

Últimas Representações

é, de facto impagável!

— C. Porto — DL

(um serão animadíssimo e frutuoso — F. Midões — D.P.
Todos os dias às 21.30. Domingos só às 17 horas 2.ª feira (descanso).

DESPORTO

Portugal no futebol uefeiro

Só perdeu quem marcou

Destinos diferentes tiveram as equipas portuguesas na 2.ª eliminatória das competições europeias de clubes de futebol: duas passaram e duas foram afastadas. O FC Porto e o Sporting asseguraram a passagem à etapa seguinte, enquanto o Benfica e Boavista ficaram pelo caminho.

O FC Porto empatou sem golos no campo da AZ Roma, prevalecendo os dois tentos que tinha marcado nas Antas, passando deste modo aos oitavos de final da «Taça dos Vencedores das Taças». Na próxima eliminatória defrontará um dos seguintes adversários: Dinamo de Tbilisi; URSS (detentor do troféu), Lokomotiv de Leipzig (RDA), Standard de Liège (Bélgica), Eintracht de Frankfurt (RFA), Legia de Varsóvia (Polónia), Barcelona (Espanha) ou Tottenham (Inglaterra).

O Sporting, ao empatar sem golos em Alvalade, frente ao Southampton, beneficiou do triunfo alcançado há 15 dias em Inglaterra (por 4-2) prosseguindo na «Taça UEFA». Amanhã

será conhecido o adversário dos «leões», que sairá do lote formado por Dundee United e Aberdeen (Escócia), Hamburgo e Kaiserslautern (RFA), Real Madrid e Valência (Espanha), Hajduk e Radnicki (Jugoslávia), Winterslag e Lokeren (Bélgica), Neuchatel (Suíça), Dinamo de Bucareste (Roménia), Feyenoord (Holanda), Gotemburgo (Suécia) e Rapid de Viena (Áustria).

O Benfica foi afastado da «Taça dos Campeões» ao perder em Munique frente ao Bayern (por 4-1) após um «nulo» em Lisboa e o Boavista derrotou em casa o Valência (Espanha), por 1-0 mas não conseguiu anular a desvantagem de dois tentos trazidos de Espanha. Curiosamente, os dois clubes portugueses que ontem marcaram golos foram eliminados, permanecendo na peneira uefeira os dois «teams» que, conquistando vantagem no jogo da 1.ª «mão», souberam habilmente resguardar esse pecúlio.

Um olhar sobre a Europa do futebol

Alemanha Federal e Bélgica acentuam fracasso italiano

A Alemanha Federal e a Bélgica são os únicos países que têm representantes nas três competições europeias de futebol, cuja 2.ª eliminatória ficou concluída. Em contrapartida, a Itália, uma das principais potências do futebol europeu, ficou sem equipas em prova, depois das eliminações da Juventus (Taça dos Campeões), do Roma pelo FC Porto («Taças») e do Inter de Milão (UEFA). Outros países de nível futebolístico que ficaram sem equipas nas competições europeias foram a Hungria e a França, reduzindo para 16 o número de nações em confronto.

O Liverpool (Inglaterra) e o Dinamo de Tbilisi (URSS), detentores das «Taça dos Campeões» e das «Taças», permanecem em prova depois de terem eliminado, respectivamente, o AZ 67 (Holanda), finalista vencido pelo Ipswich na última «Taça UEFA» e o Bordéus (França). A outra equipa inglesa em prova na «Taça dos Campeões» é o Aston Villa, o que acontece pela 1.ª vez no futebol britânico nos oitavos de final desta competição.

A RDA sofreu pesada baixa nesta eliminatória, mantendo apenas em prova o Lokomotiv de Leipzig (na «Taça das Taças») devido às eliminações do Dinamo de Berlim (Campeões)

Carl Zeiss e Dinamo de Dresden (UEFA). A Inglaterra ficou sem concorrentes na Taça UEFA.

O Arsenal foi eliminado pelo Winsterslag (Bélgica) e o Southampton foi afastado, como se esperava, pelo Sporting.

Bayern de Munique (Campeões), Eintracht de Frankfurt (Taças), Hamburgo e Kaiserslautern (UEFA) são os quatro representantes da RFA enquanto os sobreviventes belgas são o Anderlecht (Campeões), Standard de Liège (Taças) Winterslag e Lokeren (UEFA). Tanto a Alemanha Federal como a Bélgica, países cujas seleções chegaram em 1980 à final do Europeu (vitória germânica por 2-1), perderam um dos representantes na «Taça UEFA». O Borussia de Moenchengladbach (RFA) foi eliminado pelos escoceses do Dundee United, enquanto o Beveren (Bélgica) foi afastado pelos jogostavos do Hajduk Split.

Os 16 países com equipas em prova são: RFA (4), Bélgica (4), Jugoslávia (3), Espanha (3), Inglaterra (3), Portugal (2), Roménia (2), URSS (2), Escócia (2), Bulgária (1), RDA (1), Polónia (1), Holanda (1), Suécia (1), Austrália (1) e Suíça (1).

Golos

O Standard de Liège (Bélgica) passou a ser a equipa mais concretizadora nas competições eu-

ropeias de clubes de futebol, com mais um golo do que o Sporting. Ao vencer o Vasas de

terra) com 14 e 13 tentos, respectivamente.

Autor dos dois golos da sua

Nomes e números

Quadro geral de resultados das competições do futebol uefeiro:

Taça dos Campeões:
Bayern (RFA)-Benfica, 4-1;
Est. Vermelha (Jug.)-Banik Ostrava (Chec.), 3-0; **Juventus** (It.)-Anderlecht (Bélg.), 1-1; **Liverpool** (Ing.)-AZ 67 Alkmaar (Hol.), 3-2; **U. Craiova** (Rom.)-KB Copenhaga (Din.), 4-1; **Din. Kiev** (URSS)-Austria Viena (Áust.), 1-1 e **Aston Villa** (Ing.)-Din. Berlim (RDA), 0-1.
Taça das Taças: Roma (Ital.)-FC Porto, 0-0; Lausana (Suí.)-Légia (Pol.), 1-1; **Ein. Frankfurt** (RFA)-SKA Rostov (URSS), 2-0; **Barcelona** (Esp.)-Dukla de Praga (Chec.), 4-0; **Tottenham** (Ing.)-Dundalk (R. Irl.), 1-0; **Standard Liège** (Bélg.)-Vasas (Hung.), 2-1; **Velaz Mostar** (Jug.)-**Lok. Leipzig** (RDA), 1-1 e **Din. Tbilisi** (URSS)-Bastia (Fr.), 3-1.
Taça UEFA: Boavista-Va-

lência (Esp.), 1-0; Carl Zeiss (RDA)-Real Madrid (Esp.), 0-0; **Radnicki** (Jug.)-Grasshoppers (Suí.), 2-0; **Lokeren** (Bélg.)-Aris de Salónica (Gréc.), 4-0; **PSV Eindhoven** (Hol.)-R. de Viena (Áust.), 2-1; **Neuchatel** (Suí.)-Malmö (Sué.), 1-0; **Hamburgo** (RFA)-Bordéus (Fr.), 2-0; **Kaiserslautern** (RFA)-S. Moscovo (URSS), 4-0; Arges Pitesti (Rom.)-Aberdeen (Esc.), 2-2; Din. Dresden (RDA)-Feyenoord (Hol.), 1-1; **Din. Bucareste** (Rom.)-Inter Milão (It.), 3-2; **Goteborg** (Sué.)-Sturm Graz (Áust.), 3-2; **Dundee** (Esc.)-Bor. M'Gladbach (RFA), 5-0; **Kajduk Split** (Jug.)-Beceren (Bélg.), 1-2; **Arsenal** (Ing.)-Winterslag (Bélg.), 2-1 e **Sporting** - Southampton, 0-0.
Passaram aos quartos-de-final os clubes cujo nome se encontra a negro, estando o sorteio da Taça UEFA marcado para amanhã, às 12 horas, em Zurique.

ponta esquerda

“Bronca” no futebol espanhol:

Almeria não paga há dois anos!

O Almeria (clube da 2.ª divisão) foi obrigado a desistir da «Taça» espanhola de futebol devido à greve dos seus jogadores que ocupam, pelo 3.º dia consecutivo a sede da Federação, em Madrid. O clube andaluz não tem possibilidades de pagar os vencimentos que deve aos seus jogadores: alguns destes encontram-se sem receber há pelo menos dois anos!

O presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais e da Associação dos Futebolistas Espanhóis (AFE), Joaquim Sierra Quino, ameaçou que iria desencadear um movimento de solidariedade a favor dos jogadores do Almeria.

Esquiar para a prisão

O norte-americano Thomas Simons, antigo recordista mundial de esquí, foi condenado (em São Francisco) a uma pena de três anos de prisão por posse ilegal de um quilo de heroína. A droga foi-lhe apreendida no mês de Abril no aeroporto internacional de São Francisco. A mercadoria era oriunda da Tailândia.

Simons (27 anos) foi declarado culpado pelo tribunal, que concluiu haver intuítos de comercialização e distribuição da heroína.

Thomas Simons bateu o recorde mundial da descida em Julho de 1976 (em Cervinia, Itália) ao atingir a velocidade de 198,48 quilómetros-horários. O máximo foi posteriormente superado pelo seu compatriota Steve Macninnery em 1978, no Chile, com 199,55.

Bl. apete (por 2-0) para a «Taça das Taças», o Standard totalizou 16 golos, ultrapassando o Sporting, que ficou em branco frente ao Southampton. A seguir à equipa portuguesa encontra-se o Estrela Vermelha (Jugoslávia) e o Liverpool (Ingla-

equipa, Voordeckers (do Standard de Liège) ocupa agora o 1.º posto na lista dos marcadores, (com seis tentos), seguido de um quarteto formado por Martens (Beveren), Kouis (Aris de Salónica) e o Liverpool (Ingla-

Continua na pág. 18

Castigos federativos aplicados ontem

Tozé (2 jogos) e Eurico (um jogo), ambos do Belenenses, foram dois dos futebolistas abrangidos pela disciplina aplicada pelo respectivo órgão federativo.

Xavier (Sporting) e Rui Lopes, (Penafiel) também sofreram um jogo de suspensão.

Na reunião de ontem, o Conselho de Disciplina da FPF decidiu interditar preventivamente o campo do Penafiel (Estádio 25 de Abril), ordenando ainda a abertura de um inquérito ao delegado penafielense no encontro com o Sp. Braga.

Relativamente a clubes, foram aplicadas multas ao Boavista (3000\$00) e U. Leiria (mil escudos), tendo sido penalizado com dez dias de suspensão o delegado leirense no encontro com o Estoril.

Na 2.ª divisão, há a registar a suspensão do antigo «internacional» José Henrique, jogador-treinador do Sp. Covilhã. O ex-benfiquista «descansará» durante seis jogos. Couceiro, (Naval 1.º de Maio da Figueira da Foz) foi igualmente abrangido com uma penalidade: três jogos de suspensão.

Blanker no Salamanca

O holandês Blanker (que esteve no Vitória de Guimarães) foi contratado pelo Salamanca (Espanha).

Bonfim contemplado

Os jogos entre Portugal e Espanha, nas categorias de juvenis (torneio europeu) e juniores (particular) vão ter lugar no Estádio do Bonfim (Setúbal) a 8 de Dezembro.

DESPORTO

Taça Uefa: Sporting, 0-Southampton, 0

No cartão de visita: António Oliveira

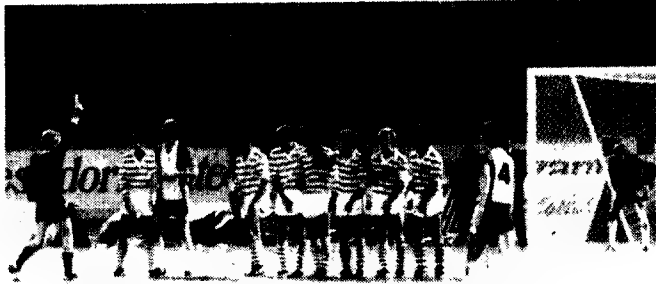
Meus amigos: de mãos sobre a Bíblia, estou pronto a jurar que, mais dia menos hora, as portas da selecção portuguesa de futebol ainda vão abrir-se a um rapaz, franzino e aciganado, diabo na pele e olho vivo, que se chama António Oliveira e (parece...) conseguiu, na noite esplendorosa de um Alvalade repleto, encher o espectáculo em dilatada meia hora do mais belo rendilhado que temos visto sobre o palco verde onde a bola anda aos saltinhos, mas nunca ao acaso.

Com efeito, mesmo agora que já lá vai um belo par de horas, ainda ficamos meio embascados: se o Keegan (bom, sem dúvida) vale o que vale, custou o que se sabe, quanto pode render, na grande bolsa internacional de valores, esse fabuloso talento para o jogo-rei que é o centro campista do Sporting, herói respeitado de mil batalhas em que a sua palavra triunfa como escritura e senhor tão altamente conceituado no universo do chute na esfera que, se andasse viajando ao lado de um Alves em irmandade, dava cabo do canastro a quantos nos aparecessem no caminho para Espanha.

É que, desculpem a franqueza, será difícil vislumbrar um só defeito naquela portentosa exibição com que Oliveira, durante a meia hora em que era fundamental segurar o «pressing» do Southampton, fez gala e orgulho. Oliveira, com todos os cordelinhos na mão (e até porque o famoso Keegan andou largo tempo dentro do colete de Eurico), foi a figura exponencial de Alvalade, só não lhe atribuindo por inteiro a razão suprema da qualificação verde-branca até à etapa 3 do troféu uefeiro porque, ontem como há 15 dias, esteve no terreno um impressionante sentido colectivo e, ao lado do general, morou um brigadeiro a quem tiramos a cartola e prestamos homenagem. Meszaros, pois claro.

Aqueles 30 minutos diabólicos com que o Sporting retalhou e reduziu a cisco a fama britânica dos tempos heróicos valeu bem o dinheiro. Oliveira, com a bola, era um perigo: Meszaros, a evitar qualquer surpresa, foi um espanto. Porém, não se julgue que foram somente estes dois os polos altamente positivos do Sporting, porque do mesmo modo (e pelo tempo fora) haveria razão e verdade na reverência à juventude de Xavier e Freire, ao profissionalismo de Manuel Fernandes e Eurico, ao brio e coragem de um Jordão (com um calcanhar alinhavado) e à esperançosa e radiante alegria de um jovem que o público começa a fixar como fundamental no Sporting-80. Evidentemente, é de Virgílio que falamos.

Aí está, portanto, encontrada a fórmula que fez, na tal meia hora preponderante, como no quarto de hora final, que a balança nunca estivesse claramente inclinada para o sinal visitante. Oliveira e Meszaros (os maiores), mas igualmente e para além do



O árbitro dos passos gigantes e da asneira sortida



Jordão: a luta

sexteto de pagãos, o labor de Marinho Ademar, mais a força com que Barão quer agarrar uma recuperação do tempo perdido, foram notas vinculadas para bem se definir uma equipa, um todo, uma associação de ideias que (forçosamente) teria de recolher os melhores proventos em equação. O Sporting, tal como encarou o teste face aos acompanhantes de Keegan, patenteou uma tal consciência de classe que bem poderia ser espelho daquilo que todos desejávamos ver em qualquer «team» do futebol português mais altamente profissionalizado. Saber o que quer, e para onde vai: de cabeça erguida, técnica burilada consoante as poses e discernimento tático sem mácula.

Porque, amigos, mesmo no período de cedência, de preconcebida desaceleração e entrega de larga fatia de terreno ao gato que vinha de além-Mancha, mesmo em 40 minutos já bem esticados, nunca o Sporting foi turma desgarrada: e, num ou noutro lapso em que o pingo de cinza poderia cair na toalha, lá estava Meszaros (o melhor guarda-redes que labuta cá por casa) a pôr água na fervura, cortando todas as veleidades de posse aos homens que procuravam o impossível e acabaram consentindo 20 pontapés de canto, o que bem diz das hipóteses verdes de chegar à meta.

Foi pena (especialmente) que Jordão tivesse escorregado quando a baliza tinha um rasgão de cem metros, que Freire inclinasse o tronco para trás nas duas «chances» de rede escancarada, que o tiro de Virgílio não repetisse um fulminante disparo de Alberto perante o Bento do torneio triangular, que tocou de assombro até os húngaros que estavam no camarote, aqui há umas semanitas. Foi

pena: o Sporting merecia um golito mais no boral e Keegan, se por acaso se chamasse Chico Carapau ou Licas Cebolinha, também tinha merecido ir tomar banho mais cedo por causa de ter perdido todo o fair-play, começando a fazer uma pontaria danada nas canetas mais ao pé ante a complacência de um apitador que deu mais erros no tempo complementar que toda a arbitragem lusa em domingo de campeonato. Vejam que, desde foras-de-jogo a pontapés de canto marcados com o fiscal atrás do chutador, com agressões à frente das melenas e com a lei

da vantagem atirada para o cesto das inutilidades, bem poderá escrever-se que aquela santa trindade helvética (Renggli, Barmettler e Jakober) não interessa nem ao menino Jesus.

Bem: o que importa é ficar com a ideia de que este Sporting é «team» para dar alegrias mil aos seus adeptos se não descarrilar em casca de sabão e que Keegan (que me desculpem os mais entendidos na matéria) tem por cá, ali mesmo em Alvalade, um espadachim que não lhe fica atrás nem perde no confronto com qualquer lenda viva do futebol europeu.

Não interessa divulgar aqui qual é o prémio com que João Rocha vai contemplar a rapaziada dirigida por Allison: quem melhor pagamento que a estrondosa ovação com que Alvalade inteira atapetou a recolha a penates dos seus cavaleiros que, ainda por cima, vêem hoje os nomes de Oliveira e Meszaros outra vez no topo da grande imprensa desportiva desta velha Europa que perdemos em bloco mas podemos atingir a retalho?

Neves de Sousa

O árbitro suíço Renggli mostrou o cartão amarelo a Keegan, (aos 28 minutos, por agressão sem bola a Virgílio) e a Carlos Xavier (aos 68, por desrespeitar a distância regulamentar na transformação de um «livre»).

Sporting: Meszaros; Virgílio, Eurico, Xavier, e Barão; Ademar, Marinho e Oliveira; Manuel Fernandes, Jordão e Freire.

Southampton: Katalinic; Baker, Agboola, Nichol, e Holmes; Williams, Ball, Lawrence (Wallace na 2.ª parte) e Keegan; Channon e Moran.



Mortimore perdeu o verniz?

Em completo antípoda com o comportamento social da direcção sportinguista, que se esmerou a receber os órgãos de Comunicação Social, o nosso bem conhecido Mortimore, agora despromovido para adjunto de McMenemy, teve ontem, sem que dificilmente se entenda o porquê, uma queda absoluta para o sopé da montanha. Quinze minutos antes do início do jogo, quando o batalhão de jornalistas (que já tinha há longo tempo tomado conhecimento da constituição da turma do Sporting e via o calendário movendo-se e a possibilidade de «trepadeira» até ao lugar da Imprensa, lá no alto da tribuna ficar extremamente dificultado) o procurou, na cabina britânica, para ser informado do «onze» visitante, foi (descontroladamente) recebido pelo antigo técnico benfiquista com a porta estampada na cara, a pontapé atirada perante os embasbacados escribas de turno.

Mortimore, que sempre mereceu o aplauso e o respeito mais incondicional de todos os jornalistas que se debruçaram sobre o seu trabalho no futebol português, talvez tenha sido acometido de um súbito ataque de nervos: oferecemos-lhe essa hipótese de justificação. Mas estamos mais em crer que se tratou de uma pequena «revanche» por, em letra de forma, ter sido publicado, após o embate em Southampton, que Allison tinha «levado a melhor sobre a espionagem de Mortimore».

Registámos, com bastante tristeza, a queda estrondosa de mais um dos ídolos construídos por esta legião de basbaques que, de habituada a prestar vassalagem, quase parece nascida de espinha curvada. Mesmo quando vê que o sol já não brilha no outrora orgulhoso império britânico.

N. DE S.

Taça das Taças: Roma, 0-Porto, 0

Lição de realismo

O FC Porto assegurou a passagem aos quartos-de-final da Taça dos Vencedores das Taças em futebol ao empatar sem golos frente ao AZ Roma, depois da vitória de 2-0 no encontro da 1.ª mão.

O principal trunfo da equipa portista residiu em saber defender a vantagem alcançada nas Antas frente ao conjunto romano, que se sentia fortemente moralizado para discutir a qualificação. Mesmo sem contar com Romeu, o FC Porto dispôs os seus jogadores no Estádio Olímpico de forma a perturbar a ofensiva do adversário, o que veio a resultar plenamente.

Lima Pereira foi o melhor elemento do FC Porto, a marcar os avançados transalpinos e a transmitir confiança aos seus colegas. Teixeira foi incansável na tarefa de vaivém no meio campo e, na frente, Walsh e, sobretudo Costa, tiveram actuações positivas.

O técnico austríaco Herman Stessl apostou no onze inicial e só quando tinha quase a certeza de ter garantida a qualificação optou pelas substituições, fazendo entrar Jacques e Fernando para os lugares de Sousa e Walsh, respectivamente.

Os primeiros minutos trouxeram momentos de certo susto para a baliza do FC Porto, mostrando-se o Roma uma equipa nitidamente ofensiva, a optar por cruzamentos sobre a área com remates de longe. O «team» italiano, que no domingo passado havia ganho à Juventus «líder» do campeonato continuou a insistir nestas jogadas e um forte remate de Pruzzo a rasar a barra (aos 10 minutos) constituiu o primeiro sinal de perigo.

O FC Porto, que acusara certo nervosismo, acertou: e, cerca da meia-hora, equilibrou o encontro a meio-campo, não se afoitando em explorar o contra-ataque. A equipa italiana continuava a faltar, poder de finalização e apesar do brasileiro Falcão fazer quase tudo os avançados transalpinos não concretizavam as oportunidades.

No início da 2.ª parte, o FC Porto voltou a sentir dificuldades para sustentar o ímpeto atacante do Roma. Stessl, (contudo) mudou de tática, dando instruções para os jogadores trocarem a bola ao primeiro toque retirando aos italianos o poder de iniciativa. Esta disposição tática fez com que o FC Porto tivesse também oportunidades para brilhar e Costa, já nos minutos finais, poderia ter inaugurado o marcador.

Saliência muito especial para o excelente labor de Costa, Freitas e Jaime I. Romeu não alinhou porque Stessl o afastou do «team», declarando: **é indisciplinado dentro e fora do campo.** O prémio amealhado pelos portistas que jogaram foi, individualmente, de 80 contos.

O árbitro húngaro Palotai admoestou com o cartão amarelo Walsh, Simões e Pruzzo. As equipas:
Roma: Tancredi; Nela, Bonetti, Toroni, Spinosi; Falcão, Di Bartolomei e Magioore; Conti, Chierico e Pruzzo.
FC Porto: Fonseca; Gabriel, Simões, Freitas e Lima Pereira; Teixeira, Jaime I, Jaime II e Sousa (Jacques); Walsh (Fernando), e Costa.

Placard

Ténis: grande prémio

O checoslovaco Ivan Lendl consolidou a sua liderança no Grande Prémio de ténis, ao somar 2238 pontos após 75 torneios internacionais efectuados. O norte-americano John McEnroe, vencedor de Wimbledon e

do «open» de Nova York, segue no 2.º posto (com 1955 pontos) à frente do argentino José Luis Clerc (1499) e do seu compatriota Jimmy Connors (1417). O argentino Guillermo Vilas e o sueco Björn Borg ocupam os lugares imediatos da competição.

Marques Pires: «Um escândalo»

A Imprensa suíça classifica hoje de «escandalosa» a arbitragem do português Marques Pires no encontro entre o Neuchatel Xamax e o Malmoe, a contar para a «Taça UEFA» que o primeiro venceu por 1-0. Apesar de os suíços terem ficado apurados para a 3.ª eliminatória. A Imprensa local não poupa Marques Pires a críticas, responsabilizando-o pela anulação de dois golos ao Neuchatel.

Os matutinos helvéticos que «o senhor Pires provou total desconhecimento da regra de fora-de-jogo, pois em ambos os lances nenhum jogador do Neuchatel estava em posição ilegal.

Tudor

com **acerta em cheio!**

Bayern Munique-Benfica	1
Aston Villa-Dinamo Berlim	2
Juventus-Anderlecht	X
Liverpool-AZ 67	1
Roma-Porto	X
Barcelona-Dukla Praga	1
S. Liège-V. Budapeste	1
Sporting-Southampton	X
Boavista-Valência	1
Carl Zeiss-Real Madrid	X
D. Dresden-Feyenoord	X
D. Bucareste - Inter	1
Neuchatel-Malmoe	1

baterias-pilhas

DISTRIBUIDORES

COMMISSIONISTAS

Com viatura própria para venda de refrigerantes em Lisboa, Sintra e Almada. Respostas ao Apartado 55 — Leiria

estúdio

14.^a SEMANA

quarteto

um "best-seller" de Jeanne Cordelier baseado na sua própria experiência

MIOU-MIOU
MARIA SCHNEIDER



corpo e prazer,
entrega e ilusão,
sorrisos sem vida.

um filme de
DANIEL DUVAL
la dérobade

CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO

INTERITO A MENORES DE 18 ANOS

sacil

6000 KM. DE PAVOR!



SAFARI RALLY RALLY INFERNAL

JOE DALLESSANDRO
ELEONORA GIORGI
MARCEL BOZZUFI

UM FILME DE ALBERT THOMAS

HOJE ESTREIA NA
MATINÉE DAS 15.15 H

ODEON

INTERITO. MENORES DE 13 ANOS

crônica de touros

SOLILÓQUIO

Crónica sem morte anunciada

Praça de Touros do Cartaxo. Domingo, 1 de Novembro de 1981. Touros Palhas para Gustavo Zenki, Manuel Jorge de Oliveira, João Palha Telles e Forcados Amadores Lusitanos.

Se me perguntam aquilo de que gostei, nesta corrida dos Santos, no Cartaxo, tenho resposta na ponta da língua: foi de não ter havido intervalo. Custou, bolas! Foi preciso esperar uma temporada inteira para chegar finalmente o dia em que, sem anúncio prévio de calamidade justificativa, uma tourada de seis touros não teve intervalo.

Se insistirem comigo para que enuncie aquilo de que efectivamente gostei, para que não responda pela negativa, pelo intervalo que não houve, então direi que sim, que houve uma enchente, que a tarde estava esplêndida, que o Outono resplandecia, no Sol luminoso e quente, no céu azul, desse azul de que o regulamento não fala.

Se ainda assim não se derem por contentes, quiserem obrigar o cronista ao manifesto de algum gosto talvez esquecido, replicarei que não ficou coisíssima nenhuma para ser lembrada, podem perguntar ao Zenki e ao Manuel Jorge e ao João Palha, perguntem-lhes se acham que vale a pena guardar memória daquilo que fizeram, eles que digam.

E se o Zenki contar que lhe tocou o mais manso, que a passo andava e que no outro se pôs diligente e assim por palmas trocou o silêncio das gentes, direi eu que tibiás palmas foram e que no meio delas dizia um espectador «trabalhou bem» e outro juntava, reticente, «bem, quer dizer, fez o que sabia» e veio um terceiro, benevolente: «Fez mais do que se fosse eu que lá andasse.» É pouco, Gustavo.

E se o Manuel Jorge se gabar de triunfante, de uns ferros que denodado aguentou e com presteza e vista cravou, não lhe desejem que por triunfos assim se fique e se repita, pois com vista e presteza se levam as farpas ao cachaço de um touro, sem o resto não brotam entre os aplausos essas vozes chamando «Toureiro!»

E se o mais toureiro dos três disser João Palha que foi, lembrem-lhe que aí chegou mais pelo atalho dos adornos e alegrias, nesses remates disfarçou falhas e alívios, em tom menor acabou o passo em frente que deu nesta temporada, houve momentos de frieza dessa que fora da praça deixa os passantes na dúvida se ali haverá algum festejo.

E se vier o Fernando Hilário invocar que seis Palhas pegaram, sozinhos e à primeira, os Lusitanos, respondam-lhe que o mérito maior foi dele, sendo

cabo tomou a cara do touro de mais força e presença, já que dos outros eram mais aqueles que touros não pareciam, além de anovilhados davam pouca guerra, longe vão os tempos em que nela os Palhas se faziam terríveis.

E se me apertam, me atiram à cara com o facto dos ganaderos terem saltado à arena quando o quinto recolheu, serei forçado a repetir que, se uma andorinha não faz a Primavera, um touro não salva um curro triste e sonso, e lembrarei ainda que esse quinto Palha se arrancou de largo a favor da querença dos chiqueiros, já contra ela foi preciso chegar-lhe à cara o cavaleiro, que também a bravura se faz enganosa.

E se mais coisas quiserem que eu diga, coisas que enganosas não sejam, se as procuro encontro afinal suspeita de ser enganoso o aviso, posto nas bilheteiras, de que por doença não toureava o anunciado e desejado Baptista; e do cartaz não só os nomes, também a hora não foi cumprida, se em Espanha a pontualidade é regra da Festa, já na tourada se torna excepção.

E se comigo teimam na espera que do acontecido no Cartaxo diga coisas laudatórias desde já aviso que inútil será, que onde não se ateia o fogo não pode o morno tornar-se fervente, e de mim não esperem o talento da estranha figura de

Bayardo San Román, que tinha «uma maneira delicada de falar, que servia mais para ocultar do que para dizer».

Bayardo San Román? Uma estranha figura, que acaba de nascer de Gabriel Garcia Marquez, nas angustiosas páginas da «Crónica de uma morte anunciada»; morte de Santiago Nasar, anunciada nessa noite de boda grande, em que Bayardo devolveu à procedência sua noiva Ángela Vicario, a filha de Puríssima del Carmen; morte acontecida, por caminhos de mil acasos, na madrugada tropical em que o bispo ia chegar num navio, chegar, abençoar, partir.

Nada disso terá que ver com o acontecido, não acontecido no Cartaxo, nesse festejo tradicional de sua feira de Todos os Santos. Mas Bayardo San Román, se fosse cronista de touros, talvez achasse para disfarçar analogia, e na sua tal maneira delicada, de falar mais para ocultar do que para dizer, dos santos falaria, de todos os santos diria que nem o festejo do seu dia quiseram salvar da tristeza, como já não tinham poupado Santiago Nasar às mãos de Pedro e Paulo, seus algozes premeditados e, contudo, involuntários, escravos da morte que no Cartaxo, em país de brandos costumes e fácil conformação, não foi anunciada nem aconteceu.

PUB

ADOQUE 6.º MÊS!

TEL. 874476

PAGA AS FAVAS

POR MOTIVO DE APRESSARMOS A ESTREIA DO NOVO ESPECTÁCULO INFANTIL «OTEATRINHO» AGORA SÓ SEXTAS SÁBADOS DOMINGOS 21,30 20,30 e 22,45 16 e 21,30

retrospectiva

ALAIN RESNAIS

Novembro

Teatro S. Luís

dia 5 às 21.30 h

Curtas Metragens

dia 6 às 21.30 h

HIROSHIMA MON AMOUR

dia 7 às 21.30 h

L'ANNÉE DERNIÈRE À MARIENBAD

dia 8 às 15.00 h

MURIEL

dia 10 às 21.30 h

LA GUERRE EST FINIE

dia 11 às 21.30 h

Curtas Metragens

dia 12 às 21.30 h

JE T'AIME: JE T'AIME

dia 13 às 21.30 h

STAVISKY

dia 14 às 21.30 h

PROVIDENCE

dia 15 às 15.00 h

MON ONCLE D'AMÉRIQUE

Organização conjunta de VER FILMES — Grupo de Divulgação Cinematográfica e dos Serviços Culturais da EMBAIXADA DE FRANÇA com a colaboração especial da Cinemateca Portuguesa e com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura e da Câmara Municipal de Lisboa.

programa sujeito a alterações

EDUARDO VILAVERDE
APRESENTA

o Professor Minhocas

O ESPECTÁCULO PARA CRIANÇAS DE QUE AS CRIANÇAS

GOSTAM

DIDÁCTICO — DIFERENTE — DIVERTIDO

CONTACTO PARA AS DATAS AINDA LIVRES: CANTARABRIL

AV. EUA-51-C - 1700 LISBOA TELEF. 804242 - 800246



Uma alegre crítica à vida americana!

AMÉRICA divertida

★★★★★

realização de BRADLEY SWIRNOFF

estúdio

ESTREIA
HOJE — 21,30

EASTMANCOLOR

INTERITO A MENORES DE 13 ANOS

FILMES OCIDENTE

Património arquitectónico

Continuação da pag 3
procura promover a reapreciação do processo.

Mas se uma Câmara dispende de poder deliberativo e executivo, analisar incorrectamente o Património de que é detentora, a destruição desse Património é sem recurso.

É erro de avaliação é nas actuais condições em Portugal praticamente inevitável.

Importa sublinhar que a destruição do Património é irreversível e definitiva pelo que qualquer imprudência nesse campo seria puro aventureirismo.

A fragilidade do Património Arquitectónico decorre do seu confronto directo com valores de troca solidamente estabelecidos da propriedade imobiliária, revestindo interesses legítimos ou não na promoção do sector ou até com manifestações claramente oportunistas e especulativas.

A consciência real do real valor do Património enquanto valor de uso, e não apenas como valor de troca, não só hoje é limitada mas vai implicar um processo de educação e formação (auto e hetero educação e for-

mação) processo que está longe de ser imediato.

Se aquela solução de atribuição autárquia da responsabilidade do Património Arquitectónico seria irrealista e tacticamente errada, também tecnicamente ela careceria de fundamento.

De facto as áreas de núcleos culturais significativos raramente coincidem com limites administrativos vigentes, pelo que o tratamento de áreas coerentes abrange normalmente vários municípios, reduzindo assim a operacionalidade do

nível municipal.

Por outro lado, a defesa do Património Arquitectónico tem de se inserir em esquemas de ordenamento mais vastos do território, social, geográfica, cultural e economicamente considerado.

Ainda um terceiro aspecto a sublinhar, é que o Património é peça a considerar como variável activa nas acções de planeamento e portanto tem de ser logo a esse nível que a sua integração e salvaguarda se têm de definir.

Assim a descentralização a defender terá de ser entendida como um processo em avaliação constante que permita suspender, acelerar ou retardar a

sua evolução, e terá de ser levado a cabo, não no sentido de vir a fornecer poderes decisórios às Câmaras, mas sim a organismos de planeamento a nível regional.

De aqui que esta descentralização desejável e necessária só tenha sentido técnico e político em relação a um órgão supra-municipal.

A Constituição aliás contempla uma figura administrativa que parece cobrir precisamente esse nível de responsabilidade: a Região Administrativa, órgão de poder local que detém efectivas responsabilidades de planeamento e que está equipada com órgãos representativos inter-

municipais.

Seja como for, será a este nível que o problema se pode equacionar e a este nível que se poderá encontrar solução.

Num período de transição que terá de ser mais ou menos longo, até se atingir o grau suficiente de descentralização e delegação adequada de poderes, defendendo que a única forma de manter qualquer controlo sobre a classificação gestão e salvaguarda do Património Arquitectónico, é a concentração do poder decisório num organismo que a nível central assuma essa responsabilidade, e organize as fórmulas progressivas dessa mesma delegação de poderes.

FILMES CASTELLO LOPES



apresenta

A GRANDE REVELAÇÃO DO FESTIVAL DE CANNES 1981



É uma explosão de arte sobre o sexo e o amor!

Música de CHICO BUARQUE e ANTÓNIO CARLOS JOB M.

FILME DE QUALIDADE
Comissão Classif. Espectáculos

O ACONTECIMENTO!

NÃO ACONS. MEN. 18 ANOS

NIMAS

ESTREIA

HOJE, às 21.30

COLORIDO

CONDES

O realizador Arnaldo Jabor e a actriz Sonia Braga estarão presentes esta noite nos cinemas Condes e Nimas

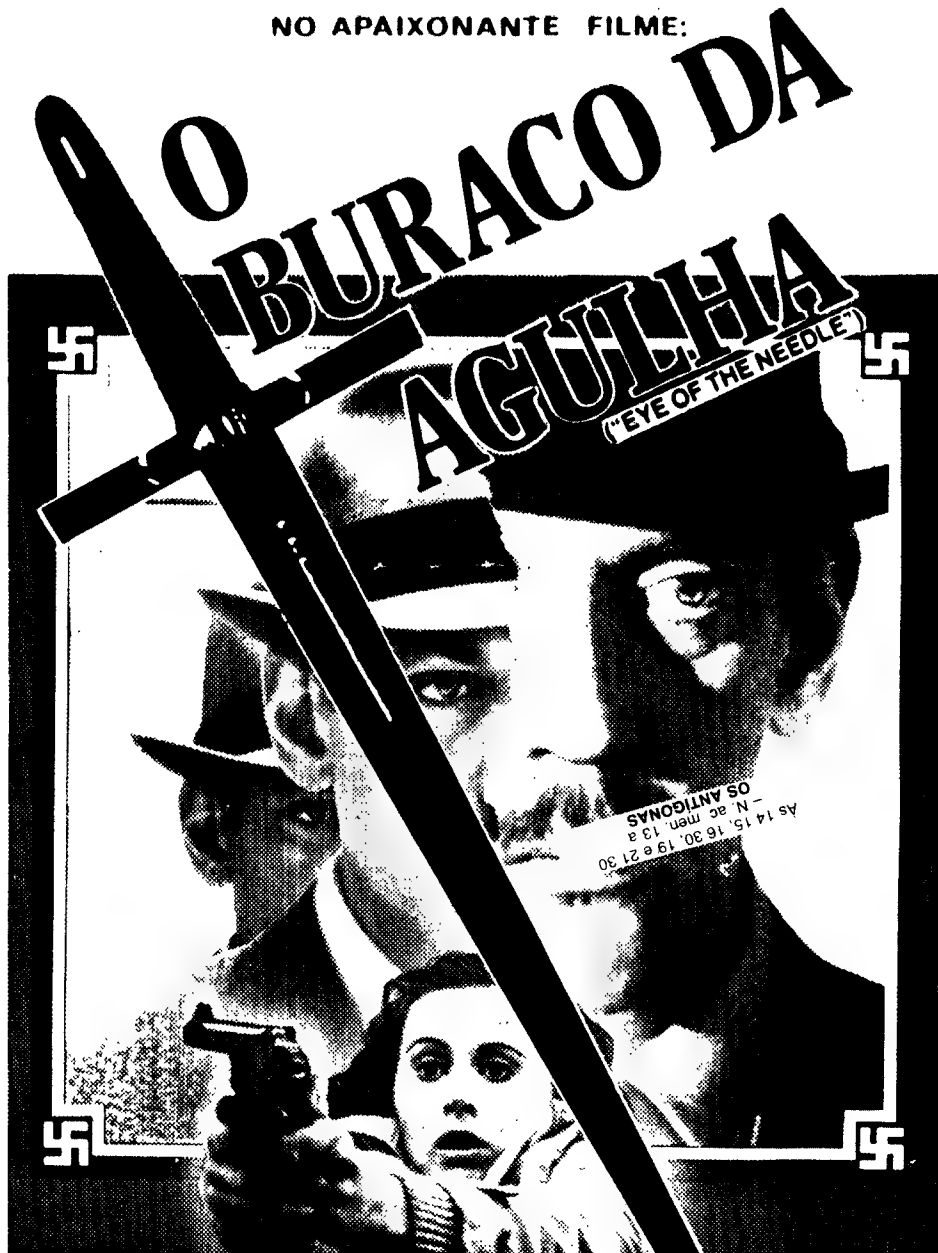
RANK FILMES DE PORTUGAL

ORGULHA-SE DE ANUNCIAR EM ESTREIA HOJE
ÀS 21.30 NOS CINEMAS



DONALD SUTHERLAND · KATE NELLIGAN

NO APAIXONANTE FILME:



CONSIDERADO O MAIS PERIGOSO ESPÃO
INFILTRADO NO EXERCITO INGLÊS...

ESTEVE PRESTES A ALTERAR O RUMO
DA HISTÓRIA...

TALVEZ O MAIS EMOCIONANTE E ABSORVENTE
FILME SÔBRE ESPIONAGEM, ÓDIO E PAIXÃO.

produção de Kings Road
Donald Sutherland · Kate Nelligan · (Eye of the Needle)
Ian Bannen · Christopher Cazenove · Guião de Stanley Mann
baseado no romance de Ken Follett · Música de Miklos Rozsa
Produsida por Stephen Friedman · Dirigida por Richard Marquand · Technicolor®
Copyright © MCMXXXI Juniper Films All Rights Reserved
United Artists

EDITADO EM LIVRO POR MORAS editores

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Ensopado de futebol

O escândalo da desobediência da RTP tornou-se demasiado ostensivo. A tal ponto que o «conselho de gerência» se viu na necessidade de se explicar. Sem, no fundo, explicar coisa alguma. Apenas pretendeu, com ele, eliminar a outra face do escândalo: o silêncio que mantinha.

Foi assim: o Governo, devido ao mau ano higrológico, ordenou à RTP que encerrasse até às onze. Depois, a RTP (que está, de há muito, a pedir chuva) pensou que tudo se higrornormalizasse e programou para fechar às onze e meia; só que o Governo manteve as restrições à RTP. De modo que são precisos agora 15 dias para travar...

Primeiro, a RTP concluiu abusivamente, unilateralmente; segundo, o argumento dos 15 dias não é razão: é uma anedota; terceiro, mesmo programando para as onze e meia, a emissão encerrava sempre depois. Ontem, o comunicado era lido precisa-

mente às 11 e 49 minutos...

Importa de uma vez para sempre meter na cabeça dos telexerifes que o encerramento às onze horas tem outras razões para além das energéticas. Exerce, para já, uma acção educativa ao sugerir um tipo de comportamento familiar e de disciplina social. A barreira das onze horas é um limite que só excepcionalmente deverá se ultrapassar. A poupança de energia, que não é para desdenhar, virá por acréscimo. Sem falar, já se vê, da vantagem de nos vermos livres da Televisão mais cedo. Pelo que o ganho não será apenas energético, mas psíquico.

Ontem foi dia de emissão suplementar, com a reportagem do lançamento da nave americana. No fundo, mais uma opressão em larga escala de lavagem ao cérebro «made in USA». Brutal campanha publicitária na qual os magnatas americanos não gastam um tostão: é sempre a aviar.

Repare-se na frequência com que deslizava a legenda: «Em directo dos Estados Unidos da América». Pois, na publicidade não poderia faltar o nome do produto...

O lançamento falhou pelo que, em breve, teremos nova dose publicitária. Pode ser truque. Seja ou não seja, saudemos pelo menos a possibilidade de estar mais uma vez com Eurico da Fonseca. É bom ficar a ouvi-lo e mais às suas histórias da carochinha (no sentido maravilhoso e não pejorativo) onde a ciência e o pitoresco dão as mãos. A experiência, a sabedoria, a memória e o humor de Eurico da Fonseca são espectáculo mais convincente do que o lançamento da nave. Sem a sua presença, a monotonia assassina a reportagem — no seu quase todo o tempo uma espécie de interlúdio sem música.

Quanto ao serão, a tónica era posta, com insistência, no filme do primeiro canal e na «Quarta há noite», do segundo. Este, com uma nota sensacional: haveria um casamento, em directo, nos estúdios da RTP.

O facto, em si mesmo, nada tinha de final de excitante, de grande curiosidade, de acontecimento excepcional. Dois jovens casaram-se, pronto. Como novidade, a capacidade oratória, realmente impressionante num funcionário da Conservatória. Até se meteu com as estrelas! Geralmente, tudo se passa com mais discrição. A presença das câmaras impôs rancho melhorado.

De todo o clausulado apenas nos poupamos a leitura dos emolumentos. Já agora, que diabo, ficava a obra completa.

«Quarta há noite» revelou-se um programa desordenado, mal

arrumado, muito ao sabor do improviso e das circunstâncias, embora com alguns aspectos de maior vivacidade — o casamento dos dois jovens na aldeia perto de Seia, o depoimento breve (mas esclarecedor) do sociólogo Alberto Martinho, e alguns outros depoimentos sobre os benefícios e malefícios do casamento.

Infelizmente, a intervenção de Maria Belo e de Adelino Alves não esteve à altura da responsabilidade da matéria. Para isso de certo muito terá contribuído a actuação verdadeiramente desastrosa do moderador Amarel Pais que, como o chinês do Badaró, não inspicila e só complica.

Maria Belo embrulhou-se, e na ânsia de clarificar noções que lhe eram postas, acabava por não ter tempo para alegar as suas. Quanto a Adelino Alves, meu Deus, de que planeta vem este homem? De que OVNI desceu ele? Como foi que a RTP o descobriu? Agora, já que o descobrimos, acabem a obra: guardem-no para o museu, dentro de um frasco com formol. Condenar, por imorais, as relações homem-mulher antes do casamento, é estar completamente fora da realidade. Assim, para ele, o casamento não passaria — oh paradoxo! — de um ritual consagrado daquilo que ele pretende condenar: o amor como puro acto animalístico...

Ainda a propósito do programa, vê-se que ele acaba de inovar. Já tínhamos o ensopado de enguias, de lulas, de carneiro. Temos, a partir de agora, o ensopado de futebol.

A culinária não ficou enriquecida, o programa também não. Futebol para jogar, é uma coisa; para bestializar, é outra. Muito diferente.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

SEXTA dia 6 às 21.30
SABADO dia 7 às 16 e às 21.30
DOMINGO dia 8 às 16 horas

a notável peça de

Harold Pinter

encenação de
RICHARD COTTRELL

Retabulo

com
BRYAN MARSHALL
PAMELA SALEM
WILLIAM HOYLAND
KELVIN SPOONER

Matinéas, Sábados e Domingos às 16 horas
Preços de 150\$00 (3.º Balcão) a 300\$00 (Plateia)
Espectáculo Não Aconselhável a Menores de 13 anos
Descanso da Companhia à Segunda-Feira

GRUPO DE CAMPOLIDE - ACADEMIA ALMADENSE
TEL. 2752175

BREVEMENTE
«A EXCEPÇÃO E A REGRA»
de B. BRECHT

Encenação de PETER SCHROTH e PETER KLEINERT
do Theater IM PALAST de Berlim
Sub-SEC/CMA

3.ª SEMANA DE ÊXITO

TEATRO IBÉRICO

Retabulo do
Amor
profano

NO TEATRO ABERTO ÀS 21.30
DOMINGO ÀS 18
SÓ ATÉ DIA 15 DE NOVEMBRO
DIA 6 — NÃO HÁ ESPECTÁCULO

terramoto no chile
TEATRO DO MUNDO ATÉ 14 DE NOVEMBRO
ESTUFA FRIA



ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV DO FORNO, 7 A AO ROSSIO, 1 371001 2

Hoje



Uma cena da série «Uma Cidade como a Nossa»

- 18.07 Sumário
18.15 Tempo dos Mals Novos
18.45 País, País
19.15 Debate Sobre a Central de Salago
19.45 «Olhai os Lírios do Campo» — 16.º episódio.
20.25 O Tempo
20.30 Telejornal — as notícias do País e do estrangeiro.
21.00 Primeira Página
21.35 «Uma Cidade como a Nossa» — «A Sorte e a Morte de Joana Geraldo». Intérpretes: Júlio César e Rui Mendes. Produção: Garcia Rosado. Realização: Luis Filipe Costa.
22.30 Quinta Jornada — o programa incide sobre a 2.ª mão da 2.ª eliminatória das competições europeias de futebol a nível de clubes.
23.25 24 Horas — as últimas notícias.



Na RTP-2 exibição de mals um episódio de «O Exército Secreto»



- 19.35 Êxitos d'Ontem na RTP — hoje com «Lucy Ball».
20.05 Musical Ligeiro — o fado da nova vaga.
20.30 Informação/2
21.00 Portuguesmente Falando
21.30 Complemento Directo
22.00 «O Exército Secreto» — intérpretes: Jan Francis, Angela Richards e Christopher Neame.

- 18.45 País, País
19.10 «Sítio do Pacapau Amarelo»

Amanhã



Das 13.20 às 17.20: Ciclo Preparatório TV: 18.10: Sumário; 18.15: Tempo dos Mals Novos; 18.45: País, País; 19.15: Bonecas Primitivas e Rituais; 19.45: «Olhai os Lírios do Campo»; episódio n.º 17; 20.25: O Tempo; 20.30: Telejornal; 21.00: «A Balada de Hill Street» — 4.º episódio; 21.30: Concurso Noves Fora Nada; 23.00: 24 Horas.

18.45: País, País; 19.10: «Sítio do Pacapau Amarelo»; 19.40: O Homem e a Terra; 20.05: Jeito e Efeito; 20.30: Informação/2; 21.00: Os Grandes Maestros; 22.00: Animação/2; 22.30: Páre, Escute e Olhe.

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!



«Uma Cidade como a Nossa» (21.35)

«O Exército Secreto» (22.00)



Alem de um programa à escolha oferece-lhe



Resumo do episódio de hoje

Cintra e Acélio vão jogar golfe ao Country Club, enquanto Olívia, Eugénio e Frida partem para o passeio.

Eunice telefona a Isabel e diz-lhe que também vai ao clube de golfe o que é falso, tal como as dores de apêndice de que se queixa a Mariana.

Com a ajuda de Mariana e do motorista, Honório parte para o hospital do dr. Teixeira onde fica internada e insiste para ser examinada por Eugénio, que se encontra de folga. Eunice não tem outra hipótese que não seja deixar-se observar pelo dr. Teixeira, que decide operá-la imediatamente.

No local do piquenique, Frida grita por Eugénio e Olívia ao ver uma cobra.

No hospital, Eunice começa a sentir-se sonolenta após ter ingerido um comprimido por indicação do dr. Teixeira.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO - Rua B. Jesus Caraça, 17, Cruz Quebrada - Tel. 2112871

ESTREIA
AMANHÃ ÀS 21.30 H

quarteto



realização de — Alexandr Zarchi
música de Irakli Gabeli
e fragmentos da música
de Serguei Prokofiev

ANATOLI SOLONITSIN
EVGUENIA SIMONOVA
EWA SZYKULSKA

filme a cores

26 dias na vida de
DOSTOJEVSKI

«FILME DE QUALIDADE»

11.º FESTIVAL INTERNACIONAL

CASCAIS
JAZZ 81

PAVILHÃO DOS SALESIANOS - ESTORIL

6.ª FEIRA 6 11 - 21,30 h.	SÁBADO, 7 11 - 21,30 h.
Quarteto de FREDDIE DERONDE FERDINAND POVEL	Trio de MARTIAL SOLAL C DANIEL HUMAIR
Quinteto de MC COY TYNER	Quarteto de GEORGE ADAMS DON PULLEN
DOMINGO, 8 11 - 16,00 h.	BILHETES
Trio de CHET BAKER L. A. FOUR-B. SHANK L. ALMEIDA RAY BROWN J. HAMILTON	Preço unico-Plateia Bancada 400\$00 Assinatura para os 3 concertos válida até 5 de Novembro 900\$00

LOCAIS DE VENDA:

LISBOA - AGÊNCIAS ESPECTACULOS HABITUAIS - VALENTIM DE CARVALHO - RUA NOVA DO ALMADA, 95 - AV. DE ROMA, 49-C - CASCAIS
LIVRARIA GALILEU - INFORMAÇÕES: 804243

AIR
PORTUGAL

COLABORAÇÃO

APARTHOTEL
EQUADOR
CASCAIS

TRANSPORTADORA OFICIAL

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	56\$55	61\$55
ALEMANHA FED (marco)	28\$55	29\$65
AUSTRIA (xelim)	4\$00	4\$20
BELGICA (franco)	18\$45	18\$75
BRASIL (cruzeiro)	\$321	\$571
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	52\$30	54\$30
(notas de 5 a 1000)	52\$80	54\$80
DINAMARCA (coroa)	\$855	\$925
ESPAÑA (peseta)	\$631	\$731
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	62\$80	64\$80
(notas de 5 a 1000)	63\$30	65\$30
FINLÂNDIA (marka)	14\$45	15\$05
FRANÇA (franco)	11\$20	11\$90
HOLANDA (florim)	25\$90	26\$90
INGLATERRA (libra)	118\$80	122\$80
IRLÂNDIA (libra)	101\$55	105\$55
ITALIA (lira)	\$048	\$058
JAPÃO (itene)	\$252	\$287
NORUEGA (coroa)	10\$80	11\$30
SUECIA (coroa)	11\$50	12\$10
SUIÇA (franco)	35\$30	36\$40
VENEZUELA (bolivar)	12\$95	13\$95

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

Teatro

Amanhã (21.30 horas), sábado (às 16 e 21.30) e domingo (às 16), o Teatro Nacional de D. Maria II, em colaboração com o Instituto Britânico em Portugal, apresenta a peça «Betrayal», do consagrado dramaturgo inglês Harold Pinter.

Produzida pela B e B Productions Ltd. e dirigida por Richard Cottrell, «Betrayal» é interpretada pelos actores Bryan Marshall, Pamela Salem, William Hoyland e Kelvin Spooner. Escrita em 1978 esta obra teatral, que obteve o prémio da melhor peça do ano da Sociedade de Teatro de West End, conta-nos, através de um subtil «flash-back», a história de um vulgar triângulo amoroso que envolve uma mulher e dois homens.

Citado por alguns como o grande renovador do «Teatro do Absurdo», Pinter é hoje considerado um dos mais importantes dramaturgos contemporâneos.

Cinema

Com a exibição de «Variedades», de E. A. Dupont, prosseguem hoje as sessões de cinema programadas pelo AR.CO.

Produzido em 1925, «Variedades» constitui um dos grandes clássicos do período expressionista do cinema alemão e é, seguramente, o melhor filme de Ewald Andreas Dupont, cineasta cuja obra se mantém, ainda hoje, praticamente desconhecida em Portugal.

Com argumento de Leo Birnisky - segundo novela de Felix Hollander - e a inconfundível fotografia de Karl Freund, «Variedades» proporciona a Emil Jannings uma das suas mais excepcionais interpretações, contracenando com Maly Delschaft e Lya de Putti, designadamente.

Nas sessões seguintes, amanhã e sábado AR.CO apresenta «Yakuza», de Sidney Pollack.

As sessões iniciam-se, como habitualmente, às 21.45.

Exposições

A Exposição de Henry Moore, que se encontra patente nos Jardins e nas Galerias das Exposições da Fundação Gulbenkian e que tem registado um êxito sem precedentes, vai encerrar ao público, a partir do dia 8 do corrente inclusive. Durante o período em que esteve aberta, a Exposição registou uma frequência total de cerca de 80 000 visitantes.

quência total de cerca de 80 000 visitantes.

O pintor Martins Gomes expõe em Leiria, na galeria da Comissão Regional de Turismo, 94 quadros que têm como tema principal a «Belle Époque». Este artista autodidacta, que expõe pela pri-



«Betrayal», de Harold Pinter, estreia amanhã no Teatro Nacional D. Maria II

meira vez em Leiria, começou como colecionador, tendo organizado várias exposições. A partir de 1970 começou a fazer experiências de modelação e pintura.

Mauro Matos, Rogério de Matos e Vidal apresentam 40 trabalhos de desenho e pintura nas instalações da Comissão de Moradores da Reboleira Norte/Centro, na Av. D. José I, 55-A, Reboleira-Amadora. O certame foi organizado pela Comissão de Moradores e pela CoopSol, Cooperativa de Consumo da Reboleira com o apoio da Junta de Freguesia. A mostra encerra no dia 15.

Exposição de Millí Possoz. Vai ser inaugurada no próximo dia 7 de Novembro, pelas 17.30 horas, uma exposição desta artista que foi uma das primeiras intervenientes da arte moderna portuguesa. Representada em vários museus e em inúmeras colecções particulares, continuam a ser muito requisitadas e valorizadas as suas obras.

Esta exposição estará patente nas galerias da Junta de Turismo da Costa do Estoril, Arcadas do Parque - Estoril, todos os dias das 15 às 20 horas, menos às segundas-feiras, em que encerra.

Uma exposição de desenho e escultura de Jorge Vieira está patente ao público na Galeria de Ana Isabel (R. da Emenda, 111, 1.º) até ao próximo dia 24 de Novembro, podendo ser visitada todos os dias úteis, das 14.30 às 19.30 horas.

STAR
TURISMO
VIAGENS

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

16.00: Sem Margem - Cinemas; 17.00: Ciclo musical; 18.00: Noticiário intercalar - Formas de energia; 18.45: RDP/Regiões; 19.00: Títulos de Jornal; 20.00: Enquanto os Outros vêm TV - Jazz; 21.00: Folhetim «O Jogo de Deus» - Livre Directo; 23.00: Títulos de Jornal; 00.00: Antena Um, Música; 02.30: Madrugada da RDP/Centro; 05.30: Programa Rural da RDP/Centro. Grandes blocos informativos: 13.00; 19.30 e 23.30.

Programa 2

16.00: Que quer ouvir?; 17.30: Concerto n.º 3, em sol maior, K. 216, para violino e orquestra, de Mozart; 18.00: «Dolly», op. 56, suite para orquestra, de Fauré; 19.00: O canto e os seus intérpretes; 20.05: Tempo de bailado; 20.35: Obras de Bach para piano; 21.00: Música do século XX; 22.00: Intercâmbio musical; 23.10: Música; 23.30: Canções de Schubert; 00.00: Novos discos; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; 17.03: Todos no top; 18.08: Hora de ponta - espaço 3 P; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: As cidades e as serras; 21.03: Telefone top; 21.30: Quando o telefone toca (2.ª edição); 22.03: Portugal e a CEE; 22.15: Hora luterana; 22.30: Tempo de desporto; 22.08: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em stock; 18.03: Circuito em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Rolls rock; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café concerto; 00.03: O vapor da meia-noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Basílica dos Mártires; 19.00: Programa da LAR; 19.30: Revista de imprensa; 20.00: Paju; 21.00: O som da noite; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Revisão constitucional; 23.10: Programa cultural; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando. Grandes blocos informativos às 19.30 e 23.30. «Flashes» noticiosos de hora a hora.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 270

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade de Itália. Simples.
- 2 Nome de mês. Remediado.
- 3 Carimbar. Antigo Testamento. Concede.
- 4 O último numa série de oito.
- 5 Montesinos.
- 6 Grande ribeira da Ásia Russa.
- 7 Enviar como legado. Sala frequentemente à rua.
- 8 Isolado. Amouriscam.
- 9 Cartas geográficas. O lado do vento.
- 10 Cobre de nata. Falhas.
- 11 Compaixão. Jarro (planta). Emprega.

VERTICAIS:

- 1 Conjunção. Nome de astro. Madeira.
- 2 Procede. Nome de letra (pl). Em o.
- 3 Moradia de família nobre ou importante. Amido próprio para engomar.
- 4 Sua Senhoria. Rate. Fruto da ateira.
- 5 Abala. Cortar rente.
- 6 Ilha do Estado da Baía. Miriare.
- 7 Prendo. Cara.
- 8 Pronome demonstrativo. Interjeição de dor.
- 9 Rádio (s.q.). Cidade da Ucrânia. Estréito de desmoronamento.
- 10 Espécie de padiola ornamentada para conduzir, nas procissões as imagens dos santos Covas.
- 11 Pequeno símio do Brasil. Que tem ramos.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 130

HORIZONTAIS:

- 1 Motejo. Acariciar.
- 2 Serra de Portugal. Débil.
- 3 Afável Amónio (s.q.). Pedras de moinho.
- 4 Magnete natural. Rio de França.
- 5 Ilha do Pequeno Belt. Autores. Batráquio.
- 6 Arara. Sadia. Rádio (s.q.).
- 7 Cólera. Após.
- 8 Colar. Despido. Miriare.
- 9 Desejaras. Nome que os egípcios davam ao Sol.
- 10 Fluido aeriforme. A morte.
- 11 Fileiras. Cobalto (s.q.) Suspiros.

VERTICAIS:

- 1 Vagabundas. Estaciona.
- 2 Cai à cama. Preposição.
- 3 Cobrira de iodo. Tartamuda.
- 4 Anel. Prepararas com ópio.
- 5 Cidade de França.
- 6 Pega.
- 7 Pessoas muito magras. Rio de Itália.
- 8 Prefixo de negação. Sofre.
- 9 Amimar. Altar cristão.
- 10 Veneraram. Cento e um em romano.
- 11 Nome de flor. Guarnecias de asas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 129

HORIZONTAIS

- 1 QUEM. TEM. PU
- 2 Mn. Talaras.
- 3 Aderir. Cá.
- 4 Sacam. Aa. Id
- 5 Piar. Cs. Rea.
- 6 Errado. Ion.
- 7 Ro. Mal. Ca.
- 8 Ao. Iris.
- 9 Nomes. Adias
- 10 Cró. Maria
- 11 Sua. Assis.

VERTICAIS

- 1 ESPERANÇA.
- 2 Um. Airó. Or
- 3 Darás.
- 4 TEM. Asma.
- 5 Tar. Como.
- 6 Elias. Ará.
- 7 Mara. Ilidis.
- 8 Ro. Rias.
- 9 Lascas. Asas.
- 10 PACIÊNCIA.
- 11 Usada. Assas.

Provérbio: QUEM TEM ESPERANÇA TEM PACIÊNCIA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 269

HORIZONTAIS

- 1 Elara. Atroa.
- 2 Saia. Aire.
- 3 Tília. Rimar.
- 4 Aa. Ar. Apare
- 5 Idos. Ar.
- 6 Caos. Fa.
- 7 Cás. Sr. MIV
- 8 At. Ois. Ni.
- 9 Lascas. Asas.
- 10 Ara. Abadé.
- 11 Rosas. Casou.

VERTICAIS

- 1 Estar. Elar.
- 2 Laia. Cata.
- 3 Lia. Ias. Sás.
- 4 Raiado. Acra
- 5 Aros. Aas.
- 6 Sós.
- 7 Ra. Uri. Ac
- 8 Talpa. Saba.
- 9 Rimaram. Sás.
- 10 Orar. Finado.
- 11 Aérea. Viseu.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 18.30, 21.45 e 23.45 h
Int. m/13 anos
MISSÃO ULTRA-SECRETA

SALA B

Int. m. 13 anos
Às 14.45, 17, 19, 21.45 e 24 horas
A ABSOLUÇÃO
com Robert De Niro

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
O GRANDE MESTRE DOS LUTADORES
Um filme de Yuen Woo-Ping
Colorido

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
OS ANOS DE LUZ
Um filme de Alain Tanner
Colorido

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Estreia às 21.30 h
Int. m/13 anos
Uma supercomédia à boa maneira italiana
SEXO À VENDA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
Technicolor

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
CONDORMAN
Um filme de Charles Jarrott
Technicolor
4.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
MINHA MÃE, A GENERALA
c/ Zachi Noy (o gordo de «Gelado de Limão»)

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
007 - MISSÃO ULTRA-SECRETA
Roger Moor - James Bond 007
Às 24 h N. ac. m/18 anos
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
CRUZEIRO SEXUAL
Pornográfico - Hardcore
Às 24 horas N. ac. m/13 anos
O TUBARÃO DO PACÍFICO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30-16.45-19 e 21.30 h
O poder da imaginação. O impacto sobrenatural. A força do fantástico
CHOQUE DE TITÃS
c/ Harry Hamlin, Ursula Andress
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
FIM-DE-SEMANA ESCALDANTE

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. m/18 anos
OS PADRINHOS DE HONG KONG
um filme de Robert Lee

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Estreia às 21.30 h
N. ac. m/18 anos
EU TE AMO
c/Sônia Braga

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O GRANDE MESTRE DOS LUTADORES
c/ Jackie Chan, Yuen Hsiao-Tien e Wang Chiang

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Estreia às 21.30 horas
Int. a menores de 13 anos
Uma alegre crítica à vida americana
AMÉRICA DIVERTIDA

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Estreia às 15, 17, 19 e 21.30 h.
N. Ac. menores 13 anos
ATLANTIC CITY
Com Burt Lancaster e Susan Sarandon

IMPÉRIO 555134-5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 14.45, 18.15 e 21.15
uma das mais grandiosas epopeias da história do cinema
O LEÃO DO DESERTO
com Anthony Quinn-Oliver Reed
Em complemento
SINES DEZ ANOS DE PROGRESSO

LONDRES 801313

Av. de Roma 7 A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
LILI MARLEEN
c/ Giancarlo Giannini e Mel Ferrer
Filme de qualidade

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A LEI DOS DUROS
c/ Henri Silva, Tomas Millam e Nicoletta Nachiavelli
Um filme de Umberto Lenzi

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
EXCALIBUR
c/ Nigel Terry e Helen Mirren
Um filme de John Boorman

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
C Harrison Ford, Karen Allen e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
4.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
N. ac. m/18 anos
EU TE AMO
c/Sônia Braga e Paulo Pereira

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Estreia Int. men/13 anos
RALLY INFERNAL
6000 km de pavor!

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Int. m/13 anos
Às 14-16.30 e 21.30 h
A MÉDICA DO CORONEL
c/ Nadia Cassini e Lino Banfi
Colorido
em 2.ª semana



O marido e os dois filhos estão na guerra. Ela parte para a frente de batalha tentando impedir o conflito. Uma comédia em exibição no CASTIL.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30 h
- M. 18 a.
AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT
Realização de R. W. Fassbinder

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 (In. a men. 18 anos)
CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
Real. Daniel Duval

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30 h
- N. ac. men. 13 a.
MISTÉRIO D'OVERWALD
Realização de M. Antonioni
Filme de qualidade

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30 h
- M. 18 a.
TAXI DRIVER
Realização de Martin Scorsese

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

15, 17, 19 e 21.30
Em estreia do maior êxito de gargalhada dos últimos tempos!
A TURMA DOS REPETENTES
Não acons. men. 13 anos
13.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS CIGANOS (UM AMOR TRÁGICO)
c/ Svetlana Toma e Grigori Grigoriu
2.ª semana

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 21.30 h N. ac. m/18 anos
O BURACO DA AGULHA

S. JORGE SALA 2

Às 21.45 h - Int. 13 anos
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA

S. JORGE SALA 3

Sessões diárias às 14, 16.30, 19 e 21.15
Inter. men. de 13 anos
Robert de Niro, Robert Duvall
A ABSOLUÇÃO
7.ª semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões: 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A FILHA DO MINEIRO
27.ª Semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Estreia às 21 e 24 h - M/13 anos
O BURACO DA AGULHA
Domingo às 11h Para Todos
OS 12 TRABALHOS D'ASTERIX

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
A MAIS BELA HISTÓRIA DE AMOR (SUZANNE)
c/ Jennifer Dale
- Int. men. 13 a.

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 10.30, 13, 15.30, 19.30, 21.30 e 24
- Int. men. 13 a.
Uma espada forjada por um Deus somente do futuro. Força viva de um rei
EXCALIBUR
c/ Nigel Terry e Helen Mirren

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Colorido
NÃO AC. M/18 ANOS
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES
Um filme de Bob Rafelson

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Jma epopeia sem paralelo na história do cinema
ARMADILHA INTERNACIONAL
c/ Roger Moore e Lee Marvin

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 21.30 - Estreia - N. ac. m/18 anos
O NEVOEIRO
Às 14.15, 16.30 e 19 - Últimas
N. ac. m/13 anos
OS ANTAGONISTAS
c/Peter O'Toole

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 - «Condorman», às 21.30 (6 anos)
ALFA 3 - «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21.15 (18 anos)
POLITEAMA - «Armadilha Internacional», às 21.15 (13 anos)
CITY CINE - «O Mistério de Oberwald», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO - «O Sexo Masoquista», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA - «Sexo à Tarde», sessões permanentes (18 anos)
2000 - «O Maneta de Ferro Contra a Guilhotina Voadora», às 21.30 (13 anos)
RESTELO - «Carambola», às 21.30 (13 anos)
EUROPA - «A Noviça e o Amor», às 21.30 (18 anos)
PARIS - «The Jazz Singer», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «Zorro» às 21.30 (13 anos)
CINEARTE - «A Brigada Mundana» às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «A Razão dos Deuses» às 21.30 (18 anos)
LUMIAR - «A Beira do Fim» às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA - «Incrível» - «O Caminho das Estrelas», às 21.15 (13 anos)
SETUBAL - «Júpiter» - «Os Falcões da Noite», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Cineestúdio» - «A Terra das Mil Aventuras» às 21.30 (13 anos)
COSTA DA CAPARICA - «Silcine» - «Os Cinco Alibis» às 21.45 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Encontros Imediatos do 3.º Grau», às 21.30 (13 anos)
PARADE - «Royal-Cine» - «A Bomba no Colégio», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Casino - «O Rapto do Presidente», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Palácio - «E com a Mala o Dinheiro Voltou», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS - Impala - «Vestida para Matar», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS - Oxford - «A Batalha Além das Estrelas» às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - «A Santa Aliança», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cine Plaza - «Os Cinco Alibis», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Lido - «O Leão do Deserto», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cine Estúdio - «O Combóio sem Medo», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - Cine Chaby - «O Corredor», às 21.30 (13 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Vingança ao Amanhecer», às 21.30 (18 anos)

SACAVEM - S. José - «Tudo Pode Acontecer», às 21.30 (13 anos)

Porto

COLUSEU - «O Grande Mestre dos Lutadores», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «Encontro Fatal», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA - «Duas Malucas na Gaiola», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)
TRINDADE - «Excalibur», às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «Nova torquê 1997», às 21.45 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA - Teatro: «Há Petróleo no Beato», às 21.30 (13 anos)
FOCO - «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21.30 (18 anos)
AGUIA - «Ladrão por Excelência», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO - «Amor de Mãe», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ - «Crônica da mais velha profissão do mundo» 21.45 (18 anos)
PEDRO CEM - «O Meu Tio da América», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L2 - «A Turma dos Repelentes», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A - «Loucuras de uma Recruta», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «Cara a Cara», às 21.30 (13 anos)
JULIO DINIS - «O Preço da Lealdade», às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
SEIVA-TRUPE - «A Dama de Copas», às 21.45 (13 anos)
CHARLOT - «O Rapto do Presidente», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

PROBIDADE, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ESTADOS UNIDOS**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **IVONE**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **SÃO JORGE**, L. do Leão, 3-A-B (T. 53.027); **ALMEIDA DIAS**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **MIRANDA**, Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **CENTRAL DO LUMIAR**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); **OLIVAIS**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **CURIE**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 778439); **OCIDENTAL**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **ALMEIDA NIFÓ**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); **BRITO**, R. do Colégio, lote

teatros

ESTUFA FRIA - Teatro do Mundo - «Terramoto no Chile», às 21.15 (13 anos)
TEATRO ABERTO - «Retábulo do Amor Profano», às 21.30 (13 anos)
MONUMENTAL - «Não Há nada que Me Escape», às 21.30 (13 anos)
CASA DA COMÉDIA - «Seis Aparições de Lenine Sobre um Piano», às 21.45 (13 anos)
TEATRO DO BAIRRO ALTO - «Não Se Paga! Não Se Paga!», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Não Há Nada P'ra Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
ABC - «O Escabeche», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
ADÓQUE - «Paga as Favas» às 21.30 (18 anos)
COMUNA - **TEATRO PESQUISA** - «Serena Guerrilha» às 21.45 (13 anos)
MARIA MATOS - «A Tragédia da Rua das Flores» às 21.30 (13 anos)

32-B (T. 993351); **LEITAO**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 910051).

REFORÇO

LOPES RIBEIRO, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); **IBÉRIA**, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **SÃO JOSÉ**, R. dos Anjos, 41-A (T. 573730); **INTERNACIONAL**, R. do Ouro, 228-230 (T. 360203); **MACEDO**, R. República da Bolívia, 69-C (T. 703697); **EDUARDO A. CÉSAR**, R. das Trinas, 102-A (T. 662631); **GRUJO**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **CRUZ NUNES**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Acores, 11-A (T. 910305); **CRUZ CORREIA**, E. St. Elói, 41-A (T. 992453); **MATOS**, T. Priors, Vivenda Morgadinho (T. 2519939).

Linha de Sintra

AMADORA: Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Rebola (T. 938442). Permanente: Conflança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149). Até às 22 horas: **DAMAIA**: Conflança, R. D. Maria II, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas: **QUELUZ**: Zeller, R. da República, 83 (T. 950045); **CAMARATE**: Batelha, R. Aveiro, 5 (T. 2518669); **CACÉM**: Araújo e Sá, E. de Pago de Arcos, lote 1-B (T. 2940781); **MEM MARTINS**: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 2914103). Permanente: **MERCÊS**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas: **RIO DE MOURO**: Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas: **S. PEDRO DE SINTRA**: Valentim (T. 980456). Permanente: **COLA-LIM**: Abreja (T. 299088). **LOURES** - Saralva - Av. da República, 80 Telf. 2530027 Permanente. **MOSCAVIDE** - Banha - Av. Moscavide, 22-A Telf. 2518518. Até às 22 horas: **SACAVEM** - Lourenço - R. Almirante Reis, 3 Telf. 2518151. Permanente.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duarte, lote A-r/c (T. 2441616). Até às 21 horas: **ALCABIDECHÊ**: Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 21 horas: **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo (T. 2421015). Até às 21 horas: **MALVEIRA DA SERRA**: Luz. Até às 21 horas: **PAÇO DE ARCOS**: Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 24 e das 0 às 9 horas: **OEIRAS**: Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas: **NOVA OEIRAS**: Leal, Quinta das Palmeiras, lote 24-r/c (T. 2478737). Até às 21 horas: **CARCAVELOS**: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Até às 22 horas: **Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Até às 24 e das 0 às 9 horas: **S. DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas: **PARADE**:

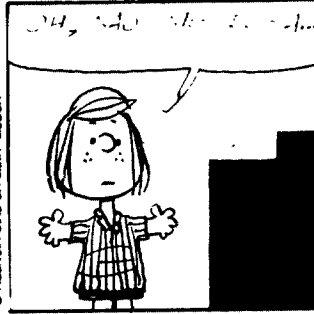
PORTE
PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 388740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



últimas

NEGLIGÊNCIA COMO CAUSA DA MORTE do indivíduo atingido a tiro por uma patrulha da PSP na Rua Castilho em Lisboa. Por lapso noticiámos ontem que a vítima, Nuno Francisco Moraes Neto, conduzia um carro furtado e segundo informação daquela Polícia ele teria apenas desobedecido aos sinais de paragem conduzindo com as luzes apagadas. Tal facto motivaria a perseguição pelas ruas desertas àquela hora da madrugada e ao ser interceptado teria agredido à cabeça e desarmado um dos agentes, o que levaria o outro a fazer fogo à figura e a poucos metros de distância. Segundo o informador policial, o jovem, regente agrícola, de 24 anos, foi atingido com uma bala numa perna. Horas depois veio a falecer no hospital de S. José devido a uma forte hemorragia, talvez de artéria femoral, o que permite admitir ter a morte sobrevivido por falta de assistência médica a tempo.

VENDIAM PEDAÇOS DE BILHETES para entrada no Estádio de Alvalade e houve quem os comprasse por serem mais baratos. Dois indivíduos, José Martins e Américo Antão, aproveitavam os restos dos bilhetes de entrada que os porteiros cortam e colando dois a dois vendiam peões e superiores a preços reduzidos. Tal facto, levantou suspeitas e levou à intervenção da Polícia que os deteve.

VIOLADORES PRESOS após diligências que levaram quase um mês desde a madrugada em que uma jovem mulher de 28 anos, foi forçada a entrar num automóvel na área da Estefânia em Lisboa. Levada até ao Estoril, ali seria violada pelos dois sequestradores e obrigada a fumar haxixe. Posteriormente abandonada na Estrada Marginal, sem o dinheiro que levava e sujeita a uma situação de chantagem. Os indivíduos em questão, Raul e Manuel José, de 21 e 19 anos, ficaram detidos sem admissão de caução.

MOBÍLIAS

MODERNAS
SÉCULO XVII
BARROCO
D. MARIA
IMPÉRIO
LUÍS XV XVI
RENASCENÇA
D. JOSÉ
D. JOÃO V
ETC.

FACILIDADES DE
PAGAMENTO E TROCAS
DE MOBÍLIAS USADAS

ARMAZÉM MOVEIS
JORGE

AV. ALMIRANTE REIS, 35
(Defronte Igreja dos Anjos)

Vital Moreira (PCP) denuncia "acordo de regime"

Há um acordo formal entre a AD e o PS para a revisão constitucional

Continuação da pág. 1

Militar (órgão proposto pelos socialistas para substituir o Conselho da Revolução).

Vital Moreira reafirmou-nos, ainda esta manhã, estas suas declarações, sublinhando que a partir de agora e com esse acordo a revisão constitucional está simplificada e será acelerada. Uma simplificação que tem a ver com acordos extraparlamentares. O acordo de regime de que tanto se falou. Ele existe e começa a dar os seus frutos na revisão constitucional.

Duas matérias polémicas estão, agora, em discussão, na Comissão de Revisão Constitucional, sendo evidente, na questão do «veto de bolso» a cedência da AD ao Partido Socialista. O mesmo não se poderá dizer sobre o referendo que principiou a ser discutido e prossegue esta manhã.

A AD abandonou ontem a sua proposta de eliminação da actual exigência de maioria qualificada de dois terços de deputados para confirmação dos decretos parlamentares vetados pelo PR (a AD preten-

dia a maioria), aderindo mesmo ao alargamento desta exigência para outras matérias.

Em compensação e já da parte da tarde, registou-se forte polémica na Comissão de Revisão Constitucional sobre o referendo. A AD não foi clara (ou foi?) na sua intenção de recorrer ao referendo, quer ele fosse consagrado ou não na Constituição. Má-fé foi como a oposição acusou a AD de estar a trabalhar na revisão constitucional, já que tinha acabado de ser inviabilizada a constitucionalização do referendo.

“Esticção” chegou ao RASP: sentinela ficou sem G-3

Na madrugada de ontem, cerca das 5 horas, dois indivíduos que se faziam transportar num automóvel, precipitaram-se sobre um primeiro-cabo que procedia do render da sentinela no Regimento de Artilharia da Serra do Pilar (RASP) e roubaram-lhe uma G-3, desaparecendo em seguida.

O golpe ocorreu na Rua Rodrigues de Freitas, contígua ao quartel e que o primeiro-cabo, de apelido Sousa, na altura percor-

ria, juntamente com um soldado, a fim de render a sentinela numa guarita exterior.

Segundo o cabo Sousa e o soldado afirmaram, os dois assaltantes atiraram-se para cima deles tendo um agarrado a G-3 e puxado, levando o cabo de rastos durante uns metros.

O soldado afirmou depois que não teve ocasião de fazer fogo porque o cabo Sousa correu junto do automóvel, no momento da fuga dos assaltantes e teve medo de lhe acertar.

O golpe foi rápido e feito num cotovelo daquela artéria, o que facilitou a fuga dos dois assaltantes na viatura.

Os dois militares já foram ouvidos por um oficial de justiça daquela unidade e o caso igualmente comunicado à PSP e à PJ. O Comando do RASP não adiantou quaisquer outras informações sobre o caso, tendo apenas o departamento de Relações Públicas do QG confirmado o roubo da arma por «esticção».

Orçamento entregue na AR a 7 de Dezembro

Continuação da pág. 1

Na mesma reunião de líderes dos Grupos Parlamentares foi aprovada a agenda das sete sessões plenárias do mês de Novembro. Hoje e amanhã serão discutidos os assuntos agendados e ainda não apreciados totalmente na terça-feira (entre os quais o Código das Cooperativas) — acrescentou.

O dia 10 de Novembro foi reservado (ao abrigo de um direito regimental) pela ASDI para a discussão de um seu projecto de lei sobre a protecção da serra de Sintra — disse aquele deputado.

A ordem do dia 12 de Novembro foi reservada pelo PCP para o debate de um seu projecto sobre transporte de deficientes — referiu ainda Magalhães Mota.

O PS reservou o dia 17 de Novembro para apreciação do projecto de lei de criação da região demarcada do vinho do Cartaxo — prosseguiu.

A ASDI reservou ainda o dia 24 de Novembro para a discussão de um outro seu diploma sobre a defesa do ambiente e do património — disse Magalhães Mota.

A pedido da ASDI, a sessão de 20 de Novembro foi reservada

para perguntas dos partidos ao Governo, as questões a pôr ao Executivo devem dar entrada na mesa da Assembleia até ao dia 13.

Os atrasos de publicação do «Diário da Assembleia da República» foram, também, debatidos.

Vão ser efectuadas diligências

junto da Imprensa Nacional para se tentar conseguir a publicação do diário no dia seguinte ao da sessão a que respeita — afirmou.

Quanto à proposta de revisão da Lei dos Contratos de Trabalho, o diploma vai ser publicado numa separata do «Diário da Assembleia» e submetido a discussão pública.

Eanes visita Oleiros em Janeiro próximo

O Presidente da República, Ramalho Eanes, visitará o concelho de Oleiros e as obras de construção da ponte sobre o rio Zêzere em Janeiro de 1982 — segundo fonte municipal, citada pela ANOP.

Uma comissão pró-construção da ponte foi ontem recebida em Belém tendo o Presidente da República aceite o convite que lhe foi formulado. A comissão era chefiada pelo presidente da Câmara de Oleiros, José Luís.

As obras de construção da ponte, com mais de 400 metros

de comprimento e um custo aproximado de 200 milhões de escudos, começaram em 1979, devendo estar concluídas até ao final do próximo ano.

A construção é apoiada por sete Câmaras municipais — Arganil, Góis, Pampilhosa da Serra, Oleiros, Póvoa-a-Nova, Sertão e Mação, e ligará futuramente os distritos de Castelo Branco e Coimbra.

A mesma fonte disse que será «a primeira vez que um chefe de Estado visita oficialmente o concelho».

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

8.42	3,2 m	1.32	2,0 m
21.39	3,1 m	14.40	1,9 m
Dia 6			
10.03	3,3 m	3.22	2,0 m
22.54	3,3 m	16.10	1,7 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	13°
BRAGANÇA	8°
VILA REAL	11°
PORTO	15°
P. DOURADAS	13°
COIMBRA	16°
C. CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	19°
LISBOA	13°
ÉVORA	14°
SINES	15°
BEJA	18°
SAGRES	18°
FARO	18°
P. DELGADA	17°
FUNCHAL	19°

Gonçalves Pereira na Índia

Conversações a nível político e cultural

NOVA DELI, 5 (Por Luís Pinheiro de Almeida, enviado da ANOP) — Portugal e a Índia entabularam quarta-feira em Nova Deli conversações a nível político e cultural.

Enquanto as primeiras decorreram a nível dos ministros dos Negócios Estrangeiros, André Gonçalves Pereira e Narashima Rao, as segundas ocorreram no âmbito da comissão mista cultural.

Gonçalves Pereira e Rao falaram durante cerca de uma hora sobre as relações bilaterais e a situação internacional, não tendo sido publicado qualquer comunicado no final.

As conversações, no início das quais Gonçalves Pereira ofereceu a Rao uma edição do século passado de «Os Lusíadas», decorreram em South Block, na majestosa área governamental não muito longe da Indian Gate, o monumento dedicado aos mortos indianos na Primeira Guerra Mundial.

Simultaneamente, no Ministério da Educação, iniciava-se a primeira reunião da comissão mista cultural luso-indiana criada ao abrigo do acordo cultural assinado entre os dois países no ano passado em Lisboa.

No fim do primeiro dia faltava ainda às delegações discutir as questões relacionadas com a Educação e o Desporto tendo concluído a parte respeitante à Comunicação Social e à Cultura.

Fontes da delegação disseram à ANOP que só no final das negociações se poderá fazer um balanço da reunião.

Na segunda-feira de manhã, o ministro português dos Negócios Estrangeiros depusera uma coroa de flores no local onde estão as cinzas de Mahatma Gandhi, o fundador da Índia.

A caminho para a sepultura, Gonçalves Pereira cruzou-se com o presidente venezuelano, Herrera Campins, que se encontra de visita oficial à Índia.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO - 67 741 - 42 000 CONTOS
2.º PRÉMIO - 19 376 - 9 000 CONTOS
3.º PRÉMIO - 72 606 - 3 600 CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

ALTO PRÉMIO - 1.º PRÉMIO

67 741	42 000 000
67 742	42 000 000
PRÉMIO DE 100 000	
555; 1 512; 5 599; 6 563; 7 512; 8 545; 9 179; 10 112; 11 214; 18 700; 20 432; 21 541; 21 580; 21 937; 22 491; 23 169; 23 166; 26 091; 26 661; 26 925; 28 950; 29 003; 29 906; 29 171; 40 781; 51 465; 54 112; 55 567; 56 513; 58 603; 59 301; 51 970; 53 208; 54 274; 56 519; 57 850; 60 827; 62 708; 63 860; 64 530; 67 535 e 69 861.	

PRÉMIOS AOS ALGARBIENSES FINAIS

18.000\$00 - 030; 245; 484; 565; 726; 739; 813 e 900.
15.000\$00 - 376, 606 e 741.
6.000\$00 - 16 e 19.
3.000\$00 - 1 (terminação)

PRÉMIOS DE 6.000\$00 (CENTENAS)

19 301 a 19 400; 67 701 a 67 800 e 72 601 a 72 700.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 05/05/82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 05/11/81



ler/escrever

Suplemento Literário

Michel Leiris e o sagrado das palavras

«**Q**UE a tinta trace arabescos vivos no teu sudário de papel branco!» Esta invocação, entre outras que dão início ao *Ruban au cou d'Olympia*, confia-a Michel Leiris ao leitor como se quisesse saudar, antes de mais, um dos seus predecessores, Marcel Proust. Escrever é ter em conta o mutismo, tecer uma tela, velas soltas, fogo, janelas, brasa, nó, damasco e cristais. Viver é deslizar do «caos milagroso da infância para a ordem feroz da virilidade», ir portanto, seguido os meandros de uma inesperada sùmula autobiográfica, desde «*Age d'homme* aos quatro tomos da *Regle du Jeu*, até este *Ruban*, último festão, «festival de inverno».

Leiris retoma aqui vários dos seus «processos»: construção disseminada, a de *Frère Bruit*, aparição de uma figura pintada, a Olympia de Manet, depois, em *l'Age d'homme*, a Lucrécia e a Judith, por Cranach, recursos a «interpretações», consequências de analogias entre a vida e a arte. Um simples frase faz desfilar uma fila de «espectros»: Hamlet, Don Juan, Figaro, Rigoletto, o Aiglon, Salomé. Um refrão, «envolto num cetim de melancolia», e toda a sua infância regressa. Um trocadilho «le Dogon en gondole», junta as *Impressions* de Roussel à *Afrique fantôme*.

«Enquanto a morte não se apossar de mim, ela é, em suma, uma ideia que não se deve afastar mas sim domesticar». Como desafio, Leiris não deixou de marcar, nos seus livros, a passagem do sombrio pássaro da morte. Não falhou nenhuma das suas aparições: pompas de funerais africanos, assassinio, chifre de touro, decapitação ou suicídio. Tal como Caillou e Bataille, seus cúmplices do Colégio de Sociologia, arriscou-se sempre a possuir simplesmente, contra esse pássaro, talismãs que são palavras, palavras essas que têm em si o estremecimento dos acasalamientos e das lentas agonias. «Passado em ruínas, presente em destroços, futuro em migalhas». Ele não hesita em inscrever esse vazio em que inevitavelmente o precipitam as suas falhas de memória, as suas «cortinas» e as suas preocupações.

No fim do *Ruban au cou d'Olympia*, cinco páginas de litánias mostram de modo pungente, o que «essa estranha alquimia» de escrever, de dar voltas e voltas na própria tinta, tem de irrisório. Mas quem, depois de Montaigne, embora medindo os limites das acções humanas, as boas intenções sempre nefastas, soube criar com tanta força o seu ódio aos «monstros», ontem «vitórias mecânicas», hoje «racismos», «fascismos de toda a espécie», «ignominias»? Como arma, por bandeira, Leiris só tem a fita pintada por Manet, «pobre fio de teia de aranha», «raminho modesto» que une os frágeis momentos tirados ao esquecimento, inscritos na carne das palavras. Ela escapa ao envelhecimento.

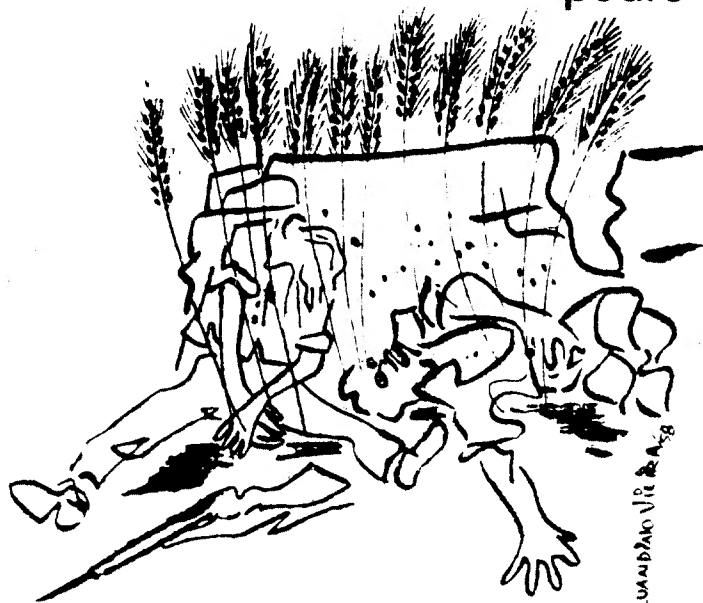
Uma conferência, «o sagrado na vida quotidiana», pronunciada no dia 8 de Janeiro de 1938, dispersou os seus estilhaços em *Biffures, fourbis et fibrilles*. Ela ainda dá algumas chaves para ver o que se joga ou não nesta compilação testamentária. A

Continua na pág. 3



LUANDINO: SETE DIAS ESCRITOR

—pedro alvim—



Por alguns poucos dias («Quase os não pude contar pelos dedos de uma só mão...») esteve por Lisboa o escritor angolano Luandino Vieira. Trouxe-o até nós o acordo de cooperação cinematográfica entre Angola e Portugal. Em negociação há cerca de dois anos, o acordo deverá ser assinado em 1982 — e Luandino, presidente do Instituto Angolano de Cinema (IAC), mostra-se animado quanto a um futuro intercâmbio cinematográfico entre os dois países. Outra razão, no entanto, fê-lo vir de Luanda a Lisboa: o lançamento do seu último livro, «Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & Eu», publicado por Edições 70 à semelhança de outros títulos do autor de «Luanda». Com o tempo todo preenchido, e solicitado por quase todos os órgãos de comunicação social, Luandino, a poucas horas de partir para Luanda, concedeu ao «DL ler/escrever» a entrevista que se segue. Ou melhor: conversou entre duas chávenas de café. Eis, pois, a voz de Luandino...

Segunda: professora vida

«**V**EM entre-
vistar-me,
não é...?
Pois...
Vem entre-
vistar-me como escritor. Mas
diga-me: o que é um escritor en-
trevistado...? Certamente um
homem que vai repetir-se... Já
dei tanta, tanta entrevista...
Não posso ser novo todos os
dias. Não posso ser uma novi-
dade permanente. Sou o que sou
— e as modificações são muito
lentas. Demoradas... E pesam
como chumbo, como pedras! Acredite: às tantas, numa certa
altura da vida, uma pessoa já

não sabe o que dizer quando é
entrevistada... Claro, claro...
Para facilitar, aí está você a pedir
que fale do meu último livro...
Aqui o tem, com autógrafo e
tudo... Lourentinho... Três
histórias que são o rascunho de
uma parte da minha vida. Aliás,
isso vem na contracapa... São
escritos que vêm do tempo do
Tarrafal... Ai dos anos de 71 e
72... São exercícios de apren-
dizagem do meu ofício: escritor.
Não são obra acabada... E
ainda bem: acabar é morrer.
Assim vão eles, pois, ditados por
uma professora implacável: a
vida. A minha vida. A vida dos
outros. Em certa medida, a vida
de todos nós... Através da es-
crita e não só... Pergunta-me
você quando comecei a escre-
ver...? Há uns vinte, vinte e um

anos... Tudo começa sempre
muito simplesmente. No princi-
pio é o ovo, e depois é o que sai
do ovo, etc. e tal... Preto no
branco, comecei a escrever num
jornal do meu bairro. Manuscrito.
Aí ainda não era escritor... Ia
talvez pelos meus 13 anos. In-
fluenciado por escritores portu-
gueses e brasileiros... Olhava à
minha volta, isto e aquilo, e que-
ria escrever o que via à minha
volta... E porquê...? Já uma
vez o disse: escrevo para ex-
pressar o que penso e sinto da
realidade. E também: para co-
nhecer melhor essa mesma rea-
lidade. Se me sinto cansado...? Não. Assumi a vida de certa ma-
neira, sempre a tive como pro-
fessora, segui-lhe quase sempre
os seus conselhos... Quase
sempre, pois, que nem sem-

pre... Que a vida muitas vezes é
uma professora um pouco
torta... Um tanto cúmplice do
que está mal, do que não é justo,
do que é uma autêntica vergo-
nha... Daí, clero, uma bofeta-
das, umas surras, uns pontá-
pés... Mas valeu a pena: hoje
sou escritor — e tenho de escre-
ver. Tenho de escrever pelos
sete dias da semana, ora no pa-
pel, ora cá muito dentro de
mim... Como quem regista para
passar a limpo. É isso — e mais
nada...

Terça: outros continuam

«Mas, se me permite, e pelo
menos por enquanto, não me

Continua na pág. 4

Duas novas escritoras italianas

Luce d'Eramo e Lalla Romano publicaram no passado mês de Outubro duas novelas que a crítica italiana recebeu como «os trabalhos mais estimulantes da actual temporada literária». Enquanto d'Eramo oferece ao público a sua segunda novela, Romano produziu ao longo de uma frutuosa vida de escritora muitas obras consideradas como «uma proposta interessante de narrativa de sentimentos, afastada, no entanto, dos vícios do sentimentalismo». Esta é a forma como o crítico literário Vittorio Spinazzola classifica a obra da escritora.

«Núcleo zero», o relato austero e quase fenomenológico da vida interna de um grupo terrorista, é a obra de Luce d'Eramo (330 páginas, Mondadori); e «Inseparáveis» (175 páginas, Einaudi) é a novela apresentada este ano por Lalla Romano.

A aparição destes trabalhos é recente, tanto que ainda não são encontradas nas inevitáveis listas de «best sellers», nas quais figura em primeiro lugar a obra narrativa do semiólogo Umberto Eco, «O nome da rosa», que, editada em Outubro de 1980, já ultrapassou os 200 mil exemplares.

Em Itália, como em quase todo o mundo, não são muitos os casos de êxito que correspondem a méritos reais da obra como acontece com a primeira novela de Eco. Tão-pouco são tão escassos para os considerar «excepcionais», comprovatórias de uma lei terrível, lei que supusesse o êxito maciço apenas para realizações de pouca qualidade literária.

Com efeito, a primeira novela de Luce d'Eramo, «Desvio», foi um rotundo êxito de venda e de crítica. O relato, autobiográfico, resume a sua comovedora experiência de adolescente vítima da guerra, prisioneira num dos campos de extermínio nazis de onde consegue fugir, e a sua luta antifascista — e tudo isto relatado com uma certa distanciação, sem sobrecarga de tons emotivos, sem autocompaixão nem inúteis actos de rebeldia.

Enquanto na primeira novela conta a sua experiência directa do terrorismo de Estado, na segunda observa, de fora mas com idêntica lucidez, o outro terrorismo, isto é, «a violência de base cuja vinculação a ideias mais ou menos claras não afasta da inicial barbárie» implícita em toda a atitude mera e sectorialmente violenta.

«Inseparáveis» desenha outro rosto do inquietante drama que se vive num núcleo familiar, no qual se reconhecem os patéticos pontos de desencontro entre pais e filhos, depois de Maio de 68, quando a rebelião da juventude encontrou imaginativos e inéditos modos de expressão. O pós-Maio 68 e as suas lacerações são registados de maneira comovedora na prosa sempre clara de Lalla Romano.

Estas duas autoras, que já deixaram a juventude para trás, oferecem experiências vividas e actuais que dão um novo rosto à produção literária do ano corrente, que parecia destinada a ser afogada por discretas novelas, relatos autobiográficos e teses estilistas de discutível valor.

Pode dizer-se, em suma, que d'Eramo e Romano recuperam para a novela uma vitalidade sedutora e terrível, podendo reconhecer-se em ambas a mão segura de escritores deste tempo atraente e convulsionado.



Exposições de Miró em Milão

Julia Maciel

Inauguraram-se há dias em sete salas de Milão — quatro em edifícios públicos e três em galerias privadas — uma exposição múltipla do pintor catalão Joan Miró. O artista espanhol desenhou pessoalmente o cartaz publicitário que anuncia a realização desta mostra sem precedentes.

Neste itinerário «dialético e diversificado», segundo comenta Claudia Gian Ferrari, conhecida crítica de arte, oferece-se um panorama «quase completo da obra do mestre». As exposições estarão abertas até ao próximo dia 6 de Dezembro.

No castelo Sforzesco, sala de «la balla», expõem-se 40 desenhos realizados entre 1924 e 1980. Na sala da «Rotonda» exhibe-se uma selecção da ampla produção gráfica de Miró. O Palácio do Senado, que pela primeira vez é utilizado para exposições, abrigará as grandes esculturas. Aqui apresentar-se-á também uma série de películas sobre a vida e obra do artista. Finalmente, na sala do Palácio Dugnani poderão ver-se esculturas médias e pequenas.

As galerias privadas nas quais também serão expostas obras de Joan Miró são: a galeria de Naviglio, onde serão expostas cerâmicas; a galeria del Milione, onde estão expostos desenhos e águas-fortes, e o estúdio Marconi, que exhibe tapetes e trabalhos realizados para o teatro.

Na última edição da bienal de Veneza (1981), foi possível admirar um «ballet» inspirado nas pastas de esboços e desenhos teatrais do grande artista. O espectáculo intitulado «Balmiró» teve um extraordinário êxito tanto da crítica como do público. Para a realização deste espectáculo colaboraram o músico Silvano Bussotti, o coreógrafo Joseph Russillo, o corpo de baile do Teatro de Florença, o espaço permanente do teatro «La Fenice» de Veneza, amigos italianos, catalães e franceses.

Este trabalho de conjunto possibilitou o regresso de Miró ao mundo da dança, ao qual também se adequam as formas criadas pelo artista depois de uma longínqua experiência deste, que em 1932, colaborou com Leonide Massine em «Jogos de Crianças».

Miró, sustenta Mario Pasi, estudioso de arte moderna dos mais conhecidos em Itália, «conseguiu com o seu 'Bal Miró' um triunfo da cor, do simbolismo. Um modernismo que pode desafiar o

Esta série de exposições houve que trabalhar em equipa, numa organização dos conselheiros culturais da municipalidade de Milão.

Para demonstrar o seu apreço pela iniciativa o velho pintor, que tem a fazer 90 anos e reside em Palma de Maiorca, executou o cartaz publicitário, uma criação «digna do mestre» na qual juntam «com harmonia feliz», segundo o assessor de cultura municipal Guido Aghina, o 'M' de Miró com o 'M' de Milão. ●

Viagem ao fundo de

Uma notável edição crítica de «Voyage au bout de la nuit» e de «Mort à crédit», o fim de uma biografia a que falta o centro, um ensaio que se liga à questão principal levantada por Céline: «como escrever tão bem e pensar tão mal», ilustram perfeitamente a situação única deste escritor de hoje.

A sua concomitância, a diversidade dos seus pontos de vista, provam antes de mais o interesse que suscita. Os estudos, os documentos sobre a obra e sobre o homem não param de se multiplicar: dois «cahiers de l'Herne», a criação dos «Cahiers Céline» na Gallimard, que conta já seis volumes, testemunhos de amigos, finalmente, essa presença insistente na Biblioteca da «Pléiade» onde, uma vez esgotada a edição de dois primeiros romances em 1962, não se contentaram com reimprimi-la, refazem-na inteiramente, com um aparelho crítico duma riqueza exemplar. Céline é verdadeiramente tratado como um mestre do século XX, como Proust.

Ora trata-se de um mestre, que o seu anti-semitismo, a sua conduta sob a ocupação, a sua fuga para a Alemanha após o desembarque, a sua condenação por colaboracionismo, em 1950, carregam de opróbrio. O embaraço vem daí, o que coloca a obra numa condição singular, visto que para além da importância que lhe é conferida, é amputada. Os panfletos de Céline, «Bagatelles pour un massacre» (1937), «L'école des cadavres» (1938), «Les beaux Draps» (1941), todos reeditados em 1943, são actualmente inacessíveis.

Acontece, além disso, que a importante biografia realizada por François Gibault, cujo primeiro volume, aparecido em 1977, abarcava do nascimento à publicação de «Voyage au bout de la nuit» (1894-1932), salta também sobre os anos agitados e apenas nos dá hoje a narrativa da expiação, nos anos 1944-1961. Na vida como na obra, o mesmo lapso se abre perante nós. Ora é sobre esse lapso que cada vez mais nos interrogamos.

Um escritor que enfrenta os maiores riscos

A comparação das duas edições de «Voyage au bout de la nuit» (Viagem ao fundo da noite) e de «Mort à crédit» (Morte a crédito) na Pléiade, é reveladora da evolução dos espíritos em relação a Céline. Em 1962, surgiu um prefácio de Henri Mondor que resvala para o que é pudicamente chamado os seus «ferros». Em 1981, um prefácio de Henri Godard, cujas primeiras palavras são «escândalo» e «enigma»: não se evita, portanto, o problema mesmo quando o comentário, vinculando-se à linguagem, aos processos de narração, à transposição do real pela imaginação, ao que é próprio da visão celiniana, perscruta em primeiro lugar os recursos de uma arte.

Henri Godard apresentara já na «Pléiade», em 1974, a trilogia alemã: «Diun château l'autre», «Nord», «Rigodon». As suas notícias — uma palavra bem modesta para designar o que nos trazia de cada um dos romances dele — incidiam na génese, nos elementos biográficos que entram na elaboração desses romances, reproduziam o que o próprio Céline dissera deles, descreviam o acolhimento sempre agitado que os acolheu.

Aqui se nova a questão dos primeiros romances. E trabalha já, no tomo III, em «Casse-Pipe», «Guignol's Band» e «Féerie pour une autre fois». Assim se constitui, à medida que avança a edição crítica, uma apaixonante história, interior e exterior, da criação celiniana intimamente ligada à vida do autor e às convulsões do tempo.

Essa criação, como essa vida, Henri Godard vê-a sob o signo do mais alto risco. Céline, diz ele, tem constantemente necessidade de se abeirar dos abismos. O primeiro que ele desafia tem a ver com a invenção do seu estilo. Introduzindo na literatura uma «linguagem oral popular» com os seus termos de calão, as suas palavras inventadas, as suas frases verbais ou deslocadas, as suas construções que se afastam da ordem lógica, ele arriscava-se a destruir a comunicação. Pelo contrário, ele

obtém uma convivência aumentada, do seu leitor, ao qual impõe a sua presença. E as passagens obscuras da sua obra contam-se pelos dedos.

Detesta a morte e, contudo, instala-a no cerne do seu universo como se não pudesse passar sem a sua ameaça, para a vencer num riso libertador. Henri Godard insiste no cómico celiniano. Pelo seu exagero e a sua desmedida, o texto convidaria a que ninguém nunca o tomasse a sério. O drama está em que a história se encarregou de realizar as suas profecias burlescas.

Pode-se, é evidente, separar radicalmente os romances dos panfletos. E isso é perfeitamente justo porque os traços de racismo patentes nos romances, sobretudo os do princípio, são bastante raros e a língua efervescente em que estão escritos não convém ao discurso ideológico. Henri Godard recusa essa fuga. Prefere deixar sem solução o enigma posto por esta obra que, contudo, hoje já não se pode admirar, diz ele, sem má consciência.

«Como pode parecer tão forte e dar tanto prazer àqueles dos seus leitores (que são a maioria, assim o esperamos), que mais se opõem às ideias e às paixões de Céline?»

Ao detectar o que a modernidade deve à criação celiniana, ele sublinha o feliz equilíbrio que o escritor soube manter entre «os prestígios tradicionais do romance: figuras, circunstâncias, peripécias e o puro prazer das palavras». Donde, a atenção que dá à riqueza da experiência vivida por Céline e ao quadro que pintou da sua época.

O erro de querer curar

Este papel de «cronista» que Henri Godard vê crescer, dos primeiros aos últimos romances, é recusado por Philippe Muray. O seu ensaio situa Céline no lado da mística, da vidência, da profecia bíblica. É uma aposta como qualquer outra, mas o combate travado confere ao escritor uma dimensão cada vez maior, à medida, em todo o caso, do escândalo que provoca. É mesmo no escândalo do racismo celiniano que se instala Philippe Muray ao propor uma curiosa so-

lução do enigma. Este reflecte as teorias de «Tel quel», segundo as quais só há literatura no século vinte quando ela se debruça sobre o horror inerente ao ser, à guerra como princípio, fundamento, origem da criação.

Com tais premissas, Céline, cujos romances são inteiramente consagrados aos dois conflitos mundiais do nosso tempo, para quem até a paz não passa duma forma mascarada da guerra, que só pinta o que lhe repugna ou lhe faz medo, torna-se o escritor maior do século vinte e dos seus assassinios. Romancista, mas ainda mais, poeta, ele instalou-se na negação absoluta. E, depois, para sua infelicidade, tentou sair dela, assumindo-se o culpado que sabemos.

Engenhosamente, Philippe Muray demonstra que os panfletos anti-semitas (escritos muito rapidamente, enquanto os romances exigiram uma lenta maturação), contêm todo o positivo do pensamento celiniano. É ao procurar remédios para o mal metafísico que este arauto do horror teria cometido os seus crimes.

Esta tese, ou antes esta hipótese, é defendida pelo escritor com todo o brilho nesse livro muito literário a que a sua própria visão pessimista dá alento e lirismo.

Os anos de expiação

Depois deste livro brilhante, a biografia de François Gibault faz-nos voltar a cair ao nível da realidade que continua, aliás, sombria. Mas, pelo menos, ela dá-nos elementos seguros sobre este homem que, ao fazer da sua vida a matéria da sua obra, transpondo-a no entanto, por efeito dos seus ódios, das suas desconfianças e da sua imaginação, está rodeado de lendas.

Por que razão o volume III desta paciente investigação foi publicado antes do segundo? Simplesmente François Gibault, advogado e amigo de Lucette Destouches, mulher de Céline, sentiu-se melhor equipado agora para contar os dezassete últimos anos desta vida, em que a companheira deste escritor não o deixou, do que o período anterior, cujo relato ele nos pro-

mete para 1982. Não existe nem malícia nem prudência nesta publicação um tanto surpreendente.

Este terceiro volume acompanya Céline desde o desembarque dos aliados, a 6 de Junho de 1944, até à sua morte. Esses anos em que escreveu «Féerie pour une autre fois», «D'un château l'autre», «Nord», «Rigodon», com o que justifica Philippe Muray a sua ideia duma tetralogia sobre a Segunda Guerra mundial e não a trilogia habitual, foram os da expiação.

Que se sabe ainda da partida para Baden-Baden, que só as relações alemãs tornaram possível, a 17 de Junho, de Céline, de Lucette, do gato Bébert e do manuscrito de «Guignol's Band II?».

Do acolhimento, antes do mais, luxuoso, que lhes foi reservado? Depois, da degradação



Das recordações pitorescas das por Carlo Rim em «Le 1981, 336 páginas), reproduz

«Um nariz de narinas dilatadas de uma testa lavrada de rugas anoras), de órbitas profundas ora sonhador ora trocista, que Longos cabelos, esparsos, a quais ele passa nervosamente áspera, de ritmo febril, precisa chegar vivo ao fim das suas fra vulcânico, que tinge de púrpur Subitamente, os seus traços bressaltos dolorosos. Há uma primeira vista fechado, azedo, com uma afabilidade atenciosa juvenil. Bardamu, o herói fulminado da «Viagem».

Céline

Jacqueline Piatier

das suas condições de vida, Céline pensando só em alcançar a Dinamarca, onde tinha depositado ouro, procurando aproximar-se da fronteira, indo parar, com os seus, à penitenciária de Kraenzlin, a «Zornhof» descrita em «Nord» e, finalmente, recuando até Sigmaringen, onde se torna médico da colónia francesa? Ai passará seis meses apenas, um semestre que ele ressuscitará muito tempo depois em «D'un Château l'autre».

A 22 de Março de 1945 começa a escapada que o levará à Dinamarca e que narrará em «Rigodon» como uma deambulação de três semanas através de uma Alemanha bombardeada. De facto, Céline, Lucette, Bébert e o manuscrito de «Guignol's Band» apenas levaram quatro dias para chegar à fronteira dinamarquesa, que atravessaram facilmente, na com-

panhia, até Flensburg, de um enfermeiro de Sigmaringen que o dr. Gibault encontrou. É uma das principais lendas, confirmada até por Henri Godard no seu II volume da «Plepiade», que estraga essa biografia.

A Dinamarca não foi para Céline o porto com que ele contava mas salvou-lhe provavelmente a vida e, o que quer que tenha dito na sua ingratidão, o escritor encontrou lá ajudas e protecções generosas. É certo que as autoridades dinamarquesas o prenderam em Copenhaga onde ele estava escondido no apartamento de uma amiga, a 17 de Dezembro de 1945, e impuseram-lhe dezoito meses de internamento penoso, mas não deram seguimento ao pedido de extradição formulado pelo governo francês. Quando Céline foi julgado em Paris, por contumácia, a 21 de Fevereiro de 1950, as paixões tinham acalmado. Segundo o dr. Gibault, que como advogado segue em pormenor o processo, ele safou-se bem com um ano de prisão, a indignidade nacional, 50 000 francos de multa e a apreensão de 50 por cento dos seus bens adquiridos e por adquirir. É verdade que o dossier da acusação não estava muito sobrecarregado.

Céline era mais culpado por palavras que por actos.

Esperou ser amnistiado para voltar a França a 1 de Julho de 1951. Foi com o pagamento adiantado pela Galimard pela reedição da sua obra, que comprou o pavilhão de Mendon, onde se instalou. Ai viveu até à morte, rápida, de congestão cerebral, a 1 de Julho de 1961. Já não prisioneiro sobre palavra, como na casinha de Korsor nas margens do Báltico, mas prisioneiro voluntário da sua amargura e da obra que lhe restava fazer. Restabelecido a partir da publicação de «Un chateau l'autre» em 1957, na sua reputação de grande escritor.

O dr. Gibault, ao apresentar estes factos com minúcia, rodou grande número de cartas de Céline ainda inéditas. Algumas são espantosas, nomeadamente aquelas que enviou durante o seu processo, num momento gravíssimo para ele, ao juiz Charasse e ao ministro da Justiça de então, René Mayer. Na liberdade, na insolência, nas invectivas dessas cartas, é ele que encontramos.

Em relação a Céline exige-se hoje que se segure as duas pontas do fio: os romances que cada vez são mais admirados e os panfletos indefensáveis. Pois bem, mas há uma outra ponta que tem de ser também tomada em consideração: o real, expurgado do imaginário. E é isso que nos oferece esta biografia sem paixão, mas humana e verdadeira.

— Céline, romances, tomo I: «Voyage au bout de la nuit», «Mort à crédit». Edição apresentada, organizada e anotada por Henri Godard. Gallimard. Bibliothèque de la Pléiade, 1582 páginas. Cerca de 530 francos.

— Céline, de Philippe Muray. Le Seuil. Collect. «Tel quel», 237 páginas. Cerca de 70 francos.

— Céline, romances, tomo III: «Cavalière l'apocalypse», de François Gibault. Mercure de France, 396 páginas. Cerca de 99 francos.

UM POEMA INÉDITO

de José Emílio-Nelson

«ABSORÇÃO DA LUZ»

Plana a ave, a coisa morta
Que parece ser!, agora é mais do céu.
Oculta plumas na nuvem alta.
No mar a luz que consumiu o véu.

Que ave muda e obscura
Narcisa adeja o desenlace.
Fera ou mansa bate a asa rara
E na água emerge e emudece.

Dói vê-la cativa.
Que a morte a liberte da brancura.
Se espelha, agita, cresce ativa
No enlevo sinuoso da amargura.

João Carlos - Nelson



AS LETRAS EM DIA • AS LETRAS EM DIA

A GALIZA tem a sua própria história, e pode-se dizer que é a história duma nacionalidade que em parte se desconhece efeito de séculos de repressão centralista, muito graves mas não irremediáveis, como parece demonstrá-lo a realidade cultural actual. Apenas um pormenor respeitante a esta realidade: as recentes publicações de duas «Histórias da Galiza». Uma foi escrita Xosé R. Barreiro Fernandez, Francisco Carballo Carballo, Anselmo Lopez Carreira, e Felipe-Sémen Lopez, e editada num só volume pela Frente Cultural da AN-PG (Assembleia Nacional Popular Galega, Apartado 496, Santiago). Salu em 79, esgotou-se depressa depressa, foi há pouco reeditada. Outra «História da Galiza» é uma iniciativa editorial da Galáxia, de Vigo, está programada para quatro volumes, e acaba de sair o quarto, ainda antes dos três que deveriam precedê-lo. Trata da «Edade Contemporânea» e é da autoria de X. R. Barreiro Fernandez (o mesmo que escrevera a «História» da AN-PG). Assinale-se, a título de curiosidade, que o autor teve problemas com as autoridades, na altura. Deu escândalo e agora talvez já não se repita. Em tempo: os livros da Galáxia vendem-se na Sá da Costa. Os da AN-PG aparecem por cá, de vez em quando.

O ESCRITOR AÇORIANO MANUEL FERREIRA (não confundir com o Manuel Ferreira relacionado com Cabo Verde) acaba de publicar, na Galvota, da SREC, de Angra do Heroísmo, o seu segundo livro: «O Morro e o Gigante», contos.

O primeiro titulava-se «O Barco e o Sonho», contos açorianos, é de há dois anos e anda por aí, pelas livrarias, numa despercebida edição de autor. Nem no primeiro vinha, nem vem neste — qualquer indicação sobre o autor, de quem se trata. Socorremo-nos aqui duma indicação de João de Melo na «Antologia do Conto Açoriano», publicado há dois anos pela Vega. Dela consta que Manuel Ferreira é natural de Ponta Delgada, onde nasceu em 1916. Foi jornalista de profissão na imprensa insular, publicou avulsamente. O seu nome prende-se historicamente à revista «Açória», juntamente com os de Jacinto Soares de Albergaria, Rui Galvão de Carvalho, Carreiro da Costa, Dias de Melo. João de Melo, a propósito da escrita de Manuel Ferreira fala de «um narrador vigoroso, dono dum discurso cuidado e incisivo». O autor vive em S. Miguel.

ÁFRICA NEGRA — Dando seguimento à sua Enciclopédia do Mundo Actual, que reúne já 23 volumes em formato de bolso, «Publicações Dom Quixote» acabam de editar A África Negra, livro que, como os anteriores da colecção, se apresenta sob a forma de dicionário, permitindo assim uma consulta rápida e eficiente sobre qualquer tema daquele que é, ao mesmo tempo, o mais velho e o mais jovem dos continentes. Os Estados, os grandes acontecimentos, as principais personalidades, a vida política e económica, o desenvolvimento cultural e científico: de tudo se fala em África Negra. Documentação fotográfica, índice remissivo e uma bibliografia comentada completam este guia.

O HERÓI CHEGADO DA GUERRA, de Virgílio Martinho, editado pela Caminho, é um conjunto de peças de teatro, todas sobre temas da Revolução dos Cravos: Reforma Agrária, o direito à greve, a denúncia da vida do emigrante, etc. Mas a peça de fundo é a que dá o título ao livro, e nela se desmontam os cordelinhos da guerra colonial, os interesses que mantiveram o conflito, as hipocrisias, a cumplicidade de certos sectores da sociedade. No conjunto, são peças que servem a generalidade de uma opção política, e também,

por parte do autor, uma oferta aos pequenos grupos de teatro, de bairro, quer se situem nas grandes cidades, quer no interior das nossas províncias.

REVISTA COLÓQUIO-LETRAS — Em edição da Fundação Guibenkian, acaba de ser distribuído o n.º 63 da Revista Colóquio/Letras, correspondente ao mês de Setembro último.

Insere uma vasta gama de colaboradores, tem um alargado sumário dividido pelas secções de Ensaio, Documentos, Ficção, Poesia, Notas e Comentários, Livros sobre a Mesa e Recensões críticas, que abrangem a Literatura Portuguesa, Literatura Angolana, Literatura Brasileira e Literatura Galega e, finalmente, Letras em Trânsito e Revista das Revistas. De destacar o artigo de Virgílio Ferreira sobre «Ansiedade/Angústia e a cultura moderna» (texto não integral de uma sua Comunicação ao 1.º Simposium Internacional sobre a Ansiedade, realizado no Porto em Maio de 1979); um estudo de Margarida Vieira Mendes sobre «A Tragédia da Rua das Flores»: variações sobre alguns temas queirosianos, etc.



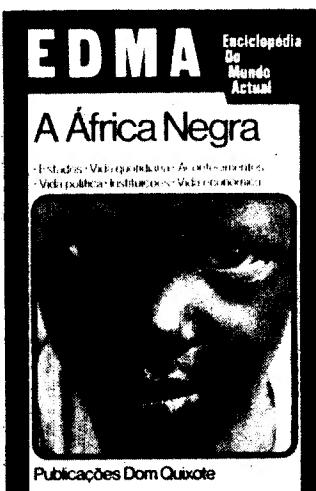
Michel Leiris

Continuação da pág. 1

partir de instantes insólitos, de «declics» sobrenaturais, luminosos, entre os espaços negros da sua existência, esquecimentos e silêncios, Leiris deixa escorrer as palavras e rolar as letras. Dessa carambola dirigida surge progressivamente uma evidência: no centro de um mundo sem Deus, e sujo, o sagrado tem um lugar para viver, ou sobreviver, a inescável cadeia das palavras.

Com o rápido descalabro das ideologias, e o desespero que o acompanha, a heróica empresa de Leiris, seguida por um punhado de convictos, resiste magnificamente. E porque, ao fim e ao cabo só a qualidade importa, ela ganha em grandeza. Devemos olhá-la com gratidão, humildade, esperança e surpresa, de tal modo ela fica perto de nós, e tão humana. Aqueles que desesperam de um dia poder sair da sua vida quotidiana, cinzenta é triste, onde tremem de frio, devem pegar nessa «fita da cor da noite», esse fio de Ariana, tão sólido, que lhes dá o antegosto de uma libertação segura.

Raphael Sorin



scas dos anos 1916-1940, evoca-
Le manteau d'Arlequin», «Denoël
duzimos este retrato de Céline.

atadas, sensual, tortuoso, por baixo
rugas precoces (conta trinta e oito
s onde brilha um olhar deslavado,
s, que poisa em nós sem nos ver,
s, a atirar para o castanho, pelos
mente os dedos abertos. Uma voz
recipitado, como se temesse não
s frases. Um riso largo e sanguíneo,
pura as faces baças de hepático.
os crispam-se, endurecem em so-
ma curiosa assimetria neste rosto à
cede, e que de repente se ilumina
nciosa, uma espécie de frescura
fulminante, cínico, cândido e ingé-

LUANDINO: SETE DIAS ESCRITOR

Continuação da pág. 1

obrigue a falar só de mim... Por que não me interroga sobre outros escritores de Angola...? É que não existo só eu... Pronto, muito bem... Pepetela! Certo... É um prémio nacional de literatura... Pepetela, para mim, é o homem que se entrega à reconstrução da terra natal (vice-ministro da Educação, não sei se sabe...?) e também o escritor que se entrega ao papel com intuitos de renovação. Não com folclores, mas com verdades... E aglutina reconstrução e renovação. A pátria e o livro num só acto. Sabe andar no tempo: um tempo para isto, um tempo para aquilo. Muito difícil, acredite... Porque Angola é um país em reconstrução, exige muito de nós, e os próprios escritores não se podem divorciar de muitas e certas tarefas... Mas também devem escrever, pois que assim também ajudam a essa reconstrução. Pepetela é um exemplo... O romance «Mayombe», que lhe valeu o mais alto prémio literário angolano, ficará como um marco da nossa literatura. E porquê...? Porque pela primeira vez aparece na literatura angolana a primeira luta de libertação, isto é, a guerra de guerrilhas. E mais: enfrentam-se, nesse romance, alguns dos problemas que ainda hoje são preocupação prioritária da nossa pátria. Que problemas...? Sobre tudo o problema da unidade

laivos satíricos. E outros que conseguem tempo e espaço para continuar o trabalho literário... Admiro-os, sabe...? Vamos ser francos: pessoalmente, como sou indisciplinado e preguiçoso não consigo fazer trabalho literário enquanto estou com outras tarefas... Há uma realidade, porém, que tenho de aceitar — e que é toda uma novíssima geração de escritores, que designamos por Brigada Jovem da Literatura, que reunindo-se, discutindo, trocando impressões, vão escrevendo poesia, pequenos ensaios, contos, narrativas... Esses é que são os futuros escritores da pátria angolana. Não vale só apostar no meu nome, não vale só apos-

blemas. Ou pelo menos devia ser assim... Assentemos numa coisa: eu não escrevo essencialmente para o povo português, eu escrevo essencialmente para o povo angolano... Não que eu me separe do povo português ou de outros povos, mas a verdade é que o povo angolano é que tem de ser o meu leitor. É quase um imperativo ético... Embora nascido em Portugal, na Lagoa do Furadouro, fui para Angola com um ano e poucos meses. Lá me criei, lá estudei com um professor negro, lá sofri perseguições. Angola, pois, é a minha pátria... E tão minha pátria que por essa pátria fui preso por actividades anticolonialistas. Cadeias de

a Língua de Angola tal qual ela é... Ou melhor dizendo: agarrar o português com todas as modificações que gerações e gerações de angolanos lhe foram introduzindo. Só assim é que no meu ofício de escritor me poderia servir de uma língua viva... Para tal, não poderia também menosprezar o quimbundo. Daí, pois, certas construções literárias minhas reflectirem parcelas da gramática quimbunda. Não se trata, não, de um caso de erudição da minha parte... É que o povo angolano fala mesmo assim — e se os livros respeitam essas regras, os livros serão por esse povo facilmente compreendidos... Cada pátria, é sabido, tem as suas palavras. Por exemplo: não se pode imaginar um angolano de Luanda dizer a palavra «obscuridade». Essa palavra é substituída pela tradução literal de um vocábulo quimbundo que significa «palavra podre»... E se eu utilizar esta expressão, faço-me compreender pelo leitor angolano, que assim fala e constrói uma nova língua... Sou angolano, assim tenho de escrever. Fico cercado...? Penso que não. Só sendo cada vez mais angolano é que posso atingir o universal. Veja em quantas línguas não estão os meus livros traduzidos... Como escritor, penso que só abarcando a realidade total do meu país e da fala do meu país é que conseguirei dar ao mundo, em termos culturalmente particulares, essa mesma fala e essa mesma realidade. E de maneira que seja uma verdadeira mensagem universal...

dante situação a que me sujeitam... Diante do papel, escrevendo, ia-me refugiando na infância, lembrando-me do professor negro que me tinha ensinado as primeiras letras, dos musseques, da natureza... Ai está, a natureza: para os escritores africanos, angolanos ou não, a natureza é uma personagem, é uma ligação com o mundo, é todo um ambiente... Pela Europa, a natureza é uma nostalgia. E isso porque florestas inteiras foram destruídas ao longo do tempo, bosques massacrados, espaços verdes urbanizados... Mas em África, em Angola, a natureza existe — e era por essa natureza, tão ligada aos homens, que eu me refugiava quando no Tarrafal lembrava por escrito a infância, a adolescência, a juventude... Mas não era um refúgio gratuito, uma forma de me escapar ao Tarrafal. Não... As condições aí existentes também se foram reflectindo no que então ia escrevendo. E porque estava isolado (e comigo muitos outros) ia construindo as minhas histórias em torno de valores como o amor, a camaradagem, a amizade a liberdade, a justiça, a inteligência... lam-se as semanas, sete dias e mais sete dias, e eu afinal estava sempre escrevendo, embora muitas vezes nada escrevesse no papel, e me limitasse a escrever só dentro de mim... Para depois, repito, repito, passar a limpo. E agora ainda é assim que me conporto: escrevo (escrevendo e não escrevendo) pelos sete dias da semana...

vai-me perguntar o que sugeri, vai...? Pois então respondo: o povo angolano lê muito. Digo mesmo: tem uma grande sede de leitura. Quer números...? Olhe, os escritores angolanos são editados em cinco mil exemplares. Ficção, poesia, ensaio... Por vezes, uma edição esgota em três semanas. Foi o caso, por exemplo, do romance de Pepetela. Quando tal sucede, quando uma edição se esgota assim, o livro sai em formato de livro de bolso. Sabe qual a tiragem...? Vinte mil exemplares. Sabe qual o preço...? O preço de um maço de cigarros. É isso... Um outro número revelador: só no ano de 79, só nesse ano, a União dos Escritores Angolanos produziu cerca de meio milhão de livros... Há muito analfabetismo, que está a ser combatido em todo o país, e quando ele desaparecer as tiragens aumentarão. De momento, temos de dar prioridade à importação do livro técnico, didáctico, pedagógico — e só depois importar em grande quantidade literatura estrangeira. A literatura portuguesa não pode faltar... Só que há outras prioridades por enquanto a satisfazer. Temos de restringir as despesas, visto que a defesa e a segurança do território nos levam a maioria dos nossos recursos... Assim, pois, quanto à importação do livro, interessa-nos importar o livro de ensino, o livro técnico — e também o livro infantil. Ah, sim, às crianças angolanas não podem faltar os livros... Nesse campo do livro infantil, Maria Eugénia Neto (uma das nossas mais notáveis escritoras) tem vindo a desempenhar um papel de grande importância. Não é um lugar comum: as crianças e os jovens são mesmo o futuro de Angola...



«Família» (Abril de 63, Lisboa, in «Mensagem»)

Quinta: dentro de mim

«Oh, as condições de trabalho de um escritor! É sempre uma das perguntas clássicas numa

Sexta: violência

«Um café...? Tomo também um... E uma pequena pausa, pode ser...? Não, é melhor continuar... Ora então perguntou-me (também é uma pergunta clássica...) que planos literários tenho para os tempos mais próximos... Tenho é material, sabe, mesmo muito material... Mas nada está ainda esquematizado. Até porque tenho outras tarefas em Angola... Para ser honesto, posso dizer que, de momento, estou na fase dos apontamentos. E isso é também escrever... É o amadurecer de um plano, de uma ideia, de uma história. De um livro, enfim... Que livro...? Que obra...? Há muito tempo que anda já dentro de mim... trata-se de um romance, de um romance muito extenso... Um romance de amor... Só...? Não. Nesse romance vou meditar sobre a violência. É isso: violência. Vou analisar nessa obra a violência na sua forma social, na sua forma revolucionária, na sua forma individual... Esta é a mais difícil, porque é precisamente aquela violência que leva a que nos libertemos de certas coisas. Somando todas essas formas de violência, penso dar ao leitor o acto que leva à libertação de um país, não só como um ponto geográfico, mas também como um aglomerado de homens. Está dentro de mim, mas penso que vai demorar... Para já, vou publicando e corrigindo obras que fui escrevendo ao longo dos anos. E gosto, porque é um encontro comigo próprio. Fico-me a olhar para livros antigos meus, assim com sorriso, e digo para mim: «Olha, lá vem aquele...» Enfim, uma certa emoção...

Domingo: todo um povo

«Bem, tenho de apanhar dentro de horas o avião para Luanda, estou um tanto fatigado, e pergunta-me agora você qual a tarefa do escritor na actual fase da revolução angolana... Vai mais um café...? Pois na minha opinião, e na opinião de muitos outros camaradas, escritores e não só, a principal tarefa de quem escreve continua a ser a de ir até ao fundo da temática nacional. Ou nacionalista, como queira... Isto é: entendo que o escritor deve buscar nas fontes da literatura oral, e também na cultura popular, novas formas de expressão literária. Entendamo-nos numa coisa: até à data, e salvo raríssimas excepções, o escritor angolano tem-se ficado pelos centros urbanos. Mas o país é muito grande, e há uma outra realidade, há o interior e toda uma intimidade que ainda não foi abordada... O território é vasto — e tem vindo a escapar à literatura. Numa palavra: é necessário que toda Angola surja nos livros que venham a ser escritos por angolanos. Todo um povo, até para bem da unidade nacional, tem de aparecer nas páginas desses livros. Isso será a revelação inteira da nossa identidade, e também o mútuo esclarecimento de nós todos... Ai, sim, é que o escritor é um combatente. Ai é que ele está com o seu país. Com a sua pátria... Ai é que o escritor merece ser traduzido e lido, amado e compreendido, assim passando, muito naturalmente, do particular para o universal... De Luanda para Lisboa, de Lisboa para Luanda. Adeus, que me vou embora — e um abraço para todos...



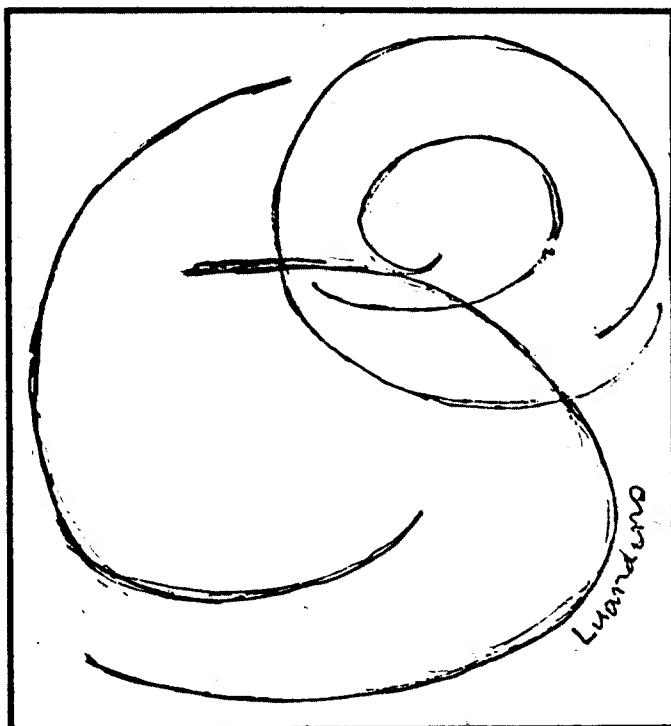
«Uma quitandeira» (Luanda, 78, reproduzido num cartão postal da União Nacional de Artistas Plásticos)

nacional. Que é uma questão que sobreleva todas as outras... Além disso, «Mayombe» representa também um avanço formal no trabalho estético-linguístico. É ler, ler com atenção, com amor, e ver-se-á... Pepetela, pois, é isto. Outros nomes, no entanto, vão aparecendo... Embora todos eles, repito, absorvidos pelas tarefas da reconstrução nacional, ou como quiser... Costa Andrade, aí está, que vai recolhendo a tradição oral e a vai recriando. Ou, então, Manuel Rui, que se dá a uma literatura de pendor crítico, com

tar em mim. Há outros — e é por isso mesmo que a nossa literatura vai continuar...

Quarta: nova língua

«Quer voltar agora a mim, é...? Mas olhe que eu sou a transição para os outros... Os outros também devem ser ouvidos... Pergunta-me então se penso os meus livros difíceis para o público português... Penso e não penso. Ler é sempre um acto de amor — e o amor encontra sempre soluções para a compreensão de todos os pro-



«Mulher acocorada» (Luanda, 58, do arquivo de António Cardoso)

Luanda e Tarrafal... Detido em 61, sai do Tarrafal em 72... Quando do prémio da Sociedade Portuguesa de Escritores, dado ao meu livro 'Luanda', eu estava encarcerado... Isto diz muito das minhas opções. Se assim sofria por Angola, que língua, que gramática, que processos de construção deveria eu adoptar como escritor para dar testemunho da realidade ao povo a que pertence...? O português correcto, a escrita lusa, o acordo ortográfico luso-brasileiro...? Evidentemente que não. Teria de apanhar

entrevista a um escritor... Claro que tem razão de ser... Mas sempre lhe digo que um escritor, quando verdadeiramente escritor, escreve sempre. Quando e onde...? dentro dele, por exemplo. Para passar depois a limpo, como há pouco disse... Atentemos no meu caso...

Grande parte da minha obra literária nasceu nas prisões coloniais. Em Cabo Verde, no Tarrafal, por exemplo... Como matar o tempo...? Optei por escrever. Só assim podia romper com o isolamento. Quando escrevia, evadia-me da degra-

Sábado: quem lê

«Eu sugeria-lhe uma pergunta... Até para eu não falar tanto de mim... Posso...? Pergunte-me então se o povo angolano lê... Aceitou a sugestão,